

# ESTUDOS

Lingüísticos e Literários

Número Especial / setembro 1996



Mestrado em Letras  
Universidade Federal da Bahia

# ESTUDOS

## Lingüísticos e Literários

Número especial  
em homenagem ao Septuagésimo Aniversário  
do Prof. Nilton Vasco da Gama

Estudos Lingüísticos e Literários, nº especial, Salvador, Programa  
de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, Universidade  
Federal da Bahia, set. 1996, 276p.  
15,5 x 22,5 cm.

1. Letras - Periódicos I. Mestrado em Letras,  
Universidade Federal da Bahia.

CDU 8 (05)

# ESTUDOS

Lingüísticos e Literários

## STUDIA PHILOLOGICA

Número especial  
em homenagem ao Septuagésimo Aniversário  
do Prof. Nilton Vasco da Gama



Mestrado em Letras  
Universidade Federal da Bahia

# ESTUDOS

## Linguísticos e Literários

Número especial

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM LETRAS E LINGÜÍSTICA

Universidade Federal da Bahia  
PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

### Cordenador do PPGLL

Celia Marques Telles

### Editor

Celina Scheinowitz

### Co-Editor

Evelina Hoisel

### Conselho Editorial

Lígia Guimarães Telles (UFBa)  
Luiz Antônio Marcuschi (UFPe)  
Maria da Conceição Paranhos (UFBa)  
Regina Zilberman (PUC/RS)  
Rosa Virgínia Mattos e Silva (UFBa)  
Serafina Pondé (UFBa)

### Assessoramento Editorial

Conceição Torres (UFBa)  
Jacques Salah (UFBa)  
Robélia Cabral (UFBa)

### Projeto Gráfico / Editoração

Manoel Boullosa e Bete Capinan

## UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

### Reitor

Luis Felliipe Serpa

## INSTITUTO DE LETRAS

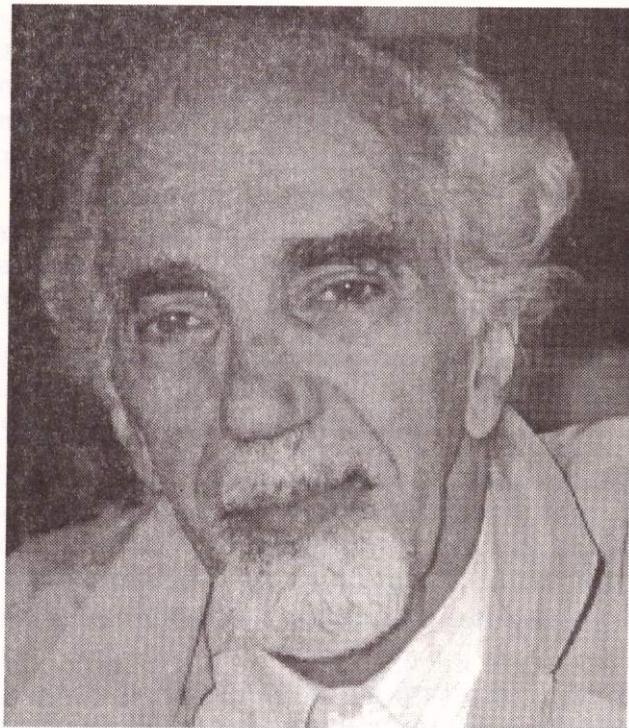
### Diretor

Aurélio Lacerda

### Vice-Diretor

José Carlos Sant'Anna

INSTITUTO DE LETRAS  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
Campus de Ondina, CEP 40.170-290,  
Salvador, Bahia, Brasil  
Telefone: (071) 366-0790  
Fax: (071) 336-8355  
E-MAIL: PGLET@UFBA.BR



Prof. Nilton Vasco da Gama



## NILTON VASCO DA GAMA: O HOMEM DE CIÊNCIA DE D'ARBOIS DE JUBAINVILLE

Célia Marques Telles

UFBA

Prof. Dr. NILTON VASCO DA GAMA, hoje PROFESSOR EMÉRITO da Universidade Federal da Bahia. Todos nós, membros da sua equipe de Filologia Românica, dos mais antigos àqueles que estão chegando agora, seus discípulos e alunos, somos a prova cabal do que construiu na Universidade Federal da Bahia: a equipe de Filologia Românica. Líder nato, professor em todos os momentos, ensinou a estudar e a aprender. Ergueu com dedicação, pertinácia, coragem e amor um Grupo de Trabalho que se consolidou há mais de trinta anos.

Ensinou a todos o amor e a fidelidade à Filologia Românica, tal como no documento românico mais antigo, que jamais admitiu ser desconhecido, desde os primeiros dias de trabalho, por qualquer um de nós. Desse modo, todos aprendemos a, por assim dizer, “jurar” fidelidade aos estudos da Filologia Românica:

*Pro deo amur et pro chrisptian poblo et nostro commun salvament, d'ist di in avant, in quant deus savir et podir me dunat si salvarai eo (...) et in adiudha, et in cadhuna cosa, sicum om per dreit (...) dift (...)*

Professor Emérito, sempre Professor: ensinou a estudar, a pesquisar, a apresentar os resultados do trabalho. Dia a dia, passo a passo, seus conselhos são pedidos e seguidos. Desde a Faculdade de Filosofia e, conseqüentemente, no Instituto de Letras, tem trabalhado para a formação de uma equipe, o **Grupo de Trabalho de Filologia Românica**, e seus discípulos procuram seguir os passos do Mestre.

Em vinte e seis anos de vida acadêmica no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia foram inúmeras as vezes que o Prof. Dr. NILTON VASCO DA GAMA ocupou uma das cadeiras da Congregação (1970-1972, 1972-1974, 1974-1976, 1976-1978, 1978-ago.1979, 1986-1988, 1988-1990), quer como representante do seu Departamento (de Letras Românicas ou de Fundamentos para o Estudo das Letras), quer como representante da Classe dos Professores Adjuntos. Ativo, eficiente, lutador, muito tem contribuído, desde o momento da criação do Instituto de Letras, ao ter-se desmembrado da Faculdade de Filosofia o Departamento de Letras, durante a reforma da Universidade nos idos dos anos sessenta.

Junto à administração do Instituto de Letras, o Prof. Dr. NILTON VASCO DA GAMA ocupou os cargos de Chefe do Departamento de Letras Românicas (1969-1971, 1971-1973), de Vice-Coordenador do Colegiado dos Cursos de Letras (1969-1972), de Coordenador do Colegiado dos Cursos de Letras (1972-1974), tendo sido também membro do Conselho Departamental (1969-1973). Dividindo as suas atividades de ensino entre os cursos de Graduação em Letras e o Curso de Mestrado em Letras — de que é um dos criadores —, foi, sucessivas vezes, quer o repre-

sentante da matéria Filologia Românica no Colegiado dos Cursos de Letras, quer membro do Colegiado do Curso de Mestrado em Letras. Em todos estes Órgãos sempre destacou-se pela sua atuação determinada e eficaz na luta pela solidificação do Instituto e pela melhoria dos cursos na área das Letras. Até ao dia 17 de julho de 1995, foi o representante da área de Filologia Românica no Colegiado da Pós-Graduação em Letras.

Cabe aqui, ainda, uma palavra sobre outras atividades ligadas à administração central desta Universidade. Foi o Professor Nilton Vasco da Gama, por duas vezes, incumbido pelo, então, Departamento Cultural de preparar a edição do **IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros** (em 1962 e em 1964-1965), tarefa que não pôde ser levada a cabo, apesar de todos os seus esforços. Como uma das suas atividades no Setor de Lingüística do Centro de Estudos Afro-Orientais foi em 1963 o responsável pelo **Curso de Português para Bolsistas Africanos**, que resultou na publicação dos dois volumes do Curso.

A atual Biblioteca do Instituto de Letras teve no Professor Nilton Vasco da Gama, sobretudo em suas viagens a Paris e a Strasbourg, nos anos cinqüenta, um intermediário na aquisição de excelentes títulos, entre os quais podem destacar-se o **Atlas Linguistique de la France** de Jules Gilliéron, hoje uma raridade, ou a, infelizmente interrompida, assinatura de **Romania**, a clássica revista francesa de Romanística. As mais antigas bibliotecárias da Biblioteca Isaías Alves recorriam ao Professor e Amigo Nilton Vasco da Gama para esclarecimentos quanto ao conteúdo de alguns livros, sobretudo quando escritos em língua alemã. O acervo de livros romenos da Biblioteca do Instituto de Letras chegou até lá devido à transferência do material bibliográfico que lhe foi doado para a matéria Filologia Românica pela Academia Republicii Romîne. Não há quem melhor conheça o acervo da Biblioteca do Instituto de Letras!

Personalidade forte, homem de caráter, modéstia e humildade científica, os professores, os funcionários e os alunos têm no Professor Nilton Vasco da Gama um Amigo.

Mais de quarenta e dois anos de vida acadêmica, que ainda continua! Professor de Ensino Superior, muito jovem ainda, é o responsável pela Cadeira de Filologia Românica. Vemo-lo, em 1955, ingressar no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia. Entretanto, dois anos antes, já integrava o quadro de pessoal da Faculdade de Filosofia, como Professor de Ensino de 2º Grau, no Colégio de Aplicação.

A sua vida acadêmica pode dizer-se compreender três etapas, nas quais se destaca a sua dedicação exclusiva, de fato e de direito, aos estudos da Romanística: 1) de 1953 até inícios dos anos 60; 2) a década de 60; 3) a partir dos anos 70.

Até 1960 foi professor, inicialmente, de Filologia Portuguesa e, logo depois, de Filologia Românica, dividindo as suas atividades, no ensino da Filologia Românica, da Língua Portuguesa e da Lingüística, entre a Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e a Faculdade Católica de Filosofia. Neste período, foi Professor Titular de Filologia Românica e de Lingüística da Faculdade Católica de Filosofia.

Na década de 60, distribuí a sua atividade exclusivamente no âmbito da Universidade da Bahia, depois Universidade Federal da Bahia, entre a Faculdade de Filosofia e a Escola de Biblioteconomia e Documentação, dedicando-se unicamente aos estudos filológicos, quer ensinando Filologia Românica, quer Paleografia — cujos estudos implantou nesta Universidade, ao retornar da França. Nesse período, conquista uma sala, — a Sala 17 do antigo prédio do Instituto de Letras, onde funcionava a Faculdade de Filosofia, — cuja disponibilidade defende com garra e obstinação e ali instala o emergente Grupo de Trabalho de Filologia Românica. Conheci-o nessa época.

A partir dos anos 70, com a reforma implantada na Universidade Federal da Bahia e, conseqüentemente, em regime de Dedicção Exclusiva, ei-lo, como sempre desejou, trabalhando apenas no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Lotado, pelas circunstâncias burocráticas, em dois Departamentos do Instituto de Letras (o Departamento de Letras Românicas e o Departamento de Lingüística, Teoria da Literatura e História da Literatura), passando, pouco depois, a ser lotado em um único Departamento (o de Fundamentos para o Estudo das Letras). Nesse momento, vê frutificado o seu trabalho no campo da Romanística e o preparo do seu Grupo de Trabalho, ao consolidar-se a sua equipe de Filologia Românica com a abertura dos concursos públicos.

Espírito de liderança, sempre trabalhou com seus estudantes, formando de início pequenos grupos de trabalho, quer na Faculdade Católica de Filosofia, quer na Faculdade de Filosofia ou no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

A todos tem ensinado a *estudar*, a *aprender*, a *pesquisar* e a *ensinar*; a *laborar com os alunos* e a *dirigir-lhes o trabalho*; a *orientar novos estudantes*. Cada um de nós sempre teve uma responsabilidade na sua equipe e continua a tê-la. A todos ensina, tudo coordena, nada lhe passa despercebido.

Tem preparado, assim, pode dizer-se três gerações de professores. Orientou monografias de Graduação e de Especialização e dissertações de Mestrado. Examinou teses de Doutorado e de Livre Docência e não apenas na Universidade Federal da Bahia.

É resultado do seu esforço — dir-se-ia *trabalho*, no sentido de base — o fato de a Filologia Românica gozar de prestígio nos Cursos de Letras no Estado da Bahia: na Universidade Federal da Bahia, na Universidade Católica do Salvador, na Universidade Estadual de Feira de Santana e na Universidade do Estado da Bahia. Graças aos seus esforços, a Universidade Federal da Bahia oferece nos Cursos de Pós-Graduação *stricto sensu* duas linhas de pesquisa no campo dos estudos filológicos: **Mudanças Lingüísticas na România** e **Crítica Textual**. Na linha de **Crítica Textual**, após ter iniciado pesquisas em edição crítica de textos quinhentistas não literários (de que trouxera microfilmes da Biblioteca Nacional de Paris, em 1955), criou, em 1977, o Grupo de Edição Crítica de Textos que, desde então, vem se dedicando também à edição crítica da obra do poeta baiano Arthur de Salles.

No seu gabinete de trabalho, na Universidade ou em casa, pode-se vê-lo

como se fosse absorvido pelos volumes da sua vasta e preciosa biblioteca, inesgotável fonte de pesquisa para si próprio e para alguns privilegiados. Cerca de mais de dez mil volumes de bibliografia especializada, cada dia mais especializada, onde são encontradas obras raras e preciosas no campo da Romanística, coleções quase completas de revistas — como a **Zeitschrift für romanische Philologie**, a **Romania** ou o **Boletim de Filologia** —, além de dicionários desde o **Französische etymologische Wörterbuch**, de Walther von Wartburg, ao **Trésor de la langue française**, dir. por Paul Imbs.

Ligado à Escola Germânica e à Escola Francesa, em três momentos da sua carreira, afastou-se da atividade universitária para dedicar-se a estudos em Paris ou em Strasbourg.

1) 1955-1956, na Université de Paris, Sorbonne, e na École Pratique des Hautes Études, onde seguiu, como bolsista, cursos de **Fonética Geral, Filologia Românica, Antigo Provençal, Romeno, Paleografia e Línguas e Literaturas da França e da Península Ibérica**, sendo, então, aluno de Jean Boutière, Pierre Fouché, O. Nandris e de I.S. Révah.;

2) no ano de 1959, estudou **Fonética Geral e Filologia Românica** na Université des Sciences Humaines de Strasbourg, seguindo os cursos de G. Straka e Paul Imbs, entre outros; nessa época, trabalhou com Georges Straka no Laboratoire de Phonétique Expérimentale da Université de Strasbourg;

3) no período de 1979 a 1982 volta à Université des Sciences Humaines de Strasbourg para um trabalho de Pós-Doutoramento na área de **Lexicografia Românica Medieval**, seguindo cursos como os de K. Baldinger e trabalhando sob a orientação inicial do seu amigo Georges Straka e depois de Irène Tamba.

Membro de uma geração para a qual o mestrado e o doutorado não eram cursos facilmente oferecidos, apresenta-se ao Concurso de Livre Docência em Filologia Românica na Universidade Federal de Santa Catarina, em 1974, com a tese **A Polissemia e a polifuncionalidade do fr. si: tentativa de explicação inter-românica**.

No campo da Filologia Românica o “**seu cantinho**” — como uma vez lhe perguntou Eugenio Asensio — sempre foi o da fonética e, sobretudo, o da lexicologia, seguindo a linha do estruturalismo europeu. Desse modo, desde cedo, desenvolveu com a sua equipe estudos no vocabulário de Dom Duarte (no **Leal Conselheiro** e no **Livro da Enseñança de bem Cavalgar toda Sela**), e no vocabulário das **vidas** dos trovadores provençais. A partir do estudo do vocabulário da **vida** dos trovadores occitanos ficou intrigado com a construção **si fo** que, finalmente, em 1974, resultou na sua tese de Livre Docência apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina: **A Polissemia e a polifuncionalidade do fr. si: tentativa de explicação inter-românica**, e no artigo dela resultante, publicado nos *Travaux de Linguistique et de Litterature* da Université de Strasbourg. Nesse meio tempo, após ter feito recolher elementos em pesquisa de campo no município de Maragogipe - BA, fez alguns estudos lexicais a partir dos dados coletados relativos à **produção da loiça**

**de barro, à indústria artesanal do fumo, à produção da farinha de mandioca.**

O seu Pós-Doutorado na Université de Strasbourg teve como principal ponto de interesse o estudo da Lexicologia e da Semântica, sendo objeto do seu enfoque o **Vocabulário político-social das cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores galego-portugueses**. Nos Seminários de Kurt Baldinger, trabalhou intensamente sobre a criatividade lexical em Rabelais (**Gargantua e Pantagruel**).

Exemplo do seu método de investigação é a conferência **Port. ant. senhor = fr. ant. seignor, prov. ant. senher?**, onde compara a extensão semântica do conceito 'senhor' em português antigo (e galego-português), em francês antigo e em provençal antigo. Sua paixão, dir-se-ia, pelos estudos léxico-semânticos é contagiante todos os seus alunos, de Graduação ou de Pós-Graduação, acabam fazendo digressões no campo da Lexicologia ou da Semântica. Exigente na elaboração das entradas lexicais, procedeu a uma revisão rigorosa no **Glossário** da edição crítica do poema **Sangue-mau** de Arthur de Salles, durante os anos de 1983-1986, em seções periódicas dos Seminários de Filologia Românica, que dirige há trinta anos e ainda hoje realizados regularmente sob a sua direção. A análise das estruturas semânticas e a organização dos campos lexicais não parecem ter segredo para a sua mente especulativa.

Atualmente, o Professor Doutor Nilton Vasco da Gama dedica-se ao estudo da Historiografia da Lexicologia Românica, como Professor Emérito continuará ministrando aulas nos Cursos de Pós-Graduação em Letras, além de jamais ter deixado de liderar o Grupo de Trabalho de Filologia Românica (professores, pós-graduandos e bolsistas da Graduação em Letras).

Parabéns Professor Nilton Vasco da Gama pelo que construiu e ajudou a construir nesta Universidade!



## **Cronologia Biográfica**

### **1925**

Nasceu em 17 de julho, na Cidade do Salvador, Bahia, filho de Rodrigo Vasco da Gama e Honorina Freitas da Gama.

### **1950**

Professor de Língua Portuguesa em Cursos Preparatórios para Concursos Públicos.

### **1952-1953, 1954**

Professor de Português do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

### **1953**

Licenciou-se em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

### **1954**

Instrutor de Português do Ensino Médio do Instituto Normal da Bahia.

### **1954-1957**

Professor Titular de Filologia Românica e de Lingüística dos Cursos de Letras na Faculdade Católica de Filosofia da Bahia.

### **1955**

Professor de Língua Portuguesa nos Cursos de Letras Clássicas, Neolatinas e Anglo-Germânicas da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

24 de setembro, casou-se com Albertina Ribeiro da Gama, com quem tem três filhos .

### **1955-1956**

Cursos de Especialização em Filologia Românica, Antigo Provençal, Romeno e Paleografia, na Université de Paris, Faculté des Lettres et Institut Catholique de Paris, Enseignement Supérieur Libre, França.

Curso de Especialização em Fonética Geral, na Université de Paris, Institut de Phonétique, França.

Curso de Especialização em Línguas e Literaturas do Sul da França e da Península Ibérica, École Pratique des Hautes Études, Paris, França.

**1956, set.**

Foi nomeado Assistente Voluntário da Cadeira de Língua Portuguesa da Universidade da Bahia.

**1957-1967**

Professor Regente da Cadeira de Filologia Românica da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

**1957-1969**

Membro do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

**1959**

Cursos de Especialização em Filologia Românica e Fonética Geral, na Université des Sciences Humaines de Strasbourg, França.

**1961**

Responsável pelo Curso de Extensão sobre Romanização na Península Ibérica, na Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia.

**1961-1964**

Membro do Conselho Deliberativo do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.

**1961-1964**

Chefe do Setor de Lingüística do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia.

**1962**

Parainfo dos Bacharéis e Licenciados pela Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia

**1962**

aos dias atuais, Coordenador da Equipe de Filologia Românica, com trabalhos desenvolvidos em duas grandes linhas de pesquisa: *Mudanças Lingüísticas na România* e *Crítica Textual*.

**dez.1962-jan.1963**

Coordenador do Curso de Português para Estrangeiros a bolsistas de Ghana e da Nigéria, no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia.

**1962-1968**

Professor de Paleografia (até 1968), Literatura Universal (de 1965 a 1968), Literatura Geral e Contemporânea (até 1964), Literatura Portuguesa (até 1966) e Literatura Brasileira (até 1964), na Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Bahia.

**1963**

Conferência pronunciada no Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia: **O sistema de transcrição fonética.**

**1967-1969**

Professor Adjunto, matéria Filologia Românica, do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia

**1968**

Indicado na lista tríplice para escolha do Coordenador do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1968-1969**

Membro do Conselho Deliberativo da Escola de Biblioteconomia e Documentação da Universidade Federal da Bahia.

**1968-1979**

Chefia do Setor de Filologia Românica.

**1969**

Membro da Comissão de elaboração do Programa para Concurso de Lingüística, na Universidade da Bahia..

- Membro da Comissão de Publicação da Reitoria da Universidade da Bahia.

**1969-1973, 1977-82, 1984-1986, 1992-1995**

Orientador de Dissertações de Mestrado na Universidade Federal da Bahia.

**1969-1975**

Membro do Colegiado do Curso de Biblioteconomia.

**1969-1978**

Membro do Departamento de Letras Românicas do Instituto de Letras; Membro do Departamento de Lingüística, Teoria da Literatura e História da Literatura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1969-1995**

Professor Adjunto, matérias Filologia Românica (até 1995), Paleografia e Ecdótica (até 1983) e Literatura Universal (até 1975), do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia

**1969-1972**

Vice-Coordenador do Colegiado dos Cursos de Letras.

**1969-1973**

Chefe do Departamento de Letras Românicas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

Membro do Conselho Departamental do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1970-1972, 1972-1974, 1974-1976, 1976-1978, 1978-ago. 1979, 1986-1988, 1988-1990**

Membro da Congregação do Instituto de Letras, quer como representante do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras, quer como representante da Classe de Professores Adjuntos.

**1971**

Indicado na lista sêxtupla para escolha do Diretor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1971**

Indicado na lista sêxtupla para escolha do Vice-Diretor do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1971,1972, 1984, 1985**

Orientador de Monitoria no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1972, 17 nov.**

Conferência pronunciada na I Semana de Estudos de Filologia Românica, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia: **Relações sintagmáticas e associativas.**

**1972-1974**

Coordenador do Colegiado dos Cursos de Letras.

**1974**

Membro de Comissão Julgadora de Dissertação de Mestrado, na Universidade Federal da Bahia.

**1974**

Livre-Docência em Filologia Românica, na Universidade Federal da Santa Catarina. Tese: *A Polissemia e a polifuncionalidade do francês si: tentativa de explicação interromânica.* Aula: *Classificação das Línguas Românicas.*

**1975, ago.**

Membro da Comissão Julgadora do Concurso para Livre-Docência de Ivone Christoval, *Duas cantigas de escárnio e maldizer na cultura medieval peninsular: estudo crítico-filológico*, em Língua e Filologia Portuguesa, na Universidade Federal de Santa Catarina .

**1976, 1 abril**

Doutorado em Letras, Universidade Federal de Santa Catarina.

**1976-1995**

Professor Permanente do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1976- ago. 1979**

Membro do Colegiado do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1977, 10 out.**

Conferência pronunciada na inauguração da Semana Comemorativa do Milenário da Língua Espanhola: *A Formação do Espanhol; uma visão sociolingüística*, no Museu Carlos Costa Pinto, Cidade do Salvador, Bahia.

**1978- jul. 1995**

Membro do Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia

**1979-1982**

Pós-Doutorado, Université des Sciences Humaines de Strasbourg, trabalhando com *Lexicografia românica medieval; Approche sémantique du vocabulaire des troubadours galliciens-portugais*.

**1980**

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Vera Lúcia Nascimento Britto à Universidade Federal da Bahia.

**1982**

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Célia Marques Telles à Universidade Federal da Bahia.

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Teresa Leal Gonçalves Pereira à Universidade Federal da Bahia.

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Hilda Maria de Carvalho Castro à Universidade Federal da Bahia.

**1983**

**Aula inaugural do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia: *Port. ant. senhor = fr. ant. seignor, prov. ant. senher?***

**1986**

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Célia Goulart de Freitas Tavares à Universidade Federal da Bahia.

**1988-1992**

Orientador de Bolsista de Iniciação Científica no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1988-1990**

Membro da Congregação do Instituto de Letras, quer como representante do Departamento de Letras Românicas ou de Fundamentos para o Estudo das Letras, quer como representante da Classe dos Professores Adjuntos.

**1984-1986, 1988-1990, 1994-jul. 1995**

Membro do Colegiado do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia.

**1991**

Indicado pelo Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia para Premiação de Pesquisador do Ano.

**1993-1994**

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Maristela de Araújo à Universidade Federal da Bahia.

**1995**

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Rosa Borges Santos Carvalho à Universidade Federal da Bahia.

Membro da Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado apresentada por Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz à Universidade Federal da Bahia.

**1996**

Membro da Banca Examinadora da Tese de Doutorado apresentada por Teresa Leal Gonçalves Pereira à Universidade de São Paulo, área de Filologia e Língua Portuguesa.

**1996**

Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia.

## SUMÁRIO

### 1 ESTUDOS FILOLÓGICOS

- Considerações sobre a edição crítica de um episódio inédito de um romance francês do século XIII** 25

Albertina Ribeiro da Gama

- Três roteiros do século XVI** 31

Célia Marques Telles

- A *Post-Vulgata* arturiana na Península Ibérica: suas relações com os testemunhos-fonte agora divulgados** 43

Heitor Megale

- Fernan Soarez de Quinhones: duas leituras críticas de sua obra** 55

João Antônio de Santana Neto

- O Ramo da fogueira* prosa e verso de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica.** 63

Maria Conceição Souza Reis

- Dois antigas versões portuguesas de “A vida de Santo Aleixo”: exercício de edição crítica de textos manuscritos** 69

Risonete Batista de Souza

- Peccador* ou *Vae victis?*: proposta de edição crítica de um soneto de Arthur de Salles** 83

Rita de Cássia Ribeiro Queiroz

- Estruturas relativas na *Carta de Pero Vaz de Caminha*** 91

Terezinha Maria de Melo Barreto

### 2 ESTUDOS LEXICAIS

- Sincronia e diacronia no dicionário de Littré** 109

Celina Scheinowitz

- O amor* nas cantigas de *escarnho*: uma tentativa de descrição estrutural do vocabulário de duas cantigas de trovadores galego-portugueses** 117

Elisabeth Baldwin

<b>O campo lexical da traição, na versão em língua portuguesa do <i>Macbeth</i>, realizada por Arthur de Salles</b>	<b>129</b>
Hilda Ferreira de Carvalho Amitay	
<b>Linguagem e travessia cultural: de Albion ao Lácio e vice-versa</b>	<b>135</b>
Luiz Angélico da Costa	
<b>O vocábulo “azulejo”: sua origem e evolução em algumas línguas neolatinas</b>	<b>143</b>
Samantha de Moura Maranhão	
<b>O vocabulário de astronomia náutica em um <i>Livro de Marinharia</i> quinhentista</b>	<b>151</b>
Teresa Leal Gonçalves Pereira	

### **3 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS**

<b>Breves reflexões sobre a dialectologia galega</b>	<b>163</b>
Anna Maria Nolasco de Macêdo	
<b>Arthur de Salles e a tradução do <i>Macbeth</i>: algumas considerações sobre a dimensão humana do tradutor</b>	<b>179</b>
Gustavo Ribeiro da Gama	
<b>Algumas reflexões sobre a atuação da <i>Lei Tobler-Mussafia</i> no português arcaico</b>	<b>187</b>
Ilza Ribeiro	
<b>Da pesquisa lingüística à gramática pedagógica: uma página do livro didático do 1º grau</b>	<b>199</b>
Judith Freitas	
<b>Alguns aspectos da linguagem na sua realidade histórica</b>	<b>207</b>
Lys Miréia Santaché	
<b>A noção de latim vulgar</b>	<b>215</b>
Mário Augusto da Silva Santos	
<b>As proposições infinitivas em latim e nas línguas românicas</b>	<b>223</b>
Rosauta Maria Galvão Fagundes Poggio	
<b>Notícia sobre o “Programa para a história da língua portuguesa - PROHPOR”</b>	<b>231</b>
Rosa Virgínia Mattos e Silva	
<b>Dequeísmo: um fenômeno da România nova?</b>	<b>239</b>
Suzana Alice Marcelino Cardoso	

#### **4 ESTUDOS LITERÁRIOS**

<b>Contraste de culturas em <i>Il capreto nero</i> de Luigi Pirandello</b>	<b>249</b>
Eugênia Maria Galeffi	
<b>Filologia e Poesia</b>	<b>259</b>
Ildásio Tavares	
<b>Eugênio Gomes e Arthur de Salles: uma amizade em revista</b>	<b>261</b>
Ivia Alves	
<b>Amor e morte na poesia do poeta provençal Jaufre Rudel</b>	<b>269</b>
Maria Luigia Magnavita Galeffi	



**ESTUDOS FILOLÓGICOS**



## Considerações sobre a edição crítica de um episódio inédito de um romance francês do século XIII

Albertina Ribeiro da Gama

UFBA

### Resumo

Considerações sobre a edição crítica do episódio inédito de *Mont Esclaire* do romance francês Méliacin, séc. XIII, de Girart d'Amiens, na versão do manuscrito de Florença da Biblioteca Riccardiana 2757. A opinião dos editores sobre o "episódio" e a descrição e a tradição manuscrita, a aplicação do método de Joseph Bédier.

A Nilton Vasco da Gama,  
a quem devo a minha formação  
intelectual e profissional.

### 1 O romance

O romance *Méliacin*, de Girart d'Amiens é uma longa narrativa com 19.159 versos, cuja fonte é um conto oriental das *Mil e uma Noites* chamado *A história do cavalo encantado*, consideravelmente ampliado pelo autor francês. Foi trazido oralmente da Espanha e transmitido por Blanche de France a Girart d'Amiens, que o escreveu para o círculo real de Philippe IV, o Belo, e sua família<sup>1</sup>.

Tudo o que se sabe sobre o referido autor é que seu período de criação situa-se no fim do século XIII. Escreveu para grandes personalidades da corte da Inglaterra e da França. Os dois romances *Escanor* (1280), *Méliacin* (1285) e a canção de gesta de *Charlemagne* (1295) compõem toda sua obra<sup>2</sup>.

*Méliacin* é a história de uma traição, da qual os principais personagens são o príncipe Méliacin, a princesa Célinde e o mágico Clamazart, velho de monstruosa feiúra, instrumento do destino, que permitirá a descoberta de Célinde por Méliacin.

Girart d'Amiens fundamenta a moral dos seus personagens nos prin-

1 Cf. GAMA, Albertina Ribeiro da. *Édition des épisodes inédits du Méliacin de Girart d'Amiens dans la version du manuscrit de Florence*. Strasbourg: Univ. des Sciences Humaines, oct. 1982. xLviii+382p. Thèse de Doctorat, dir. par Antoinette Saly.

2 Cf. SALY, Antoinette. *Édition critique du Méliacin de Girart d'Amiens, accompagné d'une étude historique et littéraire*. Paris: Sorbonne, 1977. Thèse d'État.

cípios da sociedade feudal, onde a suprema virtude é a fidelidade e a *palavra de honra* é o alicerce da sociedade. O autor é dotado de um temperamento lírico, com seu próprio estilo. Seu vocabulário é pobre, mas sua versificação é rica. É uma obra de importância na história literária francesa, sobretudo no que tange à fidelidade de adaptação do conto oriental das *Mil e uma Noites*.

## 2 O inédito

Quanto ao episódio de *Mont Esclaire*, trata-se de um conjunto de aventuras que se desenvolve em *oposição ao enredo principal*. É em *Mont Esclaire* que Méliacin se torna digno da simpatia e da admiração do rei da Pérsia, pai da princesa Célinde, pela bravura cavalheiresca. Vale acrescentar que esse *longo episódio de guerra* aumenta a tensão do leitor, por se tratar de uma guerra provocada pelo rapto de uma noiva. O tema pode ser de fundo árabe, mas não se acha incluído nas versões conhecidas do conto oriental.

No que concerne ainda a *Mont Esclaire*, a crítica de alguns filólogos se mostra severa relativamente a esse episódio de cerca de 6000 versos. Gaston Paris é de opinião que o episódio é muito longo e *estranho* ao conteúdo do romance; para Albert Henry ele constitui uma ampliação de intolerável tamanho; Paul Aebischer, na sua edição, preferiu ater-se aos outros episódios do romance, que formam um conjunto de mais de 5000 versos e que se apresentam como os três pontos característicos do velho conto árabe<sup>3</sup>.

Antoinette Saly afirma que o episódio de *Mont Esclaire* peca por excesso, mas que não é absolutamente estranho ao tema principal do romance, tratando-se de um conjunto de aventuras que se desenvolvem paralelamente à intriga principal.

No episódio de *Mont Esclaire*, o autor explora o tema de amizade entre dois inimigos que se detestam, se combatem, mas se admiram, tornando-se amigos e depois parentes; ambos têm o mesmo ideal de cavaleiros.

Partindo do princípio de que a aventura de *Mont Esclaire* se integra perfeitamente ao romance de fonte oriental de Girart d'Amiens, resolvemos editá-la, visando a preencher lacunas apresentadas nas outras edições<sup>4</sup>, até mesmo na última, elaborada por Paul Aebischer em 1974, *Le roman du cheval de fust ou de Méliacin*<sup>5</sup>.

3 Cf. id., *ibid.*

4 Cf. KRÜGER, K. *Das Verhältnis der Handschriften von Girart d'Amiens Cheval de Fust*. Greifswald, 1910. Diss.; STENGEL, E. Die altfranzösischen liederliche aus Girardin's d'Amiens du Cheval de Fust. *ZRPh*, Halle, v.10, p.460-76, 1886.

5 Cf. D'AMIENS, Girart. *Le roman du cheval de fust ou de Méliacin*. Génève: Droz, 1974. Éd. de Paul Aebischer.

Em *Mont Esclair* salientam-se 6000 versos, não editados, considerados de grande valor, como já enfatizamos antes, pois representam a *criação do autor* em relação ao conto oriental das *Mil e uma Noites*.

É na edição desse episódio, onde se encontra a *maior originalidade* do romance.

### 3 A tradição manuscrita

*Méliacin* é representado por cinco manuscritos<sup>6</sup>:

- Ms. **A** - Paris, Biblioteca Nacional, fundo francês, cota 1633.
- Ms. **B** - Paris, Biblioteca Nacional, fundo francês, cota 1589.
- Ms. **C** - Florença, Biblioteca Riccardiana, cota 2757.
- Ms. **D** - Paris, Biblioteca Nacional, fundo francês, cota 1455.
- Ms. **E** - Bruxelas, Biblioteca Real IV, cota 319.

Os manuscritos da família **x** [**A** e **B**] são do século XIII, enquanto os das famílias **y** [**C**] e **z** [**D** e **E**] são do século XIV.

O manuscrito **C** (de Florença) é o único representante da família **y** e nas edições parciais existentes desse ms. **C**, os editores se abstiveram de editar, como já foi dito, a parte mais original do romance *Méliacin*, preocupando-se somente com os episódios referentes ao conto árabe.

Ao levar em conta todos esses fatores, decidimos trabalhar com 12.782 versos dos episódios do ms. **C**, aí incluídos os 6.000 inéditos de *Mont Esclair*.

### 4 O manuscrito de Florença: o manuscrito C

O manuscrito **C** da Biblioteca Riccardiana é do início do século XIV<sup>7</sup>. Em octossílabos, e rimas ricas onde se destacam as leoninas, as opostas e as aparentes, é em dialeto franco-picardo e em escrita gótica.

Texto em duas colunas com 30 linhas, exceto nos fólhos ornados com miniaturas e naqueles que contêm as inserções líricas. A disposição estrófica das cantigas não é respeitada, isto é, entre cada linha desses textos existe um intervalo de duas linhas reservado para a música que não consta do manuscrito. Nota-se o mesmo intervalo entre o texto do romance e o início dos textos líricos. Medida de 255mm X 180mm; a folha de guarda, numerada 1, é um fólho de um livro de salmos, enquanto os dois outros, numerados 173 e 174, trazem igualmente um texto em latim; possui 20 cadernos regulares de 6 fólhos.

6 Cf. SALY, Antoinette. *Édition critique...*

7 Cf. GAMA, Albertina Ribeiro da. *Édition des épisodes inédits...*

Os cadernos I e III trazem assinaturas e os fólhos 9, 23, 63, 135 e 157 têm observações no verso. A grande inicial que marca o começo do texto ocupa 10 linhas e está enquadrada e ornada com ramagens, avançando mais 7 linhas, prolongando-se por um ramo de trepadeira com um pássaro; apresenta letrinas, filigranas e antenas.

Para o manuscrito C, de Florença, adotamos o método de Joseph Bédier que é aquele, como se sabe, que consiste em: 1) ler separadamente cada manuscrito; 2) editar um só manuscrito; 3) corrigir o menos possível o manuscrito.

Em sua tradição manuscrita do *Lai de l'ombre*<sup>8</sup>, Joseph Bédier observa que: "ao ler separadamente os três manuscritos do *Lai de l'ombre*, são eles A, E, F, reconhecem-se aí três formas do texto diversamente, mas quase igualmente coerentes e harmoniosas. São, pode dizer-se, três edições, no sentido moderno da palavra."<sup>9</sup>.

## 5 Conclusão

Assim, no que se refere ao manuscrito de Florença (ms. C), a tradição manuscrita do romance *Méliacin* é análoga àquela do ms. E do *Lai de l'ombre*.

Ao editar um só manuscrito, ou seja, aquele da Biblioteca Riccardiana (ms. C), adotamos, repetimos, as diretrizes do método de Joseph Bédier.

### Excerto da edição do Ms. C

F<sup>o</sup> 86a-b, V. 4018-4071

[...]

*Ne m'en quier paz si tost aler  
Qu'avant ne soie d'eaus acointes.*

4020 *Se je sui du roy desacointes,  
Je ferai qu'il me connoistra,  
Et, se je puis, il i metra*

*Du sien pluz qu'il ne cuide assez  
Ançois que li anz soit passez;*

4025 *Et se mors ne sui ne vaincus,  
Presentez sera mes escus  
A tieus qui ne s'en donnent garde.  
Touz jours m'ont li dieu en lor garde  
Quele partie que je voise,*

8 Cf. BÉDIER, Joseph. *La Tradition manuscrite du Lai de l'ombre*; réflexions sur l'art d'éditer les anciens textes. Paris: Champion, 1929.

9 Cf. id., *ibid.*, p. 68.

- 4030 *Mais bien vous di que moult me poise  
De ce que m'avez en despit.  
Si voeil avoir tant de respit  
Que cis sieges ci soit finez.  
Adont serai a ce menez,*
- 4035 *Quant vous plaira, ce vous affi,  
Mais bien voeil que sachiez de fi  
Que, s'a force ne m'en chaciez,  
Ja Mont Esclaire n'ert leissiés  
De moi, tant qu'il ait tant a fere.*
- 4040 *Mais faites vos besoignes fere  
Et vostre chastel renforcer,  
Quar vous ne me poez chacier  
De la compaignie Saville  
Ne d'Oriande vostre fille.*
- 4045 *Ne me voeil ainsi vergonder,  
Ainz voeil les puceles garder  
A cui j'ai donnee m'amour.  
Ne vous convient avoir cremour,  
Biaus sire, de ma demouree,*
- 4050 *Quar ma lance est bien aceree  
Et mes escus n'est paz usez,  
Et je sui sainz et reposez.  
Et si croi de ci a Monbrant  
Ne trouveroie un meillour brant*
- 4055 *Com j'ai ci ne hauberc plus riche,  
Quar la maille est double et faitice,  
Si bone conme on puet penser:  
A peines i porroit passer  
Uns quarriaus ne maille maumetre.*
- 4060 *Et si puis bien en mon chief metre  
Un hiaume, se g'en ai mestier,  
Quar je l'ai et fort et entier,  
Plain de tres beles esmeraudes,  
De rubis fins et de quarsaudes,*
- 4065 *De topaces et de sardines  
Et de moult d'autres pierres fines.  
Li fers de mon quavrail rest tieus  
Que meilleur n'a nus hom mortieus.  
Mes destriers rest fors et passanz,*
- 4070 *Et je sui grans et bien passanz  
De fere une grande vistece,  
[...]*

<p> q au sachie; a pus ne peut  q etre en mon cuer.  p tu; grant liece. au  l euy ne toute sa hantee  p epi maist. vultant. q. uenon.  a in; iert. maist. iert. u. t. ar. no.  q auctant. denat. cest. chastel.  S i q. v. ra. de. maist. auctel  l i q. ex. courra. micx.  l aucte. seure. au  a lous. mang. q. est. eue  p pense. om. du. reman. t.  q ch. ac. un. p. t. main. ten. t.  l et. u. p. u. c. les. p. les. maist.  f lor. dist. le. les. est. du. maist.  p as. si. tost. ne. v. le. s. l. t. m.  S achie. v. d. ch. s. se. r. a.  t ant. q. me. ie. p. r. a. u. d. i. n. e. r.  b i. a. r. d. o. n. s. s. u. e. le. d. e. m. o. u. r. e. r.  C e. sachie; bien. n. o. u. l.  p u. e. c. t. a. n. t. p. l. a. n. t. au.  q r. i. e. s. ne. n. o. p. r. o. u. t. d. e. s. p. l. a. n. t.  t ant. c. o. m. e. a. u. o. c. a. l. v. o. u. s.  f u. s. s. i. e. n. e. s. au.  j a. m. a. i. s. n. o. g. r. e. n. e. p. a. r. i. e. m. o. s.  t a. n. t. v. u. d. r. i. e. n. n. e. s.  a v. e. c. v. o. u. s. e. s. t. r. e. au.  a t. a. n. t. s. e. u. m. o. t. e. r. e. t. e. n. l. e. s.  o u. l. e. n. a. u. o. u. r. l. e. s. t. a. b. l. e. s. m. i. s. e. s.  v i. a. n. d. e. o. i. e. n. t. d. e. u. n. a. n. t. e. g. u. i. s. e. s. </p>	<p> f lous. v. i. n. s. a. l. e. u. r. v. o. l. e. n. t. e.  l i. a. q. u. e. s. o. u. m. i. l. e. o. r. d. e. l. b. u. e. z.  f i. s. t. m. o. n. t. e. c. e. l. l. a. n. t. e. r. e. n. f. o. r. c. e. r.  f g. n. r. o. s. t. e. n. g. n. s. d. i. t. a. e. r.  p g. a. r. u. c. o. a. l. e. s. a. n. e. m. i. s.  f o. r. p. o. u. r. e. s. p. i. e. r. f. i. n. i. s.  E n. l. o. s. t. p. o. u. r. s. u. o. u. r. l. a. v. e. n. u. e.  l c. a. n. s. n. o. y. g. e. n. t. g. i. e. n. t.  p e. m. e. n. u. e. au.  q n. e. f. u. s. s. e. n. t. a. l. h. a. r. n. e. s. c. h. i. e.  f e. n. l. a. m. a. n. i. e. r. a. d. r. e. a. e.  q m. e. a. t. e. l. c. h. a. s. t. e. l. c. o. u. u. e. n. o. u. t.  s a. l. e. l. q. n. s. u. p. r. i. s. o. n. t. e. n. o. u.  z c. a. s. t. s. a. p. s. o. n. t. e. n. g. r. e. g. i. e. r.  p e. p. u. r. a. n. t. o. r. u. l. a. m. a. n. g.  a g. n. t. f. o. i. s. o. n. t. e. n. e. t. e. m. e. n. t.  f e. l. s. u. b. g. u. e. r. r. s. a. i. m. e. n. t.  d e. s. g. r. a. n. d. e. s. p. l. a. n. e. s. a. l. a. u. o. u. r.  q a. u. s. s. i. b. i. a. y. m. i. e. p. e. s. t. i. o. n. t.  q l. e. s. p. e. r. e. s. d. e. u. s. t. e. v. e. n. i. r.  f l. i. p. e. r. e. s. q. u. e. d. u. e. n. i. r.  p e. r. s. i. m. o. u. r. p. i. n. a. l. o. n. g. i. t. e.  C a. r. t. e. l. d. u. e. l. a. s. o. n. q. u. e. r. e.  p o. r. o. n. a. u. e. s. au.  D u. g. n. t. d. u. e. l. a. l. a. u. o. u. r. m. a. i. s. t. u.  p s. o. n. f. i. l. d. e. d. u. e. l. d. i. a. m. i. t.  d o. n. t. u. l. n. e. s. a. n. o. u. r. m. o. r. t. n. e. v. i. e.  O n. a. s. n. u. s. h. o. m. a. s. t. m. a. r. u. i. e.  p e. s. u. s. i. t. u. e. s. h. o. m. a. s. t. m. a. r. u. i. e.  f l. a. u. o. u. r. m. a. n. d. e. d. e. t. o. u. s. s. e. n. z. </p>
--	---

Fig. 1 - Méliacin, Ms. C, Florença, Bibl. Riccardiana 2757, séc. XIV, f° 86r°.

## Três roteiros do século XVI

Célia Marques Telles

UFBa

### Resumo

A partir do conteúdo do manuscrito 1507 da Biblioteca Nacional de Lisboa e da tradução de J.H. van Linschoten, no *Le grand routier de mer*, procurar-se-á estabelecer uma comparação do discurso dos roteiros de navegação em três línguas românicas (português, espanhol e francês).

### 1 Apresentação

Numa **Semana de Filologia e Lingüística Românicas em Homenagem ao Septuagésimo Aniversário do Professor Nilton Vasco da Gama** só poderíamos apresentar um trabalho que estivesse estritamente ligado à nossa formação. Por esse motivo, foi escolhido como assunto a linguagem quinhentista dos roteiros de navegação.

Desde 1965, temos trabalhado, sob orientação do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, com **roteiros de navegação**. Recebemos dele, para ler inicialmente como exercício paleográfico, tarefa logo ampliada para leitura crítica do texto, uma cópia microfilmada do manuscrito FP 56 da Bibliothèque Nationale de Paris. Nossa monografia do Curso de Bacharelado em Letras Neolatinas, na especialidade Filologia Românica, foi uma primeira tentativa de edição da primeira parte do referido manuscrito. Sempre às voltas com o estabelecimento do texto, foi a língua portuguesa quinhentista dos textos da literatura de viagens o objeto da dissertação de Mestrado em Letras, também orientada por ele. Todo o trabalho realizado até então, revisto e refeito, resultou na tese de Doutorado em Letras, apresentada à Universidade de São Paulo, orientada pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Edith Pimentel Pinto, mas sem, em momento algum, deixar de contar com os ensinamentos e o apoio do mestre Nilton Vasco da Gama.

Concluída a edição crítica do manuscrito FP 56 da Bibliothèque Nationale de Paris, continuamos o nosso trabalho na linha de estudo dos **roteiros de navegação**, pois, em decorrência da pesquisa bibliográfica para a tese de Doutorado, recebêramos do Comandante Max Justo Guedes, diretor do Serviço de Documentação da Marinha do Brasil, uma cópia do Manuscrito 1507 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Em 1989, apresentamos

ao Departamento de Fundamentos para o Estudo das Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia um projeto de pesquisa que visa à edição crítica desse documento.

## 2 Três roteiros quinhentistas

O manuscrito 1507 da BNL é um códice quinhentista, com 110 fólios, e mostra dois tipos de escrita: a letra humanística cursiva e a letra cursiva do século XVII. Possui, na sua parte principal, dez roteiros e três instruções náuticas. Os dez roteiros justificam o título da compilação:

*Libro Vniversal De Derrotas, alturas, longetudes, e Conheçenças. de todas as nauegaçois, Destes, Reinos de Portugal, e Castela, Indias Orientais e occidentais, O mais copioso e claro que pode ser, en seruiço dos Nauegantes. Ordenado, por pilotos consumados, Nesta sciência e Vertudes De aproueitar En seruiço de Deos.*<sup>1</sup>

pois descreve as cinco diferentes **carreiras** do Atlântico<sup>2</sup>. Foi mandado compilar por Manoel Gaspar e traz a data:

*En Lix(bo)a. O pr(imeir)o De março / 1594*

Selecionaram-se para a presente análise dois roteiros a saber:

- a) um roteiro em língua espanhola, a *Derrota de Santo Domingo para la Nueva España*, a sétima derrota da primeira coletânea de roteiros do *Libro universal de derrotas*, denominada, por não trazer título, [*Derrotero de las Indias de Castilla*]. O texto situa-se aos fólios 28<sup>o</sup> - 30<sup>v</sup> e foi escolhido pelo fato de já se ter feito dele uma edição crítica<sup>3</sup>.
- b) um roteiro em língua portuguesa — ainda inédito — o *Roteiro da Viajen e costa de todo o Brasil Nauegando P(or) ele Desdas Ilhas de Cabo Verde ate o Rio da pratta*, o décimo segundo texto da coletânea que se acha aos fólios 101<sup>r</sup> - 107<sup>r</sup>.

A segunda coletânea de roteiros utilizada é o *Le grand routier de mer*<sup>4</sup> de J. H. van Linschoten, de conteúdo tão amplo quanto a de Manoel Gaspar:

<sup>1</sup> Cf. GASPARGAR, Manoel. *Libro Vniversal De Derrotas, alturas, Longetudes, e Conheçenças, De todas as, nauegaçois, Destes, Reinos, De Portugal, e Castela. Indias Orientais e occidentais...* lix(bo)a, 1594. 110f. Lisboa: Bibl. Nacional, ms. 1507.

<sup>2</sup> Cf. Max Justo GUEDES. El condicionalismo físico del Atlántico y la expansión de los pueblos ibéricos. Madrid: CSIC, 1983. p. 397-403. Separata.

<sup>3</sup> Cf. Célia Marques TELLES. *Um Roteiro da Carreira das Índias de Castela*: proposta de edição crítica. *Estudos Lingüísticos e Literários*, Salvador, v. 13, p. 13-24, 1992.

<sup>4</sup> Cf. Jean Hvgves de LINSCHOT. *Le Grand routier de mer...* In: id. *Histoire de la navigation... aux Indes Orientales*. ... 2. ed. augm. Amsterdam: Chez Jean Evertsz Cloppenburch, 1619. p. 8-12.

*Le Grand routier de mer... contenant une instruction des routes & cours qu'il convient tenir en la Navigation des Indes Orientales, & au voyage de la coste du Bresil, des Antilles, & du Cap de Lopo Goncalves. Avec description des Costes, Havres, Isles, Vents, & courants d'eaux, & autres particularitez d'icelle Navigation. Le tout fidelement recueilli des memoires et observations des Pilotes Espagnols & Portugais. Et nouvellement traduit de Flameng en François...*

Publicado em Amsterdam, em 1619, em anexo à segunda edição da *Histoire de la Navigation*<sup>5</sup> do mesmo autor.

Dessa compilação extraiu-se um roteiro em língua francesa, o capítulo quinto, a *Navigation de Lisbonne aux Indes appointee par Vincente Rodrigues de Lagos Portugais Pilote du Roy*, que ocupa as páginas 8-12.

Os três roteiros documentam três das carreiras do Atlântico<sup>6</sup>:

- a) a carreira da Índia
- b) a carreira do Brasil
- c) a carreira das Índias de Castela.

Todos os três textos são exemplos de **roteiros oceânicos**<sup>7</sup>, pois aí já se acham introduzidas as indicações de longitudes que faltam ainda nos **roteiros da costa**<sup>8</sup>, trazendo numerosas indicações de rumos e distâncias entre pontos da costa. Este enriquecimento de conteúdo leva à passagem de um discurso com estrutura frasal paratática simples, para um discurso com estrutura frasal hipotática.

### 3 O discurso dos roteiros de navegação

Roteiros da costa ou roteiros oceânicos, apresentam os roteiros de navegação um **discurso do mundo comentado**<sup>9</sup>. Em continuação à análise que foi feita em *A Categoria de tempo nos discursos dos roteiros de navegação*<sup>10</sup>, buscar-se-á mostrar relações de semelhança entre o discurso de três

<sup>5</sup> Cf. id. *Histoire de la navigation ... aux Indes orientales*.... 2. éd. augm. Amsterdam: Cheslean Evertsz Cloppenburch, 1619. Trad. do latim, *Navigatio ac itinerarium ... in orientalem sive Ivsitanorvm Indiam*... Hagae-Comitis: Ex officina Alberti Henrici, Impensis Authoris & Corneli Nicolai postantque apud Aegidium Elfevirum, 1599.

<sup>6</sup> Cf. Max Justo GUEDES, op. cit., loco cit.

<sup>7</sup> Cf. id., ibid. p. 393-7.

<sup>8</sup> Cf. id., ibid.

<sup>9</sup> Cf. Harald WEINRICH. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Vers. esp. de Federico Latorre. Madrid: Gredos, 1968. cap. 3.

<sup>10</sup> Cf. Célia Marques TELLES. *A Categoria de tempo no discurso dos "roteiros de navegação"*. I CONGRESSO Internacional da ABRALIN. Salvador, set. 1995. No prelo.

roteiros, respectivamente, em língua portuguesa, em língua espanhola e em língua francesa.

A narrativa dos **roteiros de navegação** é decorrente dos esforços de se elaborarem instruções simplificadas que pudessem ser compreendidas pelos mareantes. O estudo do discurso dos roteiros, nas três línguas românicas, centrar-se-á em três pontos: a relação **autor / destinatário** que é marcada pelo uso de pronomes; o uso dos chamados **tempos comentadores**: presente / futuro; a estrutura paratática frente à estrutura hipotática.

### 3.1 A relação autor / destinatário

A primeira pessoa denota sempre a interferência do piloto-autor **da-quele** texto e, apenas quando a experiência do piloto é tomada por este como advertência, este uso é evidenciado no texto:

*...on y a des vents de Nord & NordEst, qui alors vous escheent mieux lequel advertisement **ie** vous fay pour l'avoir quelquefois expérimenté. (VR, p.10, l. 10-12)*

*...m'estant advenu qu'y venant en une telle saison en la compagnie du Comte Don Luis de Tayde singlant vingt lieues ou davantage arriere de ces bancs du costé de Soffala **nous** ne vismes pas un oiseau, non obstant que dix ou douze iours au paravant **nous** eussions veu plusieurs Alcatrases. (VR, p.11, l. 33-36)*

*...mais **mon** avis seroit si faire se peut de n'y point ancrer d'autant que le long de ceste coste il y a plusieurs escueils & rochers qu'on ne void point, si l'eau ne romp dessus. (VR, p.11, l. 51-53)*

*E chegando a esta altura q(ue) **digo** Veras tres montes pequenos Redondos que se chamão os montes dos tres Reys magos (RVB, fº 103vº, l. 11-13)*

*Las señas del Cabo de (Cruz) son las que **tengo dicho**, y el está en arremate de todos de la banda de leste. (DSD, p.17, l. 25-26)*

***Avisote** que, si quisieres entrar del cabo adentro para ir a Mançanilla, desde llegues tanto avante como el cabo,... (DSD, p.17, l. 26-28)*

***Avisote** que as de ir siempre por diez y doze braças de agua y el fondo sera vaza y iras por canal. (DSD, p.17, l. 36-38)*

***Avisote** q(ue) puedes ir sin temor nenguno, aunque sea la nao mu(y) grande... (DSD, p.17, l. 38-39)*

O tratamento na segunda pessoa do singular, em línguas portuguesa e espanhola, pode indicar dois tipos de destinatário:

- a) seria um tratamento de intimidade, entre indivíduos do mesmo nível social e da mesma classe profissional;

b) poderia ser um tratamento de superior para inferior<sup>11</sup>.

No caso do discurso dos *roteiros de navegação* parece antes ser um tratamento de intimidade: o piloto escreve para outros pilotos ou para mareantes que estejam em condição de utilizar o roteiro<sup>12</sup>.

Em língua francesa o tratamento se faz na segunda pessoa do plural<sup>13</sup>:

*Quand vous venez a voir Porto Santo, ou l'Isle de Madere, allant vers l'isle de la Palme, tout ce que l'aiguille du quadran decline au NordEst vous le luy adiousterez, & encore quelque peu de surplus... (VR, p.8, l. 21-23)*

*...il est bon de vous tenir arriere de la coste environ de septante a cent lieues & non plus car cela preiu diceroit a vostre voyage... (VR, p. 9, l. 1-3)*

*Et dautant que ces tonnerres vous viennent de tous costez il est bon de dresser vostre cours & vous tenir environ de septante ou huictante lieues asçavoir iusques a deux degrez & demi là ou vous trouverez des vents de SudEst, estant la saison depuis le vingtiesme d'Avril iusqu'au cinquiesme de May... (VR, p. 9, l. 8-12)*

*... car tout ce que vous trouvez diminuer de peu, n'est pas entierement eau ou courans qui vous empeschent... (VR, p. 9, l. 22-24)*

*Partindo da Ilha de sanctiago de cabo Verde pera a costa do Brasil mandarás governar ao susueste ate dar nas treuoadas de guinee en .6 g(ra)os. Sendote aViso que as trouoadas que te deren façás polas tomar polo sul por te hires chegando p(er)a a linha. (RVB, fº 101º, l. 5-9)*

*E pasando aVante por teu camjnho en demanda do cabo frio se por Ventura te achares entre eles e os aytacazes Veras hũa Ilha que mostra duas orelhas como orelhas de coelho. (RVB, fº 104º, l. 11-15)*

*E se por Ventura não te der lugar para entrar por a boca grande de S(ão) V(icen)te, hiras entrar pola boca da britioga q(ue) esta bem longo da terra... (RVB, fº 105º, l. 15-18)*

*Y antes que llegues a ellas, veras quedar por la banda del oeste de ti un cayuello blanco. (DSD, p. 17, l. 35-36)*

*Y llegarteas siempre al cayo mayor que sale de fuera por doze braças de agua, llevando la proa aloeste. (DSD, p. 18, l. 44-46)*

*Y si quisieres ir tu camino la vuelta de Nueva España, iras la vuelta del oesnoroeste en demanda de Isla de Pinez, y avisote que las aguas corren al sudeste en bonança... (DSD, p. 18, l. 53-55)*

<sup>11</sup> Cf. Luís F. L. CINTRA. *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*; (ensaio). Lisboa: Horizonte, 1972. p.65 e 66.

<sup>12</sup> Cf. Célia Marques TELLES. *Coleção de roteiros portugueses da "Carreira da Índia" no século XVI*; edição do manuscrito FP 56 da BNP. São Paulo: USP, 1988. v.2, f.64. Tese de Doutoramento, orient. por Edith Pimentel Pinto.

<sup>13</sup> Há exemplos, em língua portuguesa, da variação do uso do singular e do plural. Cf. id., *ibid.* v.2, f. 28-9.

### 3.2 O uso dos tempos comentadores

A narrativa do mundo comentado é expressa nos **modos indicativo e imperativo**. A descrição do mundo real faz-se no modo indicativo, enquanto a indicação da derrota é feita com o auxílio dos dois modos, o indicativo e o imperativo.

O **presente** e o **futuro** são os tempos do discurso do mundo comentado. O **presente** ocorre nas formas do **presente do indicativo** e do **presente do imperativo**. O **futuro**, por sua vez, aparece tanto na forma simples (o **futuro do presente**), como na perífrástica (as perífrases *haber + infinitivo*, o *futuro obrigatório*, e *ir + infinitivo*).

O presente do indicativo é sempre de valor aspectual prospectivo e alterna com o futuro do presente ou com a perífrase *ir + infinitivo*. A 'advertência' e a 'obrigatoriedade da derrota' são expressas com o auxílio do presente do imperativo ou do futuro obrigatório<sup>14</sup>.

#### a) presente do indicativo<sup>15</sup>:

*Y entonces puedes correr la vuelta del oeste quarta del noroeste hasta estar tanto avante como Isla de Pinos... (DSD, p.19, l. 62-64)*

*Y de aqui te pu[e]des ir tu camino aloesnoroeste, si fuere de día... (DSD, p. 20, l. 85-86)*

*Y luego puedes llevar la proa en el hasta ver el arrefife. (DSD, p. 21, l. 110-111)*

*...pasando estes baixos Vindo da Banda do norte p(er)a a banda do sul **podes** hir de longo da tterra e deles **podes** surgir defronte da Vila. (RVB, fº 102vº, l. 13-15)*

*De Porto seguro **têns** outro surgid(ou)ro **que se chama S(an)ta cruz e têns** aqui muytos baixos. (RVB, fº 103º, l. 1-2)*

*p(er)a a banda do norte **têns** o porto seguro que esta em 16 g(ra)os 1/3. (RVB, fº 103º, l. 9-10)*

#### b) presente do imperativo:

***Faites** tousiours vostre mieux de ne singler point plus haut qu'a trente deux ou trente trois degrez... (VR, p. 10, l. 7-8)*

***Sachez** qu'en ceste hauteur de trentecinq degrez peu plus ou moins, on a trois cents lieues pour chaque rin du quadran du NordEst. (VR, p. 10, l. 22-23)*

*...**ne vous fiez** pas sur les routes & courses d'icelles... (VR, p. 11, l. 45-46)*

*E sendo em Verão q(ue) he de sett(emb)ro out(ub)ro por diante **não te arrependas** Vir a esta costa que sempre acharas nela nordestes e lesnordestes que Reynão ate entrada de março. (RVB, fº 101vº, l. 6-8)*

e se quiseres entrar nela e vindo da Banda do sul **vayte** a balroar cõ a terra da banda do norte e Veras hũa ponta que se chama a ponta do padrão q(ue) faz como Ilha enorme. (RVB, fº 102rº, l. 6-9)

E Himndo para porto seguro Não tomes conheçença de serra nenhũa somente hindo de longo da costa E pr(imeir)o chegaras aos Ylheos q(ue) tem por conheçença os sinais e marcas seguintes. (RVB, fº 102vº, l. 1-4)

Vindo de longo da costa tanto q(ue) Vires hũa terra alta ao mar **guarte** de huns baixos q(ue) se chamão os baixos de santo amt(oni)o. (RVB, fº 102vº, l. 7-9)

estando leste oeste cõ Ele **não te cheges** muito a terra dele. (RVB, fº 103rº, l. 6-9)

E querendo hir pola costa adiante esta o esp(irit)u santo en 19 g(ra)os 1/2 não cometas tomar o porto ate saberes que estas norte sul com os baixos. (RVB, fº 103vº, l. 3-5)

Y **no dexes** de ir por tu camino, y iras a ver la d(ic)ha isla. (DSD, p.18, l. 56-57)

c) futuro do indicativo:

Venant du vingtdeuxiesme degré au dixhuictiesme **vous verrez** de l'eau verde qui est de devers la pointe appellee Cabo branco... (VR, p. 8, l. 37-38)

Venand à dix degrez, si long temps que vous estes pres de la coste de Guinee vous **ne donnerez** aucun abaissement ou declin à l'aiguille du quadran... (VR, p. 8, l. 42-44)

**Vous dresserez** vostre cours de ce costé du Bresil ayant vent propre & **prendrez** bien garde au quadran... (VR, p. 9, l. 30-31)

**Teras aViso** quando te deren os Jerais que são suís e suestes **Veras** o bordo que mais te conuen seguir ate chegar a linha... (RVB, fº 101rº, l. 10-12)

E dali se o vento não te rodear **Viraras** na volta de loeste e de loessdueste ate fazer Camynho a 150 leguas dos Baixos de s(an)ta ana pouco mais ou men(os). (RVB, fº 101rº, l. 15-17)

Sendote aVisso que se fores pera a dita costa em t(em)po de Inuerno q(ue) he de março por diante **hiras** a vela q(ue) poderes ate te pores na altura da terra q(ue) fores buscar (RVB, fº 101vº, l. 3-5)

e se fores pola banda do nordeste **veras** hũas barreyras Brancas que estão desa banda. e hũm focinho escaluado sen aruore nenhũ. (RVB, fº 101vº, l. 14-16)

<sup>14</sup> Para a relação modo-tempo-aspectual veja-se: Célia Marques TELLES. *As Categorias de modo, tempo e aspecto em textos românicos do séc. XVI*. Salvador: UFBA/Pós-Graduação em Letras, 1982.

<sup>15</sup> Sem exemplos no roteiro escolhido para ilustrar a língua francesa.

**iras** a reconhecer por esta derrota a la Ucata, y **llevarlaas** por la proa (DSD, p. 16, l. 54-6)

Y dalli **mandaras** governar el norte quarta del nordeste y **iras** a ver los cayos de avuoga (DSD, p. 17, l. 33-35)

Y por entre un cayo y otro, asi **iras** por mitad de la canal para la Amançanilla (DSD, p. 18, l. 46-48)

d) **ir** + infinitivo:

Documentada, nestes roteiros, em português e em espanhol.

*E hindo pera a dita Bahia en t(em)po de inuerno q(ue) he de março por diante **hiras** tomar terra de 14 g(ra)os. por este Caminho Veras terra muy alta cerrada que corre para Camamu. (RVB, f.º 102 r.º, l. 12-15)*

*E si por ventura não te der lugar para entrar por a boca grande de s(ão) v(icent)e **hiras** entrar pola boca de britioga que esta bem longo da terra (RVB, f.º 105 r.º, l. 15-18)*

*Y dai aloessudueste, todo el camino siendo el viento fresco de todas velas, **iras** por esta derrota a **dar** a las sierras de Santa Cruz. (DSD, p.21, l. 118-122)*

**iras a ver** a Cabo de (Cruz). (DSD, p.17, l. 21-24)

Y dalli **mandaras** governar al norte quarta del nordeste y **iras a ver** los cayos de Avuoga. (DSD, p. 17, l. 33-35)

**iras a reconoçer** por esta derrota a la Ucata, y **llevarlaas** por la proa. (DSD, p. 16, l. 5-6)

e) **haver** + **de** + infinitivo

Registrado, nestes roteiros, em língua espanhola.

*Avisote que **as de ir** siempre por diez y doze brazas de agua y el fondo sera vaza y iras por canal. (DSD, p. 17, l. 36-38)*

*...adiverteas, con calmas **as de governar** en esta derrota al nordeste quarta de oeste. (DSD, p. 19, l. 66-67).*

*...y otros dos cayos grandes que estan a la mar dellos, y por entre uno y otro haze un freo de media legua, **abeis de entrar** y **surgir**. (DSD, p. 18, l. 50-52).*

### 3.3 A parataxe e a hipotaxe

O discurso dos roteiros de navegação é marcado pelo emprego abusivo do coordenante **e**, uso característico das narrativas informativas<sup>16</sup>. Entre os

16 Cf. W. -D. STEMPEL, Para o estudo da conjunção e na prosa narrativa do português medieval.

empregos de **e**, vale ressaltar o do chamado **e** limitativo, em construções hoje desaparecidas<sup>17</sup>.

O enriquecimento do conteúdo da narrativa leva à utilização de estruturas mais complexas, entre as quais se destacam o das subordinadas completivas nominais e o das orações hipotéticas.

As orações coordenadas aditivas, introduzidas pelo coordenante **e**, podem ser observadas abundantemente sobretudo na descrição dos acidentes geográficos, isto é, das **conheçenças**.

*...y estant hors de Lisbonne, il convient marquer le soleil avec le quadran, pour en faire l'espreuve, tant au lever qu'au coucher d'iceluy, & au milieu d'iceluy, asçavoir au Nord & au Sud, & tout ce que vous trouverez de declin de l'aiguille du quadran au NordEst, vous le singlerez au Sud. (VR, p. 8, l. 15-19)*

*Depuis cette couronne de Sangase iusques à Moçambique on single le long de la coste NordEst & SudOuest: & entre deux se trouvent quelques rades ou lieux a ancrer de la profondeur de dix huict à vingtcinq brasses:...(VR, p.11, l. 48-51)*

*En ce cours vous verrez aucunes nuicts de l'eau blanche ou esclairante sous la hauteur de trois & quatre degrez: & aurez le vent de devers le SudEst, & de là en avant vous aurez des vents de SudOuest & de Sud, a cause qu'on commence a entrer en l'hyver des Indes. (VR, p. 12, l. 24-28)*

*E teras aViso quando te derem os Jerais que são suis e suestes veras o bordo que mais te conuem seguir ate chegar a linha, e se por Ventura fores na volta do sueste hiras ate seres norte sul com os baixos de santana por que não te aproueitaras meter a costa de guine, E dali se o vento não rrodear Viraras na volta de loeste e de loessudueste ate fazer Camynho 150 leguas dos Baixos de s(ant)a ana pouco mais ou men(os). (RVB, f° 101r, l. 10-17)*

*e não ajas medo de baixo nenhū q(ue) o não ha e se fores pola banda do nordeste Veras huas barreyras Brancas que estão desa banda. e se fores da banda do sul dele te faz hūn focinho escaluado sen aruore nenhū (RVB, f° 101 v°, l. 13-16)*

*E hindo de longo da costa se Vires algum Rio q(ue) tenha gråde boca. he o Rio dos cestos e deste Rio a p(or)to seguro ha .16. leguas (RVB, f°102 v°, l. 5-7)*

*E desta ponta começo p(ar)a o mar os Baixos dos abrolhos q(ue) es-*

---

In: ACTAS do IX Congresso Internacional de Lingüística Românica (31 de março-4 de abril 1959). *Boletim de Filologia*, Lisboa, v.18, p.229-42, pub.1961.

17 Cf. Célia Marques Telles. *Coleção de roteiros portugueses...* v.2, f.89-90

tão de leste oeste .40. leguas e de norte e sul outras 40- e começã em 17 g(ra)os 1/2 e acabão em 19 1/2 na qual altura esta o esp(irit)u santo, (RVB, nº 103º, l. 14-17)

*Y no tengas temor porque no tiene mas baxo de aquello q(ue) vieres por los ojos. Y en pasando esta restinga meteras dello la vuelta al norte y daras luego en 8 braças. (DSD p. 17, l. 30-33)*

*Y por entre un cayo y otro, asi iras por mitad de la canal para la Amançanilla. Y de dentro de los cayos puedes voltar co(n) la mayor nao del mundo. (DSD, p. 18, l. 46-49)*

*Y si quisieres ir tu camino la vuelta de Nueva España, iras la vuelta del oesnoroeste en demanda de Isla de Pinez, y avisote que las aguas corren al sudueste en bonança, y con brisa corren al noroeste, y lleve buena vegia. (DSD, p. 18, l. 53-56)*

O e limitativo acha-se documentado nas três línguas românicas.

*Vous y trouverez **sept, huict & parfois** neuf brasses de profondeur asçavoir a haute maree (VR, p. 12, l. 8-9)*

*Et a **cent huictante & deux cents** lieues, de la coste des Indes, le quadran commence à diminuer son declin au NordOuest. (VR, p. 12, l. 35-37)*

*De Panane à Couchin il y a seize lieues sur le cours SudSudEst, & en la profondeur de **douze & aussi de dix** brasses, qui est un bon chemin. (VR, p. 13, l. 20-22)*

*Car estant plus tard les vents du SudEst viennent plus haut asçavoir sous la hauteur de **trois degrez & trois & demi**, estant la saison jusqu'au dixiesme de May. (VR, p. 9, l. 12-14)*

*...se quiseres chegar de longo do morro hiras por **seis braças e sete** que he na bahia de tinhare (RVB, nº 102º, l. 19-20)*

*e chegate aos tres ilhotes q(ue) ja estão dêtro adiante podes surgir en **quatro e cinco** braças (RVB, nº 106º, l. 8-9)*

*Avisote que has de ir siempre por **diez y doze** braças de agua y el fondo sera vaza y iras por canal (DSD, p. 17, l. 36-38)*

As orações completivas nominais podem vir introduzidas pelo subordinante **que**, ou expressas com orações reduzidas de infinitivo.

a) com o subordinante **que**.

*...et de devers le goufle ou git la forteresse d'Arguin, laquelle eau si vous voyez plus de deux fois, **c'est signe que vous estes pres de la coste**: ... (VR, p. 8, l. 38-40)*

*...mais estant encore iusques à la fin d'Avril, il peut bien **advenir que vous n'avez lesdits vents de SudEst qu'en la hauteur d'un degre**. (VR, p. 9, l. 14-16)*

dem encontrar-se — com variações de uso — aquelas introduzidas por locuções conjuntivas do tipo **sendo caso que**.

a) com o subordinante **se / si**

... **si les tonnerres venoyent de devers l'Est** estant environ de soixante à septante lieues arrière de terre vous verrez quelques arondelles & plongeons (VR, p. 9, l. 17-19)

**Si venant à la hauteur susmentionnee**, avec vent favorable en sorte que vous puissiez faire voile Est & SudEst, le quadran decline un rin ou un rin & demi,... (VR, p. 10, l. 1-3)

...**se quiseres có necessidade surgir no CaBo frio** podes entrar pola banda do norte acharas Bom a Brigo. (RVB, f.º 104r, l. 23-25)

...e **se quiseres jr p(ar)a dentro** olha bem q(ue) ten hua lagea alagada no mar e em meio da boca pera a Banda do sul ten hũn pico muy grande que se chama o pão daçucar. E logo Veras a Cidade. (RVB, f.º 104v, l. 15-18)

Si fuere el viento escaso o largo, mandarás gobernar por el norte quarta al nordeste y iras dar a los cayos dichos... (DSD, p 18, l. 41-44)

**Y si vieres Cabo de Corrientes**, te haras estas s(e)ñas. (DSD, p.19, l. 74-75)

**Y si estuvieres muy emarado**, y tanto avante como el cabo se te haran estas sierras muchos mamoletes, y en esto conoçeras que estas avante como el Cabo de Corrientes. (DSD, p. 19, l. 79 - p. 20, l. 82)

b) com locuções conjuntivas

...e **sendo casso que não Veijas terra** chegarteas a ela te 12 braças e não ajas medo de baixo nenhũ... (RVB, f.º 101v, l. 12-13)

...**sendo Casso q(ue) te aches abarcado có ela**. nela Esta hũ Rio grande que se chama ceregipe. (RVB, f.º 101v, l. 18-20)

## 5 Considerações finais

Como era de se supor, pôde observar-se que o discurso dos roteiros de navegação nas três línguas românicas, no que pese a inter-influência de conteúdo e finalidade, acha-se marcado pelas mesmas características estruturais.

Ressalta-se que, em língua portuguesa, os exemplos são mais diversificados, o que, talvez, pode ser explicado pela primazia e experiência lusitanas na confecção dos roteiros.

Por outro lado, em língua francesa, onde a experiência de navegação é bem menor, nota-se — sobretudo por se tratar de tradução ao francês flamengo, embora excelente como tal — um discurso menos rico de variações.

## **A *Post-Vulgata* arturiana na Península Ibérica: suas relações com os testemunhos-fonte agora divulgados**

**Heitor Megale**  
USP

### **Resumo**

A publicação em andamento de *La Version Post-Vulgate de la Queste del saint graal et de La mort Artu*, por Fanni Bogdanow, suscita novamente a questão da prioridade do texto português na península ibérica, visto que, com seu trabalho, a pesquisadora britânica põe à disposição os textos-fonte. O exame da questão pode pois ganhar novas trilhas além das percorridas por Manuel Rodrigues Lapa e Pere Bohigas Balaguer, em sua célebre polêmica. A dificuldade maior há de residir nos diferentes estados em que ficaram os textos espanhol e português. A presente comunicação tem por objetivo trazer uma contribuição ao novo exame em questão.

Antes de mais nada, agradeço o privilégio de ter sido convidado para esta Semana de Filologia em homenagem ao Prof. Nilton Vasco da Gama. Seríamos dois professores da Universidade de São Paulo a homenageá-lo, mas o Prof. Ataliba Teixeira de Castilho precisou ausentar-se do país para ministrar curso nos Estados Unidos. Trago comigo os cumprimentos da Universidade de São Paulo, que preserva ciosamente os tradicionais vínculos filológicos com a Universidade Federal da Bahia. Junto a esses cumprimentos, nossas felicitações ao romanista, ao término de tão profícua carreira universitária.

A arturiana britânica Fanni Bogdanow, ao publicar, em 1966, sua tese *The Romance of the Grail*, para a época, um verdadeiro achado que encontrou certa resistência em determinados setores da especialidade, anunciou a publicação da *Post-Vulgata* arturiana, em que, declarou, vinha trabalhando.<sup>1</sup>

Vinte e cinco anos depois, um quarto de século, portanto, saem três volumes do meticoloso trabalho. O primeiro volume, tomo I, é uma longa Introdução de 599 páginas, o segundo volume, tomo II, com outras 599 páginas, publica o texto da *Queste del saint Graal* até o número 393, o total é superior a 700 números, e o terceiro volume, tomo IV.1, com 324 páginas é o Comentário da parte publicada no tomo II. Ficam faltando, anunciados

---

1. Bogdanow, Fanni. *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, Manchester, Nova Iorque: Manchester University Press, Barnes and Noble, 1966. À p. 89, nota 3, diz a arturiana: "I am preparing a critical edition of the Post-Vulgate Queste (SATF).

para breve, esperemos não sejam outros vinte e cinco anos, o tomo III, que deverá conter o que falta do texto e o tomo I.2 destinado, tudo indica, ao Comentário daquele.<sup>2</sup>

Embora fosse excusado informar acerca da matéria que envolve tal publicação, é sempre bom lembrar alguns pormenores, mesmo porque fundamentam a colação de fragmentos que faremos com transparências.

*Vulgata da Matéria da Bretanha* é a primeira prosificação como ciclo por que passaram os textos anteriormente existentes. Considerada a mais elaborada versão da matéria até então literariamente desenvolvida, essa primeira prosificação, compõe-se dos seguintes romances nesta seqüência narrativa:

1. *Estoire del Saint Graal*,
2. *Estoire de Merlin*,
3. *Lancelot* (em três livros),
4. *La Queste del Saint Graal*,
5. *La Mort le Roi Artu*,

portanto sete livros em cinco títulos.<sup>3</sup> Esses romances caracterizam um ciclo porque, distribuídos nessa ordem, desenvolvem a mesma seqüência narrativa, pelas etapas necessárias, do mesmo modo como são cíclicos, na literatura brasileira do século XX, os conhecidos romances da cana-de-açúcar, de José Lins do Rego, ou os romances de *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo. Tal organicidade cíclica, porém, não implica em que os romances medievais, diferentemente do que ocorre com os romances dos dois ciclos dos autores brasileiros referidos, tenham sido escritos por um mesmo escriba e naquela ordem. Tampouco implica em que seus textos tenham sido mentalizados por um único autor e tenham tido uma única forma desde o início. De fato, sabe-se há muito tempo que o *Lancelote*, a *Demanda do Santo Graal* e a *Morte do rei Artur* teriam sido escritos primeiro, sendo ainda mais antigo entre esses o *Lancelote*, enquanto a *Estória do Santo Graal* e a *Estória de*

---

2. Bogdanow, Fanni. *La Version Post-Vulgate dela Queste del saint Graal et de La Mort Artu. Troisième partie du Roman du Graal*. t. I *Introduction*, t. II (texto até 393), t. IV.1 *Commentaire*, Paris: Société des anciens textes français - Picard, 1991.

3. Sommer, H. Oskar. *The Vulgate Version of the arthurian romances edited from manuscripts in the British Museum*, v. I (1909) *L'Estoire del Saint Graal*; v. II (1908) *L'Estoire de Merlin*; v. III (1910) *Le livre de Lancelot del lac, part I*; v. IV (1911) *Le livre de Lancelot del lac, part II*; v. V (1912) *Le livre de Lancelot del lac, part III*; v. VI (1913) *Les aventures ou la Queste del Saint Graal, - La Mort le roi Artu*; v. VII (1913) *Le livre d'Artu*; v. VIII (1916) *Index of names and places*, Washington: The Carnegie Institute of Washington, 1908-1916.

*Merlim* (ou a *Vulgata* do *Merlim*) teriam sido escritos depois, mas então com o propósito de serem aplicados à seqüência narrativa desejada. Aliás, não é por acaso que essa prosificação tem também outro nome: Ciclo do *Lancelote-Graal*, designação que descreve a fusão da massa narrativa, digamos assim, do cavaleiro Lancelote, a mais antiga, com a do Santo Graal, posterior.

Em que pese a complexidade do trabalho de elaboração, de que fica aqui apenas uma breve notícia, o ciclo da *Vulgata* chegou a ser atribuído a um só autor, Gautier Map, o que fez com que fosse usualmente denominado Ciclo de Gautier Map. Há muito tempo, porém, tornou-se o Pseudo-Map, dada a comprovação de que esse autor era já falecido ao tempo em que operou-se a prosificação.<sup>4</sup> O escriba, que preferiu não identificar-se, tomou emprestado o nome de Gautier Map. Esse procedimento não era raro na época. Ao valer-se de um nome de prestígio, o autor, que se escondia sob o anonimato, buscava garantir a aceitação e um futuro para seu texto.

Elaborado o ciclo, por volta de 1220, seguiram-se logo inúmeras cópias que constituem uma riquíssima tradição manuscrita. O propósito de constituição de um ciclo fica nítido nas chamadas *Continuações*, que quase todas as partes do ciclo vieram recebendo.

A tradição manuscrita dessa *Vulgata* seguia seu curso, quando processou-se, muito pouco tempo depois de sua elaboração, uma segunda prosificação cíclica compactada, digamos, em relação à primeira. A maior redução que o texto sofreu foi a supressão dos três volumes do *Lancelote*, mas significa também razoável redução o que se fez com a *Morte de Artur*, cujos capítulos finais, numa forma também abreviada, foram incorporados à *Demanda do Santo Graal*.<sup>5</sup> O novo texto cíclico resultou nos seguintes livros:

1. *Le livre de Joseph d'Armathie*, novo título da *Estoire del Saint Graal*;
2. *Le livre de Merlin*;
3. *La Queste del Saint Graal*.

---

4. Ao término do *Lancelote*, em seu *explicit*, vem nomeado Gautier Map: "Havia tanta gente, na véspera de Pentecostes, que cada um, diante do espetáculo, ficou estupefato. Gautier Map termina aqui seu livro e começa o *Graal*." Que a referência ao autor de *De nugis curialium* seja do autor anônimo ou tardia, o propósito há de ser o mesmo, garantir futuro e prestígio para a obra. Gautier Map havia falecido por 1209, antes portanto, da primeira prosificação cíclica, a *Vulgata*, dentro da qual insere-se o *Lancelote*. O emprego do nome de Gautier Map revela que seu prestígio ainda era forte.

5. Excusa dizer que a designação *Ciclo do Lancelote-Graal* atende tão somente à *Vulgata*, não cabendo de forma alguma à *Post-Vulgata*, mesmo porque sua maior redução é exatamente a supressão dos três volumes do *Lancelote*.

*Post-Vulgata* é como passou a ser chamada essa nova prosificação cíclica, anteriormente conhecida como Ciclo do Pseudo-Boron, em condições idênticas às do Pseudo-Map.

O que convém lembrar ainda a respeito da matéria e de cada um dos textos dessa trilogia é que o texto que abre tanto o primeiro ciclo, a *Vulgata*, sob o título *A Estória do Graal*, como o segundo, a *Post-Vulgata*, sob novo título *O Livro de José de Arimatéia*, é que a matéria narrada adquiriu forma mais definida do que as demais partes de ambos os ciclos. Desde sua primeira prosificação, o texto mantém-se basicamente o mesmo. Tanto que, em sua edição, em andamento, da versão da *Post-Vulgata*, Fanni Bogdanow deixa de lado a primeira parte do *Romance do Graal*, por essa razão. É verdade que deixa também de lado a segunda parte, mas a razão é outra: a edição Jacob Ulrich e Gaston Paris do *Merlin*, que contém suas *Continuações*, dispensa trabalho da mesma natureza. O texto da *Demanda*, a que se acoplou um resumo dos últimos capítulos da *Morte de Artur*, é o que suscitou problemas desde 1887, então os cinco volumes da edição da *Post-Vulgata* de Fanni Bogdanow trabalham todos os testemunhos desse texto.

É possível que Fanni Bogdanow, no início de suas pesquisas, não imaginasse enfrentar tantas dificuldades nem tardar tanto para dar a lume uma *Post-Vulgata* mais acabada em francês do que a intrincada matéria com que nos brinda. Logo que percebeu a pesquisadora que o conjunto de testemunhos franceses está muito longe de reconstituir o original, tornou-se indispensável trazer os testemunhos das traduções. O que ela fez foi prosseguir e perseguir a trilha de seu mestre Eugênio Vinaver, que, por sua vez, insistiu na mesma linha de pesquisa de Gaston Paris. Quer nos parecer que a pedra fundamental de todo este monumento está naquela dupla recensão que o próprio Gaston Paris faz, na *Romania*, XVI, 1887, p. 582-586. O primeiro livro recenseado é o *Merlin* que ele mesmo publicou em parceria com Jacob Ulrich e o segundo, *A história dos cavalleiros da mesa redonda e da demanda do Santo Graal*, publicação parcial de Karl Von Reinhardtstöttner. A partir dessa recensão, o códice vienense da *Demanda* portuguesa passou a adquirir uma importância que só fez crescer, porque esse texto revelou-se ser o *corpus* mais acabado que existe de *La Version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*.

Tal publicação, em andamento, traz novamente à tona a questão da prioridade da tradução do texto na Península Ibérica, se terá sido feita em espanhol ou em português, visto que a pesquisadora britânica põe à disposição de todos nós os textos-fonte remanescentes.

Muita erudição e muitas informações de grande interesse circularam, durante a profícua polêmica de Manuel Rodrigues Lapa e de Pere Bohigas

Balaguer, a respeito dessa prioridade.<sup>6</sup> O reexame da questão ganha agora novas trilhas, além das percorridas pelos dois gigantes, mas, ao que tudo indica, pode não gerar discussões tão acaloradas como aquelas. Aos argumentos de Manuel Rodrigues Lapa, os dados textuais parece só somarem-se para confirmar a tese do velho mestre de Anadia. Aliás, seu próprio oponente acatou a tese da prioridade portuguesa em 1933.

Portanto o reexame não objetiva acirrar ânimos, busca tão somente fazer uma *collatio* de testemunhos que não terão sido lidos até as décadas de vinte e de trinta, pois não foram trazidos à argumentação. Em seguida, será necessário submeter a critérios rigorosos a *collatio*, sendo então possível apontar para onde os testemunhos levam. Na expressão de Ivo Castro, “fazer os testemunhos falarem”, é como referiu-se ele ao códice do *Livro de José de Arimatéia*, ao tratar da datação de sua cópia, o que na verdade, levou-o muito mais longe, nada menos do que a definir a entrada do ciclo em Portugal.<sup>7</sup>

A grande dificuldade da empreitada, sei que já configuram-na, a grande dificuldade que se levanta é o fato de os textos ibéricos não se conservarem no estado de língua mais antigo. O códice 2594 da Biblioteca Nacional de Viena é do século XV, ao que tudo indica do reinado de D. Duarte, portanto teria sido copiado entre 1433 e 1438.<sup>8</sup> Do códice espanhol, o 1877 da

- 
6. LAPA, M. Rodrigues. *A Demanda do Santo Graal*, prioridade do texto português, *A Língua Portuguesa*, Lisboa, 1929-30, p. 266-279. Reimpresso em LAPA, M. Rodrigues, *Miscelânea de Língua e Literatura Portuguesa Medieval*, Rio de Janeiro: INL, 1965, p. 105-133. Traduzido para o francês, LAPA, M. Rodrigues, *La Demanda do Santo Graal*, priorité du texte portugais par rapport au texte castillan, *Bulletin des études portugaises*, I, 3, Coimbra, 1931. Acompanham Lapa: PICKFORD, C. E. La priorité de la version portugaise de la *Demanda do Santo Graal*, *Bulletin Hispanique*, 83, 1961, p. 211-216; BOGDANOW, F. Old Portuguese *seer em car teudo* and the priority of the portuguese *Demanda do Santo Graal*, *Romance Philology*, XXVIII, 1974, p. 48-51; CASTRO, Ivo. Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata, *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1983, p. 81-98. A prioridade espanhola é defendida por PIETSCH, K. *Spanish Grail Fragments*, I, p. XXXII; ENTWISTLE, W. J. *The Arthurian Legend in the Literatures of the Spanish Peninsula*, Londres, Nova Iorque: J.M. Dent, Dutton, 1925, reimpresso em Nova Iorque: Phaeton Press, 1975; BALAGUER, Pere Bohigas. *Los textos Españoles y gallego-portugueses de la Demanda del Sancto Grial*, Madrid, 1925 (*Revista de Filología Española* - anejo VII). Numa recensão ao trabalho de M. Rodrigues Lapa, na *Revista de Filología Española*, XX, 1933, p. 180-5, o arturiano catalão aceitou a tese da prioridade portuguesa.
  7. CASTRO, Ivo. Sobre a data da introdução na Península Ibérica do Ciclo Arturiano da Post-Vulgata, *Boletim de Filologia*, XXVIII, 1983, p. 81-98, bem como CASTRO, Ivo. Quando foi copiado o *Livro de José de Arimatéia*, *Boletim de Filologia*, XXV, 1976-79, 1-4, p. 173-183.
  8. CASTRO, Ivo. *Demanda do Santo Graal*, *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa* (org. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani), Lisboa: Caminho, 1993, p. 203-206.

Biblioteca Universitária de Salamanca, datado de 1470, restam apenas fragmentos que Pietsch editou, em 1924 e 1925.<sup>9</sup> Na Espanha, a tradição impressa da matéria arturiana iniciou-se logo no século XV. Mas da *Demanda*, o exclusivo texto de nosso interesse, só há incunábulo de 1515, exemplar único na British Library, e de 1535, pelo menos cinco exemplares, um dos quais em Madrid. Se tivéssemos esses textos no estado mais antigo de língua, ao tempo de sua primeira tradução ou cópia, não há dúvida de que a dificuldade estaria atenuada.

Mas essa dificuldade não é intransponível, nem invalida o reexame da questão. Se os textos ibéricos estão num estado mais avançado da língua, os franceses, de certa forma, compensam, porque, não tendo tido em seu país de origem o mesmo prestígio que tiveram os da *Vulgata*, permanecem todos no estado primitivo em que foram elaborados ou em estado muito próximo desse. O meticuloso trabalho de Fanni Bogdanow, reconhecido internacionalmente, talvez dispensasse o recurso aos códices, mas eventualmente é para se supor sua utilização, ainda que apenas confirmem a lição da arturiana britânica. O interesse científico do trabalho limita-se aos trechos de que sobrevivam testemunhos da fonte francesa que tenham ao lado os respectivos textos português e espanhol.

O que vamos então fazer é apresentar uma breve amostragem de fragmentos tais como Fanni Bogdanow os apresenta ou no volume da Introdução à *Version Post-Vulgate* ou em artigos anteriores, em que teremos sempre o texto francês primitivo, numa ou em mais de uma versão, seguido do texto português e do espanhol, todos sempre da mesma passagem, de modo que possamos compará-los todos e tirar os argumentos que a *collatio* fornecer. Quando Fanni Bogdanow aproxima tais passagens tem, como deixa claro, outro objetivo: mostrar as relações entre as versões, confirmar a origem dos textos português e espanhol, um dos sustentáculos de sua tese da existência da *Post-Vulgata*, a que ela denomina, desde 1966, o *Romance do Graal*. Quanto à questão da prioridade, diz textualmente a arturiana britânica: "Cette question, si souvent discutée, est fort difficile à trancher d'une manière définitive."

Temos perfeita consciência dessa dificuldade e, conforme dissemos, ela decorre exatamente dos diversos estados de língua em que temos os textos hoje, por outro lado, se estivessem no mesmo estado, a simples leitu-

---

9. *Spanish Grail Fragments: El libro de Josep Abarimatia, La Estoria de Merlin, Lançarote*, editados do único manuscrito, por Karl Pietsch. Modern Philology Monographs of the University of Chicago, 2 v., 1924 e 1925. Edição dos fragmentos espanhóis do Graal contidos no ms. 2-G-5 da Biblioteca de Palácio, Madrid, hoje ms. 1877 da Biblioteca Universitária de Salamanca.

ra seria suficiente para dar a solução. Então, é essa dificuldade, esse desafio que perseguimos, não com a pretensão de dogmatizar a respeito, mas com a certeza de poder trazer alguma contribuição com argumentos, que esperamos sejam sólidos para apontar na direção acertada.

Primeira *collatio*:

§ 377. O (fól. 181c), N (fól. 86a), S (IV, fól.120d):

*Et Blioberis raquelt sa voie d'une autre part. **Ainsi se departent li troi chevaliers.** Et messire Tristan, **qui toute voies chevauchoit tant doulenz et tant corrociez que nul plus, tant [ot] alé en tiel maniere** qu'il li anuita a l'entree d'un chastel.*

Tr. (T. fól. 349b):

*Blioberis retint sa voie d'autre part. **Ainsi departent li trois chevalier.** Et Tristan, **qui toute voies chevauchoit tant iriez con nus plus, a tant chevauchié en tel maniere** qu'il li anuita a l'entree d'un chastel.*

D (fól. 126c):

*E Bliobleris ar filhou sa carreira per outra parte. E Tristam andou tanto aquel dia que lhe anoitece <o> aa entrada de huú castelo.*

De<sup>1</sup> (cap. CXCv), De<sup>2</sup> (p. 235b):

*E Brioberis tomo camino para otra parte. E Tristan anduuo tanto aquel dia que le anochescio a la puerta de vn castillo.*

Estão em **itálico** nos testemunhos franceses as passagens que os dois testemunhos ibéricos eliminam. A primeira eliminação é de uma frase completa, a segunda é da explicativa que aliás sofreu redução do primeiro para o segundo testemunho francês e a terceira eliminação é da locução adverbial de modo *en tiel / tel maniere*, dentro da oração subordinada adverbial consecutiva *tant [ot] alé qu'il... / a tant chevauchié qu'il...*, numa solução satisfatória de tradução. Os dois testemunhos franceses trazem o prefixo *ra-* e *re-* que o português traduz com *ar*, e o espanhol ignora. A novidade que os testemunhos ibéricos apresentam é *aquel dia*, indicação de tempo que não existe em nenhum dos dois testemunhos franceses, além do que a tradução de *tant [ot] alé / chevauchié* por *andou / anduuo*, índice de que o testemunho francês utilizado para a primeira tradução ibérica tenha sido igual a O, N ou S, com a possibilidade de que o texto espanhol tenha saído do português, com a divergência de *puerta* por *entrada*, além da falta já apontada do prefixo *re-*.

Segunda *collatio*:

§ 377 O (fóls. 181d-182a), N (fól. 86a), S (IV, fól, 120d):

*Sire, bien Deu merci. Assez i ai puis trouvé aventuieres belles et laides, **puis que g'i entrai.** Hui sanz faille m'est il plus mésavenu q'il ne fist pieça mes.*

Tr. (T, fól. 349c):

*Sire, bien Dieu merci. Et ai puis trouvé assez aventures beles et leides, puis que g'i entrai. Hui sanz faille m'est il plus mesavenu qu'il ne fist pieça mes.*

D (fól. 126d):

*Senhor, dise Lanbeguez, bem, aa mercee de Deus, ca muytas aventuras achei boas e maas, mas oje, sem falha, me aveeo peor ca peça a mym aveo.*

De<sup>1</sup> (cap. CXCIV), De<sup>2</sup> (p. 235b):

*Mui bien, dixo el, a la merced de Dios, ca muchas aventuras falle, buenas e malas, mas oy me avino sin falla, me peor que me avino tiempo ha.*

O trabalho de tradução transforma a subordinada adverbial temporal *puis que g'i entrai* (desde que entrei nela) numa explicativa: *ca muytas aventuras achei / ca muchas aventuras falle* e, em consequência, a última frase dos testemunhos franceses passa a uma oração coordenada adversativa. O dado diferente dos testemunhos ibéricos é *dise Lanbeguez / dixo el*.

Terceira *collatio*:

§ 577. O (fól. 211d), N (fól. 100c):

*Et tout ausint com Simeu avoit esté delivrez de l'ardor del feu qui tant avoit duré en la venue de monseignor Galahaz, tout ausint fu Moïs delivrez, et celle meesmes maniere. Si fu celle chouse tenue par le roiaume de Logres a grant merveille et fu mis en escrit a Saint Estiene de Chamaalot.*

D (fól. 178d):

*E bem asy como Simeu foy livre do fogo polla viinda Galaz, asi foy Moïs livre per aquella mesma aventura. Este milagre foy metudo na see de Camaaloc en escrito.*

De<sup>1</sup> (cap. CCCLIII), De<sup>2</sup> (p. 95a):

*E bien asi como Simeon fue librado de la pena por la venida de Galaz, assi fue Moyses su hijo por aquella mesma aventura. Y este miraglo fue metido en escrito en la Silla Peligrosa de Camaloc.*

Os destaques em negrito mostram um crescente processo de redução: *de l'ardor del feu qui tant avoit duré*, para *do fogo*, e por fim, para *pena*; depois: *Si fu celle chouse tenue par le roiaume de Logres a grant merveille et*, para *Este milagre* para o equivalente espanhol: *Y este miraglo*. Além dessa redução progressiva, há uma outra palavra que se repete nos dois testemunhos ibéricos, mas não traduz literalmente o francês: *aventura / aventura* por *meesme maniere*. O mais interessante, porém, nesta passagem, é a diferen-

ça entre a *Saint Estiene*, *see* e *en la Silla Peligrosa*. Essa passagem parece fornecer argumento sólido para confirmar que o tradutor espanhol valeu-se do testemunho português, visto que o orago da Sé foi muito apropriadamente substituído por *See*. Possivelmente, o tradutor espanhol sobrepôs a idéia de *See* à do único assento destacado ao longo do texto, a *seeda perigosa* e então fez: *en la Silla Peligrosa*. Ora, *meter en escrito en la Silla Peligrosa* não faz o menor sentido, nem tal *Silla* confunde-se com a *See de Camaloc*, nem tampouco em qualquer assento da tábua redonda escrevia-se o que quer que fosse. Certamente, não se consegue explicar como o texto espanhol teria chegado a *Silla Peligrosa*, sem o testemunho português.

Quarta *collatio*:

§ 107. S (IV, f. 90a):

*En ceste partie dit il comptes que qunt Keux le Seneschal se fut partis de monseigneur Galaad pour aler a monseigneur Gauvain, messire Boort monta sur le cheval au chevalier que Keux avoit occis, et **laissierent** le chevalier gisant en **my** le chemin, **qu' ilz n'en porterent riens du sien fors seulement l'escu qu' il avoit**. Cellui prist messire Boort pour le sien que Galaad avoit trenchié en .ii. moitiés, si com ly contes a ja devisé. Quant ilz se furent mis en la voye, messire Boors dist a Galaad ...*

D (f. 35b):

*Quando se **querria** partir de Gallaaz por hir a Galvam, Boorz cavalgou no cavallo do cavaleiro que hi mata, e **leixou** o cavaleiro morto **em meyo** da carreira, e **nom lhe quis al tomar ergo o cavallo**, e pois entrarom no campo, dise Boorz a Gallaaz ...*

De<sup>1</sup> (cap. XC):

***Dize el cuento que** pues que se partio de Galaz e de Boores por yr a Galuan, Boores cualgo en el cauallo de cauallero que mato que ante ellos (**De2 om.** que ante ellos) e **dexaronlo** yazer en el camino, e fueronse; e andando assi, dixo Boores a Galaz ...*

De<sup>2</sup> (p. 195b):

***Pues dize el cuento** que se partio Galaz de Boores por yr a Galuan, Boores ...*

Essa passagem, na expressão de Fanni Bogdanow, é muito característica das relações que há entre os testemunhos ibéricos e sua fonte francesa. Os destaques que ela traz em itálico em sua edição permitem ver o que se conserva, o que sofre alteração e o que é eliminado de um testemunho para o outro. O testemunho espanhol *De* conserva o plural da forma verbal *leissierent / dexaron*, que o português levou para o singular: *leixou*. O texto espanhol elimina *qu'ilz n'en porterent riens du sien fort seulement l'escu qu'il avoit*, que o português faz, a seu modo: *e nom lhe quis al tomar ergo o*

*cavallo*. Os dois testemunhos ibéricos omitem *cellui prist messire Boort pour le sien que Galaad avoit trenchié en .ii. moitiés, si com ly contes a ja devisé* (que, contrariando a norma, não vem em itálico na edição), bem como o nome do cavaleiro Quéia. Fanni Bogdanow, com a familiaridade que tem com manuscritos e testemunhos impressos, sugere a seguinte conjectura para a tradução portuguesa, em seu estado mais antigo:

*Diz o conto que quando se **Queya** partio de Galaaz por hir a Galvam, Boorz cavalgou no cavallo do cavaleiro que hi matara, e leixaron o cavaleiro ...*<sup>10</sup>

É mesmo possível que o copista do testemunho português de que dispomos tenha lido *querria* onde estava escrito *Queya*, que o tradutor espanhol e, em seguida, o impressor suprimiram. Mas o tradutor poderia ter omitido *Queya*. Outra hipótese é que a fonte comum de *D* e *De*, algo igual ou próximo da conjectura de Fanni Bogdanow, já tivesse efetuado a supressão de *Queya* (sem prejuízo do sentido da frase, como se pode verificar) e diferentes copistas deram tratamento diferente. Essa hipótese parece mais fraca pelo fato de termos *querria* em *D*.

Não sendo possível prolongar por hoje a amostragem, julgamos útil trazer um argumento que a *collatio* vem sugerindo, à medida que vamos caracterizando as mais freqüentes divergências entre os testemunhos espanhóis e o códice português de Viena. Ainda embrionário, o argumento apresenta-se-nos como algo próximo de uma liberdade maior que se dá o tradutor espanhol, sabendo que o testemunho que tem em mãos não é o original, mas uma tradução. Tal argumento ainda vai ser mais elaborado e sua aplicação, se confirmada com alta freqüência, há de esclarecer muitos casos.

Como se trata de pesquisa em andamento, poderia comodamente dizer que não há conclusão, mas ao submeter à apreciação de público tão especializado os fragmentos que trouxe, agradeceria muito que me ajudassem a ir percebendo mais pontos de interesse semelhantes aos que passo a enumerar e principalmente a ir mais fundo nos seguintes pontos:

1. Há passagens em que o texto português está inegavelmente mais próximo da fonte francesa.

---

10. BOGDANOW, Fanni. *La Version Post-Vulgate*. v.1, *Introduction*, p.477.

2. Há passagens em que é difícil admitir-se que o texto espanhol possa ter chegado ao estado em que se apresenta, sem se supor o acesso ao texto português.
3. Há passagens em que o texto espanhol parece estar mais próximo da fonte francesa.
4. Não encontrei passagens em que se possa constatar que o texto português supõe o acesso ao texto espanhol.

Tais têm sido os resultados parciais a que vimos chegando. Mas há muito chão pela frente e certamente muitas pistas a explorar mais ainda: além do léxico, a sintaxe, as alterações de discurso, o emprego do tempo verbal, as eventuais substituições, glosas, reduções ou abreviações, e com isso também o trabalho propriamente dito de tradução. Esse tem apontado méritos do tradutor. Se é verdade, como se diz, que o tradutor se revela mais quando seu trabalho deixa de ser literal, quer nos parecer que o tradutor português impressiona pela compreensão abrangente que revela ter da obra, da mentalidade da época, talvez até dos objetivos que teria Afonso III ao trazê-la da França, na circunstância histórica em que assumiu o trono de seu irmão Sancho II.



## **Fernan Soarez de Quinhones: duas leituras críticas de sua obra**

**João Antonio de Santana Neto**

UCSAL / UCSal / UNEB

### **Resumo**

No início dos anos 90, duas dissertações de mestrado foram defendidas tendo como objetivo editar criticamente as cantigas de Fernan Soarez Quinhones. A presente comunicação visa a comentar ambos os trabalhos, observando critérios como: área dos autores, objetivos específicos, metodologia adotada, apresentação da edição crítica em cada dissertação.

O início dos anos 90 foi de resgate e coincidências. Em Lisboa e em São Paulo, dois mestrados defenderam suas dissertações. Os dois trabalhos têm por objetivo editar a obra conhecida de **Fernan Soarez de Quinhones**. Contudo, as coincidências não param por aí. Há também outras: os dois mestrados possuem o mesmo prenome — João — e as orientadoras idem - Elza. Infelizmente, as coincidências não chegaram ao ano da defesa, tendo ocorrido uma em 1991 e a outra em 1992.

Enquanto em São Paulo, João Antonio de Santana Neto<sup>1</sup> trabalhava sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elza Miné da Rocha e Silva; em Lisboa, João Dionísio<sup>2</sup> era orientado pela Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Elza Gonçalves. Como os mestrados ocorreram em áreas diferentes, João Santana em Filologia e Língua Portuguesa e João Dionísio em Literatura Portuguesa, as edições apresentam diferenças, as quais serão objeto de explanação nesse trabalho.

Santana Neto apresenta a sua dissertação dividida em três capítulos. No primeiro, figuram:

### **I Primeiras Considerações**

#### **1 O movimento trovadoresco galego-português: uma breve notícia**

Trata-se de um resumo do movimento cultural no qual está inserida a obra do trovador.

---

1 SANTANA NETO, João Antonio de. *As cantigas de Fernan Soarez de Quinhones* (subsídios para uma edição crítica).

2 DIONÍSIO, João. *As cantigas de Fernan Soarez de Quinhones*: edição crítica com introdução, notas e glossário.

## 2 Os cancioneiros medievais galego-portugueses: dados informativos

São apresentados os três grandes cancioneiros, informando quanto à estrutura e citando o *stemma codicum* elaborado por Tavani<sup>3</sup>.

No segundo capítulo, inicia-se a edição propriamente dita:

## II Subsídios para uma edição crítica das cantigas de Fernan Soarez de Quinhones

### 1 Introdução

#### 1.1 O trovador: rastreando sua origem

São fornecidos alguns dados que podem elucidar e esclarecer a origem do trovador, buscando informações na *Crônica de D. João I*, no *Cancioneiro Gallego-Castelhano*, em Menéndez Pelayo<sup>4</sup>, em Ceschin<sup>5</sup> e na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* e indica as armas da família Quinhones.

#### 1.2 Tábua da correspondência

É construída a tabela de correspondência entre as numerações das cantigas nas diversas leituras consultadas e que figuram no aparato crítico.

#### 1.3 *Conspectus Siglorum*

São indicadas as siglas utilizadas no aparato crítico.

#### 1.4 Normas de transcrição

São apresentadas as normas utilizadas para a edição dos textos, baseadas em Castro et al<sup>6</sup> e Spina<sup>7</sup>.

## 2 Textos Críticos

### Texto

Figura o texto estabelecido, indicado no *caput* com algarismos romanos de I a V. Os versos possuem duas numerações: a da direita, específica para cada texto, é utilizada no aparato crítico; a da esquerda, seqüencial, para uso no III capítulo e no glossário.

3 TAVANI, Giuseppe. *Poesia del duecento nella Penisola Iberica: problemi della lirica galego-portughese*.

4 MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. *Estudios de crítica histórica y literaria*.

5 CESCHIN, Osvaldo Humberto Leonardi. *O "infançon" entre a ficção e a história*.

6 CASTRO, Maria Helena Lopes et al. *Normas de transcrição para textos medievais portugueses*.

7 SPINA, Segismundo. *Normas gerais e específicas para a transcrição de um texto medieval*.

#### Localização

O autor da edição localiza, através da numeração, as cantigas no manuscrito e nas edições em que figuram.

#### Aparato crítico

Foram reproduzidas as formas constantes no manuscrito, seguidas das lições dos editores. O tipo do aparato foi positivo e negativo.

#### Classificação e versificação

Foram apresentados: a classificação da cantiga, o esquema das coblas e os artifícios poéticos.

#### Paráfrase

Figura uma paráfrase em prosa para cada cantiga, fruto da sua interpretação sobre a mesma.

#### Comentários lingüísticos e filológicos

Esses comentários são sugeridos a partir do texto da cantiga, envolvendo questões específicas ou gerais. Figura, para cada cantiga, um estudo etimológico e morfológico das formas mais curiosas ou em desuso, alguns elementos sintáticos e a interpretação dos versos (palavras).

### **III Considerações finais: vetores da crítica de Quinhones**

As críticas do trovador são agrupadas em cinco vetores:

- 1 O amor cortês, com seus tópicos artificiais;
- 2 As disputas mantidas entre as diferentes classes sociais pelos privilégios;
- 3 Os maus costumes e vícios;
- 4 A decadência dos infanções;
- 5 Uma sociedade voltada para os interesses materiais, desprezando o amor na busca de riquezas e servindo-se das lutas pela Reconquista como meio de conseguir as graças reais e, conseqüentemente, os benefícios.

### **IV Glossário**

Exclusivamente voltado para os textos das cantigas, indica: a localização dos vocábulos, através da numeração seqüencial dos versos; a etimologia e o significado.

Dionísio inicia a sua dissertação através de uma “explicação prévia”, onde apresenta o seu trabalho, seguida das “siglas e citações bibliográficas”. Divide-a em duas partes:

## **Parte I - Introdução**

### **I A tradição manuscrita: fixação do *corpus***

O autor discute o problema da atribuição das cantigas, tendo em vista a discrepância entre o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* e a *Távola Colocciana*, e a segunda questão que trata da rubrica, também relacionada à atribuição da autoria das cantigas.

### **II Referências biográficas e contexto histórico-literário**

“Este capítulo está dividido em três zonas: a primeira dedicada ao autor das cinco cantigas adiante editadas; a segunda alberga informações relativas aos diversos indivíduos mencionados nos textos de **Fernan Soares**; a terceira é ocupada com três breves notícias de autores cuja produção pode ser especialmente relacionada com o trovador aqui estudado”.<sup>8</sup> Dionísio apresenta nesse capítulo a “Árvore Genealógica da Família Quinhones - sécs. XII-XIII - Ramo conjecturado de Fernan Soares”.

### **III A obra poética**

#### **1 *Hequivocatio***

É apresentado um estudo sobre o uso do *Hequivocatio*, traçando o seu aparecimento desde a *Arte de Trovar*<sup>9</sup> e perpassando por toda a obra de **Fernan Soares de Quinhones**.

#### **2 Temas e retórica**

Interpretação dos temas individualizados de cada cantiga.

#### **3 Versificação: as formas estróficas e métrico-rimáticas**

Trata-se de um estudo comparativo dos quatro módulos estróficos diferentes, utilizados por *Fernan Soares de Quinhones*, em suas composições, assim como os artifícios poéticos usados.

A segunda parte de sua dissertação está assim apresentada:

---

8 DIONÍSIO, João. Op. cit.

9 *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*

## Parte II - Os textos

Normas de transcrição

Abreviaturas utilizadas nas notas à edição

[Número da cantiga em romano, seguindo o primeiro verso]

[Localização no manuscrito]

Rubrica e notas

Edições

[Texto estabelecido]

Dionísio também apresenta a dupla numeração: a da direita, específica do texto; a da esquerda, seqüencial.

[Aparato crítico]

“O aparato está dividido em duas zonas. Na primeira, são assinaladas as lições manuscritas de que a edição se afasta por intervenções substantivas. Na segunda, consideram-se os lugares do manuscrito que se distinguem do texto crítico por razões meramente gráficas. Os lugares em que houve intervenção, estando assinalada no próprio texto crítico, não vêm registrados em nenhuma das faixas”<sup>10</sup>

Esquema métrico

Para cada cantiga, Dionísio apresenta o esquema métrico da composição, seguido do(s) artifício(s) poético(s) e das explicações, porventura, necessárias.

Notas

Apresentam aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e literários, exigidos para a interpretação de cada cantiga.

## Glossário

Trata-se de um elenco de palavras, usadas pelo trovador em suas composições, seguido das ocorrências contextualizadas, “não constitui um glossário no sentido estrito do termo na medida em que não inclui glossas explicativas do uso dado a cada um dos vocábulos listados”.

---

10 DIONÍSIO, João. Op. cit.

## Índice das rimas

As convergências e divergências anteriormente citadas, quanto à apresentação das dissertações, devem-se aos objetivos específicos de cada trabalho, considerando que foram realizados por mestrados de áreas diferentes: Santana Neto — Filologia e Língua Portuguesa —, Dionísio - Literatura Portuguesa.

Ainda no que tange às convergências e divergências, um ponto importante a ser tocado é a origem do trovador e a época em que viveu. Os dois editores, por caminhos diversos, chegam a conclusões bastante aproximadas. Ambos concordam que **Fernan Soarez de Quinhones** foi provavelmente contemporâneo de D. Fernando III (Santana Neto, p. 89; Dionísio, p. 22), participando, inclusive, da conquista de Sevilha. Santana Neto o localiza como um infançon asturoleonês, seguindo Ceschin<sup>11</sup>; Dionísio o localiza apenas como leonês, seguindo a lição de Michaëlis de Vasconcelos<sup>12</sup>.

Algumas diferenças na fixação dos textos são provenientes da aplicação das "Normas de Transcrição" e de diferenças metodológicas, não constituindo nenhum impecílio a sua identificação para um leitor especializado.

Quanto à leitura das cantigas, algumas diferenças podem ser apontadas. Tomaremos alguns exemplos:

### 1 Santana Neto

choirichão (v.5)

mercio (v.11)

come Fernand' e[n] Romai (v.57)

Porén para comendas (v.112)

### Dionísio

Chorrochão (v.5)

meu tio (v.11)

come Fernan de Romai (v.51)

por enpara(r) comendas (v.107)

2 O texto da cantiga II merece um tratamento especial nesta comunicação. Enquanto Santana Neto (p. 43) segue, para a sua fixação, a lição do manuscrito 3x4+1, abcdb; Dionísio segue a lição de Lapa<sup>13</sup> 3x2+1, aab. Ambos justificam suas posições.

Após a leitura de ambas as dissertações, considero-as complementares, pois cada editor conduziu o seu trabalho, tendo em vista a área em que o mestrado ocorria e os objetivos específicos inerentes às suas formações.

11 CESCHIN, Osvaldo Humberto Leonardi. Op. cit.

12 MICHAÉLIS DE VASCONCELOS, Carolina. *Tratado de alveitaria de Mestre Giraldo*.

13 LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*.

Sugiro que ambos se debrucem juntos sobre esses textos e elaborem uma edição em conjunto, unindo os conhecimentos, as experiências, as áreas.

### Referências bibliográficas

- CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL (Colocci-Brancuti). Cod. 10991. Edição fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional / Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1982.
- CASTRO, Maria Helena Lopes et al. Normas de transcrição para textos medievais portugueses. *Boletim de filologia*. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, v. 22, 1973.
- CESCHIN, Osvaldo Humberto Leonardi. *O "infançon" entre a história e a ficção*: contribuição ao estudo de seu cancionero. São Paulo, 1980. (Tese de Doutorado - Universidade de São Paulo).
- DIONÍSIO, João. *As cantigas de Fernan Soarez de Quinhones*: edição crítica com introdução, notas e glossário. Lisboa, 1992. (Dissertação de Mestrado da Universidade de Lisboa).
- LAPA, Manuel Rodrigues. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneros medievais galego-portugueses*. e.ed. <Coimbra>: Galáxia, 1970.
- MENÉNDEZ PELAYO, Marcelino. *Estudios de crítica histórica y literária*. Buenos Aires: Espasa, 1944. 7v.
- MICHAËLIS DE VASCONCELOS, Carolina. Tratado de alveitaria de Mestre Giraldo. *Revista Lusitana*. Lisboa, 1910. vol. XIII, p.330-1.
- SANTANA NETO, João Antonio de. *As cantigas de Fernan Soarez de Quinhones*: subsídios para uma edição crítica. São Paulo, 1990. (Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo).
- SPINA, Segismundo. *Normas gerais e específicas para a transcrição de um texto medieval*. São Paulo, [197-]. (Mimeo - Universidade de São Paulo).
- TAVANI, Giuseppe. *Poesia del duecento nella Penisola Iberica*: problemi della lirica galego-portughese. Roma: Edizioni dell'Ateneo, 1969.



# ***O Ramo Da Fogueira, Prosa E Verso De Arthur De Salles: Tentativa De Edição Crítica***

**Maria da Conceição Souza Reis**  
UFBA

## **Resumo**

Tentativa de edição crítica do poema dramático de Arthur de Salles, *O Ramo da fogueira*. Alguns dados sobre o autor e a obra. Breves considerações a respeito da relação de antecedência da prosa sobre os versos.

## **Apresentação**

*O Ramo Da Fogueira*, prosa e verso de Arthur de Salles: proposta de edição crítica é o título da Dissertação de Mestrado que ora desenvolvemos. Temos como orientadora a prof. Dr<sup>a</sup>. Albertina Ribeiro da Gama e como co-orientadora a prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Célia Marques Telles. Nesta Semana de Filologia e Lingüística Românicas em Homenagem ao Septuagésimo Aniversário do Professor Nilton Vasco da Gama, promovido pelo Setor de Filologia Românica da UFBA, apresentaremos não uma proposta de edição crítica da referida obra do “príncipe dos poetas baianos”, mas algumas considerações e/ou primeiras reflexões, realizadas durante os primeiros contatos com o **corpus** objeto de nosso estudo. Antes porém, faremos um breve relato sobre o autor, a obra e a edição crítica.

## **O Poeta**

Arthur de Salles, poeta baiano, natural da cidade do Salvador, nasceu a 07 de março de 1879 e faleceu a 27 de junho de 1952, foi parnasiano, simbolista e é um dos representantes da fase de transição pré-modernista. Homem simples, perfeccionista, sempre buscou o aprimoramento de suas obras.

Iniciou os seus primeiros escritos aos 13 anos de idade. Ao longo de sua vida, escreveu prosa e verso, mas sempre demonstrou preferência pelo segundo e uma certa predileção pela temática do **mar** e pelos temas **regionais**, em especial aqueles relacionados ao litoral baiano e ao Recôncavo.

Apesar de ter escrito muito, grande parte de sua obra continua inédita. Publicou, em vida, apenas três obras: *Poesias* (1920), *Sangue-mão* (1928) e *Poemas regionais* (1948).

## A Obra

O *Ramo da fogueira* é um poema dramático composto em versos alexandrinos, apresentando também versões em prosa. Fala sobre a superstição do 'ramo da fogueira', como nos diz o próprio autor:

*"Trago vos hoje um poemeto, uma outra glosa./  
É o ramo da fogueira. É crença ainda em/ muita  
gente que nas fogueiras de São João hoje/  
inexistentes na capital mas ainda vivas no/  
Litoral e no Recôncavo, que quando o ramo/  
plantado no centro cae [sic] para a porta antes/  
do outro São João há gente morta. Casos/  
ouvi repeltidos da certeza deste funebre aviso/  
dado por uma ár(vore) ou ramo de árvore."*<sup>1</sup>

## A Edição Crítica

O objetivo maior de uma edição crítica consiste em restituir um texto à sua forma genuína. O crítico pretende chegar à edição original, isto é, àquela que foi preparada de acordo com a vontade consciente do seu autor.

Tanto a crítica textual moderna como a tradicional apresentam as seguintes etapas: *recensio*, *collatio*, *eliminatio*, *emendatio*, estabelecimento do texto crítico e elaboração do aparato de variantes, apesar de chegarem a pontos opostos. A primeira busca estabelecer um texto crítico que represente a última vontade do autor, ou seja, apresentar o último momento da escritura, a segunda busca chegar ao original.<sup>2</sup>

Dentro da obra do poeta Arthur de Salles, encontram-se editados criticamente os poemas *Sangue-mau*, *Anchieta*, *Sub-umbra* e uma coletânea dedicada ao Dois de Julho: *Arthur de Salles e o Dois de Julho*, todas estas edições realizadas pelo Grupo de Edição Crítica da Obra de Arthur de Salles que tem como coordenador o prof. Dr. Nilton Vasco da Gama.

A elaboração da edição crítica do poema *O ramo da fogueira* seguirá a linha da crítica textual moderna baseando-se em critérios e normas já exis-

1 Cf documento 0105 da Coleção Arthur de Salles do ASFR do IL/ UFBA.

2 A crítica textual tradicional busca o arquétipo, ou seja, aquele manuscrito que está mais próximo do original ou que se supõe está próximo. Para mais informações sobre o assunto consultar AZEVEDO FILHO, Leodegário de. **Iniciação em crítica textual**. Rio de Janeiro: Presença, 1987. 156p. il. e TAVANI, Giuseppe. *Metodologia y practica de la critica de textos literarios contemporáneos Litterature latino-americane et des Caraibes du XX siecle; theorie et pratique de l'edition critique*. Roma: Bulzoni, 1989. p.65-84.

tentes, tais como, as do Grupo de Edição Crítica de Textos da UFBA e as da Comissão Machado de Assis, mas sem perder de vista que não existe nenhum método de crítica textual que se possa aplicar a todas as obras, pois cada edição apresenta seus problemas particulares.

O **corpus** objeto de nosso estudo é composto por textos em versos e em prosa. Os versos apresentam quatro testemunhos, sendo dois **pré-textuais**: *A Luva* (1929) e *Dom Casmurro* (1942), uma publicação *Poemas Regionais* (1948) e uma publicação póstuma, *Obra Poética* (1973). A prosa apresenta uma versão manuscrita, o documento 0105 do ASFR da ILUFBA e uma publicação **pré-textual**, *Os Annaes* (1913).

### **Breves considerações a respeito da relação de antecedência dos versos sobre a prosa**

No primeiro semestre de 1995, tivemos os primeiros contatos propriamente ditos com o **corpus** objeto de nosso estudo. A primeira operação, a *recensio*, que consiste na coleta de todos os testemunhos, diretos ou indiretos, de uma obra e que, normalmente, costuma ser uma tarefa muito árdua para aqueles que desejam editar criticamente um texto, foi executada pelo grupo que organizou o Acervo da Coleção Arthur de Salles, pois, este havia coletado todas as versões existentes e todo material para-textual da obra *O ramo da fogueira*.

Iniciamos, portanto, pela *collatio*, ou seja, pela comparação de todos os testemunhos coletados no ASFR do ILUFBA. E como possuíamos versões em prosa e em verso, uma escolha, neste momento, teria que ser realizada, então optamos por começar pelos versos que era a parte mais extensa e mais significativa para o próprio Arthur de Salles. Sabíamos que o seu desejo, em relação ao tema, era escrever versos. Após a *collatio* de todas as versões em versos, iniciamos a colação da prosa, esta, por sua vez, apresentava uma versão impressa, a que chamamos de crônica, e uma manuscrita. Procedemos à colação da primeira, deixando o manuscrito por último, pois tínhamos não conseguir ler, devido à irregularidade da escrita e à nossa pouca experiência com os manuscritos de Arthur de Salles.

Ao escolhermos *O ramo da fogueira* para ser objeto de estudo, tomamos conhecimento de que Célia Goulart de Freitas Tavares, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arthur de Salles*, havia levantado a hipótese de que a prosa antecedia os versos. No decorrer da *collatio*, sem que percebêssemos, voltamos nossa atenção para uma breve comparação entre os versos e a prosa. E, nesta visão, aquela hipótese começava a se confirmar. Cabe aqui uma observação:

quando começamos a *collatio* já tínhamos formulado a nossa hipótese de parentesco das versões e dos prováveis momentos evolutivos da redação.

O *stemma codicum* da prosa, para nós, seria:

ms  
↓  
AN (1913)<sup>3</sup>

e para os versos seria:

LU (1929)  
↓  
DC (1942)  
↓  
PR (1948)  
↓  
OP (1973)<sup>4</sup>

Após o término da *collatio* do impresso de 1913, estávamos convictas de que a prosa realmente antecedia os versos. O manuscrito antecedia o impresso e este, por sua vez, antecederia o poema. As nossas conclusões estavam baseadas nos seguintes aspectos: 1) o impresso em relação ao conteúdo era muito incipiente, em contrapartida, os versos eram mais ricos, mais elaborados, apresentavam idéias novas que refletiam um certo amadurecimento ou uma pesquisa por parte do escritor; 2) o problema da datação: a prosa foi publicada em 1913, na revista *Os Annaes* e a primeira publicação em versos é de 1929, na revista *A Luva*, portanto onze anos mais tarde. Sabíamos que a questão da data de publicação não nos dava garantia para fazermos tal afirmativa. Mas, se o desejo maior do autor era fazer versos sobre o tema, por que então ele publicaria primeiro a prosa e não os versos? Isto, de certa forma, nos dava uma garantia de que nossas conclusões estavam corretas. Só nos restava, neste momento, fazer a leitura do manuscrito.

Quando iniciamos a leitura do manuscrito, começamos também por derrubar o nosso *stemma codicum*. A medida que íamos decifrando as letras do manuscrito, constatamos que aquele documento seria o fragmento

3 As siglas ms e AN são, respectivamente, documento 0105 constante na pasta 04 do ASFR do ILUFBA e testemunho constante no periódico *Os Annaes*, ano 3, n. 4 de jul. de 1913.

4 As siglas LU, DC, PR e OP são, respectivamente, os testemunhos constantes na revista *A Luva* n. 88 de 1 de mar. de 1929, na revista *Dom Casmurro* de 30 de maio de 1944, na obra *Poemas regionais* (1948) e na *Obra Poética de Artur de Sales* (1973).

de uma página de diário, ou uma carta redigida por Arthur de Salles a um amigo, relatando-lhe sua pretensão em escrever alguns versos sobre a superstição do “ramo da fogueira”. A segunda hipótese nos parecia mais plausível. Apesar disso, estava claro que a prosa na versão impressa antecedia o poema, mas quanto ao manuscrito não tínhamos certeza. Não sabíamos se ele tinha sido escrito **antes** ou **durante** a composição dos versos. Neste momento, uma leitura complementar se fazia necessária. Recorremos, então, à dissertação de Célia Goulart de Freitas Tavares, ao capítulo que trata da relação entre a prosa e os versos. Verificamos que Célia Goulart de Freitas Tavares vê essa relação estabelecida, inicialmente, sob dois aspectos:

*1 Ligação tornada explícita pelo autor obedece a um esquema: isto implica isto — o que nós chamamos motivação para escrever.*

*2 Decorrente de nossas observações — Célia Tavares prende-se ao fato de a prosa poder vir a ser considerada como esboço da poesia. É a hipótese que acreditamos ocorrer com **O Ramo da fogueira** e por último apresenta o seguinte:*

*3 Declarada pelo autor — a prosa apresenta a poesia, numa tentativa de explicá-la aos ouvintes. É neste caso que Célia G. de Freitas Tavares enquadra o manuscrito*

É bom deixar claro que Célia Tavares só trabalhou com manuscritos e, na época em que realizou o seu trabalho, embora tivesse conhecimento da existência da versão impressa, não lhe foi possível consultá-la.

A nossa pretensão inicial ao ler a tese de Célia G. de Freitas Tavares era, na realidade, saber o que se dizia sobre a relação da prosa com os versos e, se, de alguma forma, suas hesitações coincidiam com as nossas. Verificamos que Célia Tavares referia-se ao manuscrito como sendo rascunho de explicações ou apresentações do seu poema, escrito antes de recitá-lo. Isto porque, naquela época, eram comuns as reuniões onde aconteciam recitais de poesias. Arthur de Salles era um frequentador assíduo delas.

Então, se Célia Tavares supunha que o manuscrito compunha-se de explicações ou de apresentações ao poema, o fato, de certa forma, vem corroborar as nossas suposições. Mas, a dúvida continua, pois, não sabemos se, de fato, são explicações aos versos; como não sabemos à qual versão do poema o manuscrito é ou não anterior. Se a segunda suposição for verdadeira, o manuscrito poderá ser posterior ao poema.

Como vimos, não temos elementos suficientes, ainda, para fazermos qualquer tipo de conclusão definitiva. Não podemos afirmar categoricamente que o autor, ao elaborar os versos, tenha se debruçado sobre a prosa, buscando um enriquecimento em todos os aspectos. A pesquisa encontra-

se em um estágio muito incipiente, requerendo de nossa parte muito trabalho e dedicação.

### Referências Bibliográficas

- AZEVEDO FILHO, Leodegário de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença/EDUSP, 1987. 156p.
- CASTRO, Ivo. Edição crítica de Pessoa: modelo editorial adotado. In: Um Século de Pessoa; Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1988. p.30-9.
- GAMA, Albertina Ribeiro da, TELLES, Célia Marques. Critérios para a edição crítica da "Obra dispersa de Arthur de Salles. In: III ENCONTRO de Ecdótica e Crítica Génética. Anais. João Pessoa: UFPB/APML/FECP/FCJA, 1993. p. 353 - 358.
- GAMA, Nilton Vasco da, (org). *Arthur de Salles e o Dous de Julho*. Salvador. Academia de Letras da Bahia / Univ. Federal da Bahia, 1993. 101p. Apres. de Cláudio Veiga.
- HAN, Edward B. Crítica textual e senso comum. Trad. de Antônio Houaiss. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 29 - 30, p. 18 - 37, 1966.
- HOUAISS, Antônio. Introdução ao texto crítico das Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis. *Revista do Livro*, Rio de Janeiro. Supl. 1, 1959. 51 p.
- SALLES, Arthur de. O ramo da fogueira. *Os Annaes*. Salvador, ano 3, n. 4, jul. 1913. p.88-90
- SALLES, Arthur de. O ramo da fogueira. *A Luva*, Bahia, n.88, 1 mar. 1929. p. 16-17.
- SALLES, Arthur de. O ramo da fogueira. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro, 03 maio de 1944. p.6
- SALLES, Arthur de. *Poemas regionais; Sangue mau, O Ramo da fogueira*. Bahia: Era Nova, 1948. p.119-129
- SALLES, Arthur de. O ramo da fogueira. In: Secretária da Educação e Cultura. *Obra poética de Arthur de Salles*. Salvador. 1973. p.219-227
- TAVANI, Giuseppe. Metodologia y practica de la crítica de textos literarios contemporáneos *Litterature latino-americane et des Caraibes du XX siecle; theorie et pratique de l'edition critique*. Roma: Bulzoni, 1989. p.65-84.
- TAVARES, Célia Goulart de Freitas. *Alguns aspectos da prosa dispersa e inédita de Arthur de Salles*. Salvador: UFBA, 1986. 225f. Dissertação de Mestrado, UFBA, Orient. por Nilton Vasco da Gama.

# Duas antigas versões portuguesas de “A Vida de Santo Aleixo”: exercício de edição crítica de textos manuscritos<sup>1</sup>

Risonete Batista de Souza

UFBa

## Resumo

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Albertina Ribeiro da Gama, como atividade final do curso de “Edição Crítica de Textos Modernos”, objetiva a aplicação das técnicas de leitura crítica e de *collatio* aos códices alcobacenses n° 36 e 266, fac-símiles publicados na edição paleográfica de Joseph Allen Jr., *Two old portuguese versions of the life of Saint Alexis* (Illinois: The University of Illinois Press, 1953). Na fixação do texto crítico, tomaram-se por base os critérios adotados por Joseph-Maria Piel em sua edição do *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sela*. Ocupa-se dos três primeiros fólios de C36 (149r°, 149v° e 150r°), texto de base, e dos cinco fólios correspondentes em C266. Estes fólios formam uma porção de sentido. O trabalho compõe-se de uma introdução com os seguintes itens: considerações gerais sobre a lenda de Santo Aleixo, a tradição manuscrita e impressa, a história, o texto de base, a edição de Joseph Allen Jr., os códices alcobacenses 36 e 266, e a descrição dos fólios. Seguem-se os critérios de transcrição, o texto crítico e um glossário.

## 1 Introdução

### 1.1 A lenda de Santo Aleixo: breves considerações

#### 1.1.1 A tradição manuscrita e impressa:

A vida de Santo Aleixo, épica religiosa tradicional, possui inúmeras versões das quais as mais importantes surgiram no antigo francês. A versão francesa original “*La vie de Saint Alexis*”, composta em meados do século XI, perdeu-se, restando apenas uma readaptação conservada em cinco manuscritos, sendo o mais importante o escrito na Inglaterra, no século XII, pertencente à igreja de São Godoardo de Hildesheim, e um mutilado, também do século XII, da Biblioteca Vaticana<sup>2</sup>. Há ainda modelos latinos e versões posteriores em outras línguas românicas. As versões portuguesas conservadas até os nossos dias são as dos códices pertencentes ao mosteiro

1 Trabalho apresentado à profa. dra. Albertina Ribeiro da Gama na disciplina LET 583 Edição Crítica de Textos Manuscritos, no Mestrado em Letras do ILUFBA, em julho de 1995.

2 TAGLIAVINI, Carlo. *Le Origini delle lingue neolatine*; introduzione alla filologia romanza. 3. ed. ampl. e agg. Bologna: Riccardo Pàtron, 1962. p.420-21.

de Santa Maria de Alcobaça, nº 36 e 266, além de uma versão latina também conservada naquele mosteiro, o códice nº 35. As versões dos códices 36 e 266 foram editadas por F. M. Esteves Pereira<sup>3</sup> e por Joseph Allen Jr.<sup>4</sup>. A primeira é uma edição crítica, tem como texto de base C36 e apresenta as variantes de C266. Allen Jr., citando Edwin B. Willians, afirma que “*seu método (de Esteves) de apresentação das variantes deixa o leitor em dúvida quanto à verdade lida no texto anterior*”<sup>5</sup>. Por esta razão e pela singularidade lingüística de C266, Allen Jr. empreende a edição dos dois códices. Aos aspectos condenáveis na edição de Esteves, some-se a sua distribuição restrita, o que por si só já justificaria outra edição. Há ainda uma edição crítica de Dinorah da Silveira Campos Pecoraro<sup>6</sup>.

“*Two old portuguese versions of the life of Saint Alexis*” de Joseph Allen Jr., publicada em inglês, é uma edição paleográfica. Respeita-se a disposição das linhas, as junções e separações das palavras, a pontuação original e a ocorrência de maiúsculas e minúsculas. A única interferência feita foi o desdobramento das abreviaturas, que aparecem em itálico no texto do editor. Mesmo o “*et*” foi transcrito <7> para o códice 36 e <2> para 266, para melhor caracterizar as formas que aparecem nos manuscritos. Raras vezes o editor interfere com conjecturas, que se resumem a letras ausentes no manuscrito. Joseph Allen Jr. não trabalhou com os manuscritos, mas por fotografias que lhe foram dadas por Edwin B. Williams<sup>7</sup>.

### 1.1.2 A história

A história de Santo Aleixo, um dos santos mais populares da cristandade, pode ser assim resumida: filho único de uma rica e nobre família romana, Aleixo deixa a casa paterna e a noiva na noite de núpcias para dedicar sua vida inteiramente a Deus. Renuncia à sua riqueza para viver como esmoleiro em terras distantes. Tempos depois, uma tempestade o traz de volta a Roma, e ele passa a viver, incógnito, como mendigo, sob a escada da sua própria casa, onde era maltratado pelos servos. Após sua morte, uma voz do céu anuncia sua santidade e sua identidade é, enfim, revelada.

3 PEREIRA, F. M. Esteves. A vida de Santo Aleixo segundo os códices do Mosteiro de Alcobaça. *Revista Lusitana* I. 332-45 (1887-9).

4 ALLEN Jr., Joseph H. D. *Two old portuguese versions of the life of Saint Alexis*; codices alcobacenses 36 and 266. Illinois: The University of Illinois Press, 1953. 89p.

5 Id. p.1.

6 PECORARO, Dinorah da Silveira Campos. *A vida de Santo Aleixo*. São Paulo: USP, 1951. 234p. Tese de doutoramento apresentada à cadeira de Filologia e Língua Portuguesa da FFCL da USP.

7 ALLEN Jr., Op cit., p. vii.

Esta edição ocupa-se dos dois primeiros fólhos de C36, que narram o nascimento de Aleixo, tido por milagre divino, já que sua mãe era estéril. Como forma de agradecimento a Deus, seus pais decidem, a partir de então, viver em castidade. Aleixo cresce e é educado na doutrina de Cristo. Quando adulto, seus pais escolhem uma moça da família do imperador e realizam seu casamento. Na noite de núpcias ele parte da casa paterna e vai viver no adro de uma igreja, na cidade de Edissa. Seu pai envia servos por todo o mundo para procurá-lo. Alguns deles o encontram entre os pobres, dão-lhes esmolas, mas não o reconhecem. O fólho 150rº termina com a frase “E depois desto, q(ue)rendo nosso senhor” (l.27), que é o início da primeira revelação divina da santidade de Aleixo, o que o leva a fugir mais uma vez para não receber nenhuma glória dos homens. E é durante esta fuga que a embarcação em que ele viaja é trazida a Roma.

O texto faz referências diretas a locais e datas. Passa-se em Roma, cidade de origem do santo, e em Edissa, na Síria, onde ele foi viver como pobre, esmolando no adro da igreja de Santa Maria, na qual, segundo o texto, estava a relíquia do Santo Sudário “em aq(ua)l cidade sta a figura de nosso / Senhor Jh(es)u (Christ)o, em hü pano, nō pintada, nē feyta p(er) mão / de nē hüü homē” C36 140vº l.24-26. Mas antes de chegar a esta cidade passara por Laodicia, onde aportara, após a fuga de Roma. Edissa é, provavelmente Edessa, atual Urfa, pertencente à Turquia. E Laodicia é, certamente, Laodicéia, cidade da Ásia Menor (Frígia), hoje Latáquia, na costa da Síria.

A indicação de tempo encontra-se no fl. 151vº: “Entō os Enp(er)ador(e)s. s. Archadio e Honoryo, q(ue) entō em aq(ue)l tempo / regiã Roma. E o p(a)p(a).Jnocêcio. mandarō (...)” (l.15-7). Estes personagens tiveram existência real, e tal encontro só poderia se ter realizado nos oito primeiros anos do séc. V d.C. Arcádio (377-408) e Honório (384-432), filhos do Imperador Teodósio o Grande, governaram o Império do Oriente e do Ocidente entre os anos 395-408 e 395-423, respectivamente. Santo Inocêncio I (Albano,?- Roma, 417) foi papa de 401 a 417<sup>8</sup>. É curioso notar estas referências históricas, embora elas não devam ser, necessariamente, tomadas com precisão rigorosa, não se pode esquecer do caráter ficcional, por tratar-se de uma lenda. Convém lembrar-se que também o “Roland” francês e o “Cid” espanhol têm um fundo histórico real.

---

8 KOOGAN, Abrahão, HOUAISS, Antonio et al. Enciclopédia e Dicionário. Rio de Janeiro: Delta 1994. 1644p. il.

## 1.2 O texto de base

Os motivos que levaram Esteves Pereira, Pecoraro e Allen Jr. a escolherem C36 como texto de base não foram os mesmos. Esteves acreditava que C266 é uma composição original ou uma transladação anterior a C36, mas escolheu este porque está datado, opinião que é acatada por Pecoraro. Allen Jr. discorda, guiado por evidências internas do texto de C266, os erros de cópia, como omissões de letras e de palavras, saltos bordões, grafias descuidadas, dentre outros, conclui que este é uma cópia de C36 ou de um manuscrito muito semelhante a este, e portanto, deve ser posterior. Dentre os erros que evidenciam tal conclusão podem citar-se:

- a) Em C36, 149v<sup>o</sup> l.24-5, ocorre a frase “*em aq(ua)l cidade sta afigura de nosso / senhor...*”; no trecho correspondente em C266 a leitura é “*Em na qual cidade está afigurad / a figura de nosso senhor...*” (69r<sup>o</sup> l.10-11).
- b) Em C36 a palavra “*e/dissa*” (150r<sup>o</sup> l.10-11), no final da linha, corresponde em C266 a “*dissa*” (69r<sup>o</sup> l.30).
- c) A palavra “*deus*”, omitida em C266 (71r<sup>o</sup> l.6) ocorre em C36 (150r<sup>o</sup> l.24). Talvez o copista tenha confundido “*deus*”, escrito com abreviatura <9> com a última sílaba da palavra precedente “*querendo*”.
- d) Em C36 tem-se a passagem “*... derō no ameestres q(ue) o ěsignassem em / nos santos sac(ra)mētos da s(ã)cta egl(e)ia. Ep(er)a lhe eu(er)em de insig/nar as artes liberaaes*” (149v<sup>o</sup> l.2-4). Na passagem correspondente C266 tem “*Derom no ameestres / q(ue) o em ssynassem Em nos santos sacramētos / da santa eg(re)ia E p(er)a lhe auerē de em ssynar / Em nos sanctos sacramentos da ssanta eg(re)ia / E pera lhe auerē de ěssinar as artes liber / aes*” (68v<sup>o</sup> l.9-14). Os grupos de letras <nos> e <nar> iniciais nas linhas 3 e 4, respectivamente, de C36, muito semelhantes, devem ter confundido o copista, que repetiu o texto do modelo.
- e) Um exemplo de salto bordão é a omissão de 159r<sup>o</sup> l.15 “*as palauras da carta*” para “*leuātouse*” na l.16; a palavra imediatamente abaixo “*carta*” deve ter sido a razão do erro do copista de C266, em cujo texto o pai de Aleixo levanta-se sem ter caído.
- f) Como exemplos de grafias descuidadas de C266, tem-se “*laodijioo*” (70r<sup>o</sup> l.12) e “*calanronsse*” (72r<sup>o</sup> l.6).

Allen Jr. não considera segura para a datação precisa de C36 a notação “*St. ans. o fez era iiij e liij anos.*”, que se encontra no final do fl. 148v<sup>o</sup> de C36.

Tais evidências parecem não deixar dúvida sobre a primazia de C36, e é por apoiar-se nelas que a presente edição o adotou como texto de base.

### 1.3 Códices alcobacenses 36 e 266

A versão de “*A vida de Santo Aleixo*”, no códice 36, inicia-se no fl. 149rº e termina no fl. 153rº, num total de nove fólhos. No códice 266 inicia-se no fl. 67vo. e termina no fl. 73rº, num total de doze fólhos. O fl. 67vº apresenta 19 linhas na mancha escrita, sendo que 17 pertencem ao final de um outro texto, apenas duas, portanto, pertencem ao texto em estudo, as quais correspondem ao título. Do fl. 68rº ao fl. 72vº há 30 linhas na mancha escrita de cada fólho. O fl. 73rº possui 27 linhas na mancha escrita. Ambos, em prosa, são escritos em letra gótica do séc. XV; e são pontuados. Uma descrição mais minuciosa torna-se difícil em virtude das sucessivas cópias dos mesmos, especialmente de C266, o menos nítido.

### 1.4 A descrição dos fólhos

A presente edição ocupou-se dos fólhos 149rº, 149vº e 150rº de C36, texto de base. Este trecho do texto corresponde, no códice 266, aos fólhos 67vº, 68rº, 68vº, 69rº e 69vº (até a l.24), variante de colação. Esta diferença de correspondência deve-se, principalmente, às dimensões das letras, que em C36 são notadamente menores que em C266. Também deve levar-se em conta o fato de C36 ser mais rico em abreviaturas, além das variações no texto.

Optou-se por descrever mais detalhadamente apenas C36, não só por este ter sido tomado como texto de base, mas também porque a cópia de C266 não se apresenta muito nítida, o que dificulta a leitura direta do manuscrito.

Os fólhos de C36 aqui editados podem ser assim descritos:

- a) 149rº: 27 linhas na mancha escrita. Apresenta uma letrina (E) na margem esquerda, à altura das linhas 1 a 4, a qual corresponde à primeira letra da palavra inicial do texto l.3. O título aparece no centro e corresponde às duas primeiras linhas, foi grafado em tipos maiores que os do texto. Como maiúsculas interessantes, destacam-se o <A> e o <S> na l.1, o <C> na l.2; aparecem ainda <E> (l. 3, 4, 5, 14, 16, 18, 21, 22, 23, 25 e 27), <A> (l.6 e 11), <C> (l.8).
- b) 149vº: 27 linhas na mancha escrita. Aparecem as maiúsculas <E> (l. 3, 4, 6, 9, 11, 16, 18, 20, 23, 24 e 26), <D> (11 e 12), <R> (l.18), <O> (l.19), <L> (l.22). É digno de nota ainda um <r> sobreposto à palavra “*senhor*” na l.19 e um “*nō*” sobreposto a “*pano. pintada*” na l.25.
- c) 150rº: 27 linhas na mancha escrita. O <E> maiúsculo predomina (l.1, 3, 5, 7, 9, 21, 22, 27); tem-se ainda <G>(l.13), <R> (l.15), <D> (l.18

e 27), <S> (l.20 <A> (l.25). Na margem direita, entre as linhas 4 e 5, há uma anotação, em letra menor e quase totalmente ilegível, da qual só se pode ler com segurança um “de”. Ao que parece não tem relação direta com o texto e, provavelmente, foi feita posteriormente.

## 2 Critérios de transcrição adotados

Os critérios adotados para a transcrição do texto crítico procuram preservar as características lingüísticas do manuscrito, embora a existência de uma edição paleográfica autorizasse uma edição modernizadora. Tomaram-se por base os critérios adotados por Joseph-Maria Piel no *Livro da ensinaça de bem cavalgar toda sela*<sup>9</sup>. Dessa maneira, está-se também em conformidade com a tendência atual assim expressa por Ivo Castro na introdução de *A Demanda do Santo Graal*, edição de Joseph Piel concluída por Irene Nunes, onde afirma que os critérios de edição de textos medievais portugueses em vigor hoje “constituem um repensar da posição modernizadora e uniformizadora que se divulgou entre nós nos anos setenta”<sup>10</sup>. Também foram vistos os critérios apresentados pelo Prof. Serafim da Silva Neto em *Textos medievais portugueses e seus problemas*<sup>11</sup>.

Critérios para a edição do texto crítico:

- a) Separaram-se as palavras que no manuscrito vêm unidas, exceto no caso em que a segunda é enclítica: “secomeca”, “se começa”; mas “outorgoulh(e)s”; ou certas junções como “douro”, “danbos” (contração com a preposição).
- b) Uniram-se as palavras separadas: “de pois”, “depois”.
- c) Em nomes próprios substituíram-se as minúsculas por maiúsculas: “aleixo”, “Aleixo”; “boniffacio”, “Boniffacio”.
- d) Desenvolveram-se todas as abreviaturas em itálico no texto crítico: <P>, “per”; “de9”, “deus”.
- e) Substituíram-se as letras <u> e <i> por <v> e <j> respectivamente, quando aquelas grafias têm valor consonântico: “uida”, “vida”; “iusto”, “justo”, em itálico no texto crítico.

9 PIEL, Joseph-Maria. Prefácio. In: EL REY DOM DUARTE de Portugal e do Algarve. *Livro da ensinaça de bem cavalgar toda sela*. Lisboa: Bertrand, 1944. p.vii-xvii. Ed. crítica acomp. de notas e glossário de Joseph-Maria Piel.

10 CASTRO, Ivo de. In: A DEMANDA do Santo Graal. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1988. p. xiv.

11 SILVA NETO, Serafim da. *Textos medievais portugueses e seus problemas*. Rio de Janeiro: MEC/CRB. p. 21-25.

- f) Substituiu-se <j> por <i>, quando aquela letra tem valor vocálico: “*mujto*”, “*muíto*”, em itálico no texto crítico.
- g) Conservaram-se as grafias <y>: “*Aquy*”, “*foy*”: as consoantes e vogais duplas: “*mãaos*”, “*liberaaes*”. Também o <h> não etimológico foi mantido: “*hüü*”, “*sabha*”.
- h) O til foi substituído por <n> ou <m>, quando representa estas consoantes: “*tëpo*”, “*tenpo*”. Também quando representa o timbre nasal foi substituído por <n> ou <m> nos casos em que o código mostra preferência por estas grafias: <ë>, “*em*”; “*faziã*”, “*faziã*”, “*faziam*”; <n> e <m> em itálico no texto crítico. Quando mantido, foi grafado (̃) sobre <e> e <u>.
- i) A pontuação original do manuscrito foi bastante modificada. Introduziram-se ou suprimiram-se sinais de pontuação. Todos estes casos foram registrados no aparato.
- j) Manteve-se a disposição original das linhas, numeradas de 5 em 5 na margem esquerda. A indicação do início de cada fólio também encontra-se na margem esquerda.

### 3 Texto crítico

- 149r<sup>o</sup> *Aquy se começa a vida de Sancto  
Alexo, Confesor.  
Em Roma foy hũũ homẽ per nome chamado Eufe  
myano nobre e rico muito. E era dos grandes e dos  
05 privados em casa do enperador. E este tĩinha tres mil moços vistidos  
todos de vistiduras de sirgo, e cingiam todos cintas douro. Aques  
te era homẽ justo e misericordioso e dava muitas smollas por  
amor de deus aos pobres. Cada dia em sua casa se poynhem tres  
mesas e em elas davam de comer aos orfõos e aas vyuvas e  
10 aos pelegrĩis e romeus e aos homẽes caminhantes. E ele co  
mya a hora de noa e senpre com religyosos. A sua molher avya  
nome Aglaes, muy religiosa e que temya deus. E nom tĩinha filho  
por que era maninha, por aqual cousa eram ambos tristes e chorosos.  
E por que avyam muitos bẽes e nom tĩinham herdeiros, e por que servos  
15 e servas os nom ouvessem de herdar, davam cada dia muitas smol  
las por amor de deus. E cada hũũ dia stavam e perseveravam em ro*

**I. 1. secomeça C36. / se começa C266. Sancto. C36 / sancto (s.p) C266. 1. 2. alexo. C36 / allexo (s.p) C266. Confessor (s.p.) C266. 1. 3-5. hũũ C266. chamado. C36 / chamado eufemiano nobre e Rico mujto E era hũũ dos grandes e dos priuados em casado emp(er)ador (s.p.) C266. 1. 5. Eest(e) C36 / E este C266. tres C266. uestidos C266. 1. 6. sirgo. C36 / uesteduras de sirgo E cingiam todos çintas douro Aqueste C266. 1. 7. mis(er)icordioso. C36 / justo e mis(er)cordioso (s.p.) C266. edaua C36 / E daua esmollas pollo C266. d(eu)s C266. pobres (s.p.) C266. ẽ C266. poinham C266. 1. 8-9. tr(e)s mesas. C36. tres mesas (s.p.) C266. em ellas dauam de comer aos orphãaos e aas ujuuas C266. 1. 10-11. pellegrijs e Romeus e aos homeës camynhantes (s.p.) C266. Eele C36 / E elle comja aa hora da noa E senpre cõ Religiosos (s.p.) C266. noa. C36. Asua C36 / Assua C266. auja C266. 12. molher religiossa C266. timia d(eu)s (s.p.) C266. Enõ C36 / E nam C266.**

**II. 13. era manjnha. C36 / ella era sterile (s.p.) C266. por aqual cousa erã t(ri)stes ambos e chorosos (s.p.) C266. 1. 14. auyam mujtos bẽes. e nõ tijnhã h(er)deiros. C36 / E por q(ue) nã tijnham herdeyrõs p(er)a tantos bees q(ua)ntos tijnham E s(er)juos C266. 1. 15-16. herdar. C36 / s(er)juas q(ue) nom ouvessem deherdar (s.p.) C266. E porẽ cada dia tantas esmollas pello amor ded(eu)s dauom (s.p.) C266.**

gos e em orações, pidindo a deus que lhe prouvesse de lhes dar algũ  
 filho que herdasse seus bêes. E nosso senhor deus veendo a contriçom  
 danbos, por a sua benignidade, e nenbrando se das boas obras que  
 20 anbos polo seu amor faziam, outorgoulhes o rogo e a pitiçom que  
 lhe pidiam. E deu lhes hũu filho e babtizarom no, e poserom lhe en  
 tom nome Alexo, por o qual filho se alegrarom muito, e derom a deus  
 graças. Entom stablecerom anbos que dhi em deante o mais tenpo  
 da sua vida vivessem em castidade e em sanctidade polo filho que lhes  
 25 deus dera. E que todo tenpo nom dormissem anbos em hũa cama,  
 nem se juntassem anbos carnalmente, mais que perseverassem em toda cas  
 tidade e linpeza, em guisa que eles podessem a deus plazer. E com o seu fi  
 149vº lho se alegrarem. Depois que o moço veo a ydade convinhavil  
 pera aver doctrina e castigo, derom no a meestres que o ensignassem em  
 30 nos santos sacramentos da sancta egleja. E pera lhe averem de insig

**l. 16-18.** *Ecada hũu dia stauã. (...) pidindo. ade(us) q(ue) lhe p(ro)uuesse. C36 / E cada hũu dia estauam e p(er)sseuerauam em rogos e ã oraçooës q(ue) lhe p(ro)uuesse delhes dar algũ fylho O qual ã os seus beens ouuesse derdar (s.p.) C266. e nosso ssenhor deus veendo e olhando acõt(ri)çom l. 19. danbos (s.p.) C266. / danbos. C36. benig(ni)dade. C36 / begnidade (s.p.) C266. Elemandosse C266. obras. C36 / obras (s.p.) C266. l. 20. pello C266. faziã. C36 / faziam (s.p.) C266. Outorgoulhes ho Rogo C266. apitiçõ C36 / apitiçã C266. l. 20. pello C266. faziã. C36 / faziam (s.p.) C266. Outorgoulhes ho Rogo C266. apitiçõ C36 / apitiçã C266. l. 21-22. pediam (s.p.) C266. E deulhes C266. hũu C266. e b(a)btizarõ no. (...) nome. alexo.(...) se aleg(ra)rõ mujto. C36 / aoq(ua)l pos(er)am nome quando ho babtizaram alexo pollo qual filho sse alegraram mujto (s.p.) C266. Ederom ade(us) C36 / Ederã ad(eu)s C266. l. 23-24. E em tam estabelleçerã anb(os) q(ue) dhy adeante ho mais tenpo da ssua vida ujuessë Em santidade e em castidade e esto pollo filho q(ue) lhes dera (s.p.) C266. omais C36. ujda. C36. l. 25. Eq(ue) C36 / E que C266. nam dormissë ãb(os) ã huã cama (s.p.) C266. cama. C36. l. 26. carnalm(ë)te. C36. nem q(ue) ouuesse de auer ajuntamëto hũu co outro carnalmente mais que p(er)seuerassem ã C266. l. 27. lnpeza. C36 / linpeza (s.p.) C266. ã C266. elles C266. ade(us) C36 / ad(eu)s C266. plaz(er). C36 / ap(ra)zer (s.p.) C266. Ecõ oseu C36 / E com ho seu filho C266. l. 28. sse alegrar (s.p.) C266. omoço C36 / o moço depois que ueo ajdade cõinhauel (s.p.) C266 / cõinhauil. C36. l. 29-31. castigo. C36 / castigo (s.p.) C266. Deram ameestres q(ue) o em ssynassem em nos santos sacramëtos da santa eg(re)ia E p(er)a lhe auerë de em ssynar C266. (C266 repete Em nos sant(os) sacramentos da ssanta eg(re)ia e pera lhe auerë de ãssinar l) as artes liberaaes (s.p.) C266. Ep(er)a C36.*

nar as artes liberaaes. E prouue a deus que assy foy ensinado, e aprendeo em tal guisa que era mais sabedor em arte de philosophia, spicialmente em spiritual, antre todos os seus parceiros. E depois que veo a ydade de mancebia e o padre e a madre virom que era

35 ja de ydade pera seer casado, trabalharem se pera lhe averem hũa moça do linhagem dos enperadores, e casarom no com ela. E apostarõlhes hũa camara em na egleja de Santo Boniffacio martir. E muitos honrados sacerdotes lhes poserom senhas coroas. E assy em aquele dia com grande alegria lhes fizeram suas vodas. Depois que foy

40 noite, disse o padre ao filho: - Filho, entra na tua camara e vay veer tua sposa. E ele entrou dentro, e começou o muito nobre e honrado mancebo e sabedor a ensinar sua sposa em na disciplina de Christo e a lhe declarar muitos sacramentos. E depois deu

45 lhe hũu seu anel douro e hũa cinta com que se cingia envolta em hũu sudairo de pano de purpura mui branco. E disse: -Recibe estas cousas e guardaas ataa o tempo que prouuer a deus. O senhor

1. 32-33. E p(ro)uue ade(us). C36 / E aprouue ad(eu)s (s.p.) C266. ensinado. C36 / Em ssynado (s.p.) C266. e aprendeo ã tal gujsa que ã arte de philosophia speçialmente. ã asp(ir)itual antre todos os se(us) p(ar)ceyros mais sabedor era (s.p.) C266. E depois C36 / Depois C266. 1. 34. ajdade C266. mãcebia. C36 / mançebia (s.p.) C266. ujrõ C36. era ja de hydade e apto p(er) seer casado trabalharõse C266. 1. 35. dolinhagem C266. enp(er)ador(e)s. C36 / ãp(er)adores (s.p.) C266. apostarõlhes C266. 1. 37. cam(ar)a. C36 / cam(ar)a ã na eg(re)ia C266. bonifação m(ar)tir. C266. Emujtos C36. mujtos honrrados C266. 1. 38. saçerdotes (s.p) C266 / sacerdot(e)s. C36. lhes C266. coroas (s.p.) C266. Eassy C36 / Easy ã aquele 1. 40. dya cõ grande alegria lhes fezerõ suas uodas (s.p.) C266. De pois q(ue) foy noite. C36 / Depois q(ue) noite foy. C266. 1. 41. Entra uai C266. sposa. C36 / esposa (s.p.) C266. Eele entrou dentro. C36. / E elle foy C266. Ecomeçou omujto C36 / e começou ho mujto C266. 1. 42. honrrado mançebo ã na disçiplina de (Christ)o a em ssynar sua esposa C266. 1. 43. (Christ)o. C36. e deccrararlhe mujtos sacrametos (s.p.) C266. Ede pois C36 / E depois C266. 1. 44. hũu sseu C266. douro. C36 / douro (s.p.) (C266 repete E/E) C266. çinta C266. çingia ã uolta C266. 1. 45. ã hũu sodairo C266. purpura C266. branco (s.p.) C266. Edisse. C36 / e disselhe (s.p.) C266. Recibe C36 / Reçebe C266. 1. 46. eguardaas C266. otenpo C36 / ho tẽpo C266. ap(ro)uuer C266. ade(us) C36 / ad(eu)s (s.p.) C266. Ossenhor C266. 1. 47. nos (s.p.) C266. Ede pois C36 / E depois

seja antre nos. E depois que disse esto, tomou dos bêes que tii  
 nha e partyuse e foy se ao mar e meteu se em hũa nave e prou  
 ve a deus que chegou a hũũ logar que chamavam per nome Laodi  
 50 cia. E dali tomou o caminho e foise a hũa cidade da terra de  
 Siria que chamavam Edissa, em aqual cidade sta a figura de nosso  
 senhor Jhesu Christo, em hũũ pano, nom pintada nem feyta per mãao  
 de nem hũũ homẽ, que ahi pintasse nem fezesse. E depois que che  
 gou ao dito logar, todos os bêes que com siigo levava e os panos  
 150<sup>o</sup> de seu vistir deu a pobres, e vistyuse de panos viis, e começou de  
 seer com os outros pobres em no adro de hũa egleja de Sancta Maria. E ca  
 da domingo comungava do corpo de deus. E das smollas que lhe da  
 vam, tomava pera sy aquelo que entendia que lhe abastarya. E o mais  
 que lhe sobejava, dava polo amor de deus. E depois que se partyu, ca  
 60 tarom no andando per toda a cidade de Roma, e nom o poderom achar.  
 E quando o padre vyu que o nom podiam achar, mandou homẽes e  
 moços per todas partes desvairadas de todo o mundo que lho buscassem.

**C266.** disse esto. **C266** / *dise esto (s.p.)* **C266.** beens **C266. I. 48.** *p(ar)tiusse e foyse*  
**C266.** mar.**C36** / *mar (s.p.)* **C266.** meteusse **C266.** naue.**C36** / *naue (s.p.)* **C266.**  
*aprouue* **C266. I. 49.** *ad(eu)s* **C266.** ahũũ logar **C36** / *ahũũ lugar* **C266.** nome.**C36** /  
*nome (s.p.)* **C266.** laodicia **C266. I. 50.** *Edalj* **C36** / *E dalj* **C266.** o camjnho.**C36** / *ho*  
*cam[in]ho (s.p.)* **C266.** cidade **C266.** desiria **C266. I. 51.** *Edissa.***C36** / *edissa (s.p.)*  
**C266.** Em na qual **C266.** sta afigura de **C36** / *esta afigurade* (**C266** repete a figura  
 de na linha seguinte) **C266.** ã **C266.** pano. nã pintada. **C36** / *pano non pijntada*  
*(s.p.)* **C266.** nem **C266.** mãao (s.p.) **C36** / *maão.* **C266. I. 53.** *nẽ hũũ homẽ. que a hi*  
*pintassa nẽ fezesse.* **C36** / *nem huũ homẽ q(ue) ahy pijntasse nem fezesse (s.p.)* **C266.**  
*Ede pois* **C36** / *E des pois* **C266.**

**I. 54.** *d(i)to logar.* **C36** / *d(i)cto lugar.* **C266.** beens **C266** cõsigo troux(er)a E os  
 panos **C266. I. 55.** *de seu uistir. deu apobr(e)s. e uistyuse de panos uijs.* **C36** / *deuestir*  
*deu todo apobres E uestiusse depanos uijs (s.p.)* **C266. I. 56.** *cõ* **C266.** *pobres ã*  
**C266.** *Eg(re)ia de sancta m(ar)ria (s.p.)* **C266.** *Ecada* **C36** / *E cada* **C266. I. 57.**  
*domingo comungava do corpo de d(eu)s Edas esmollas q(ue) lhe dauõ (s.p.)* **C266. I.**  
**58.** *aquelo* **C266.** *abastaua (s.p.)* **C266.** *Eo mais* **C36** / *Eomais* **C266. I. 59.** *q(ue) lhe*  
*sobeiaua.* **C36** / *q(ue) lhe sobeiaua (s.p.)* **C266.** *pollo* **C266** / *de d(eu)s (s.p.)* **C266.**  
*Ede pois q(ue) se p(ar)tyu.* **C36** / *Eelle despois q(ue) se partio (s.p.)* **C266. I. 60.**  
*acidade de Roma.* **C36** / *açidade de roma (s.p.)* **C266.** *E nam apoderam achar (s.p)*  
**C266. I. 61.** *Eq(ua)ndo* **C36** / *Equando* **C266.** *uyo* **C266.** *podia achar.* **C36** / *podya*  
*achar (s.p.)* **C266.** *mandou homẽes e.* **C36** / *Entam mandou homeës (s.p.)* **C266. I.**  
**62.** *moços q(ue) p(er) todas p(ar)tes desuairadas de todo ho mundo eho buscassem*  
*(s.p.)* **C266.** *omũdo* **C36. I. 63.** *el(e)s assy buscando.* **C36** / *elles asi buscando (s.p.)*

E andando eles assy buscando, aconteceu que algũs destes ho  
 moços per todas partes desvairadas de todo o mundo que lho buscassem.  
 E andando eles assy buscando, aconteceu que algũs destes ho  
 mões que o assy foram buscar, chegaram aaquela cidade que chamavam E  
 65 dissa e acharom no e virom no seer antre os outros pobres e derom  
 lhe a smolla, mais nom o conhecerom e partirõse e veerõse. E este ho  
 mē de deus, quandoos vyu, conheceos, e deu graças a deus e disse: - Gra  
 ças dou a ti meu senhor deus que me chamaste e fizeste que polo teu  
 nome tomasse e recebesse smollas dos meus servos. Rogo te e peço  
 70 que esta obra que em mim começaste, que te plaza e tenhas por bem de  
 ma leixares acabar. E depois tornarom se estes homões e disserom  
 a seu padre que o nom podiam achar. Des aquel dia que se Alexo partyu, sua  
 madre strou hüü pano de burel, em o chãõ da sua camara, e sãa  
 sobre ele, e braadava e chorava e dizia:- Senhor, tu vive ca  
 75 eu aqui assy starey, ataa que sabha que he do meu filho. E a sposa

**C266.** aconteceu **C266.** alguiis destes **C266. l. 64-65.** homeës **C266.** buscar **C36 /**  
 buscar (s.p) **C266.** aaq(ue)lla çidade **C266.** chamaõ edissa. **C36 /** chamaõ dissa  
 (s.p.) **C266. l. 65.** E acharõno e uiram noseer **C266.** outros pobr(e)s. **C36 /** out(ro)s  
 pobres (s.p.) **C266. l. 66.** asmolla. **C36 /** a esmolla (s.p.) **C266.** E nom no conhecerõ  
 e partirãsse e ueerõsse (s.p.) **C266.** este **C266. l. 67.** d(eu)s **C266.** uyu . conheceos  
 .e deu g(r)ças ad(eu)s e disse. **C36.** ujo conheços E deu graças ad(eu)s e disse  
 (s.p.) **C266. l. 68.** graças dou eu ati senhor meu d(eu)s q(ue) me chamaste e fizeste.  
 q(ue) polo teu **C266. l. 69.** amor tomasse e Reçebesse esmollas dos meus s(er)uos  
 Rogote e peço te (s.p.) **C266. l. 70.** em mj começast(e). q(ue)te plaza e tenhas por  
 bem. **C36 /** ã mj começaste q(ue) te praza E tehas por bem. **C266. l. 71.** leixar acabar  
 (s.p.) **C266.** Ede pois **C36 /** E despois tornaronssse estes homões e dis(er)am **C266. l.**  
**72-73.** aseu **C36 /** asseu. **C266.** q(ue)o nam podiã achar (s.p.) **C266.** Desaq(ue)l **C36**  
 / Sua madre desaq(ue)le dia. **C266. l. 73.** q(ue) se seu filho p(ar)tio. estrou hüü pano  
 de burel ã ho chaaõ da sua cam(ar)a (s.p.) **C266 /** burel. **C36.** cam(ar)a. **C36** E sia  
**C266. l. 74.** sobre ele. e braadaua. e choraua. e dizia. Senhor tu ujue. **C36 /** sobre  
 elle e braadaua e dizia Senhor tu ujue q(ue) **C266.**

**l. 75.** eu aq(ui) assy starei. **C36 /** eu aquj asy estarey **C266.** saiba q(ue)he **C266. /**  
 filho (s.p.) **C266.** Ea sposa **C36 /** E aesposa **C266. l. 76.** disse asua sogra. **C36 /** dise

disse a sua sogra: - *Eu nom quero sair da tua casa, mais quero seer  
semelhavil aa tortore, que depois que perde o seu parceiro nunca mais  
se junta a outro. E assy farey ataa que sabha que he do meu mui  
doce marido. Aqueste homẽ de deus, em este dicto adro steve em*  
80 *aquesta sancta conversaçõ e aspera e cruel vida que o nom conhecia nem  
hũũ, per dez e sete ãnos. E depois desto, querendo nosso senhor*

*assua ssogra (s.p.) C266. nam C266. casa. C36 / casa (s.p.) C266. l. 77. semelhaujl  
aa tortore. C36 / semelhauel aatortere (s.p.) C266. de pois C36 / depois C266. o seu  
p(ar)ceiro. C36 / ho seu parceiro nunca C266. l. 78. se iũta aoutro. C36 / aoutro sse  
ajunta (s.p.) C266. Eeu C36 / E eu C266. saiba C266. l. 79. doçe m(ar)ido. Aq(ue)ste  
C266. de(us). C36. d(eu)s . ẽ este C266. l. 80. aquesta santa cõuersacõ C266. aspera.  
C36 / asp(er)a (s.p.) C266. ujda. q(ue)o nõ conheçia nẽhuũ (s.p.) C266. L. 81. sete  
ãnos (s.p.) C266. Ede pois desto. C36 / Depois desto (s.p.) C266.*

#### 4 Glossário

**APOSTAR** v. Dispor convenientemente, ornar, enfeitar, ataviar. "E apostarõlhes/  
hũa camara em na egleja de Santo Boniffacio martir." (149vº l.36).

**BUREL** s.m. Pano grosseiro e áspero, ordinariamente de lã. "Des aquel dia  
que se Alexo partyu, sua / madre strou hũũ pano de burel, em o  
cháão da sua camara" (150rº l. 70.)

**CONVERSAÇOM** s.f. Conversão. "Aqueste homẽ de deus, em este dicto adro  
steve em / aquesta sancta conversacom e aspera e cruel vida" (150rº l. 80.)

**CONVINHAVIL** por metafonia, de convinhável; adj. Conveniente. "depois  
que o moço veo a ydade convinhavel / pera aver doctrina e castigo,  
derom no a meestres que o ensignassem em / nos santos sacramen-  
tos da sancta egleja." (149vº l. 28.)

**DESVAIRADO** adj. e part. pass. de desvairar. Diverso, discorde. "E quando o  
padre vyu que o nom podiam achar, mandou homẽes e / moços per  
todas partes desvairadas de todo o mundo que lho buscassem." (150rº  
l. 62.)

**GUISA** s.f. Modo, forma, maneira. "E prouve a deus que assy foy ensinado,  
e / aprendeo em tal guisa que era mais sabedor em arte de filosofia  
spicialmente" (149vº l. 32.)

- LEIXAR v. deixar, permitir. "Rogo te e peço / *que esta obra que em mim começaste, que te plaza e tenhas por bem de / ma leixares acabar.*"(150rº l. 71.)
- MANCEBIA s.f. Idade de mancebo, idade juvenil. "E depois / *que veo a ydade de mancebia e o padre e a madre virom que era / ja de ydade pera seer casado,*"(149vº l. 34.)
- MANINHO adj. Estéril, infecundo. "E *nom tiinha filho / por que era maninha,*" (149rº l.13.)
- NOA s.f. Hora do ofício divino, entre a sexta e vésperas, isto é, quinze horas. "E ele comya a hora de noa e senpre *com religyosos.*" (149rº l.11.)
- PLAZER v. O mesmo que prazer (v. irreg. imp.). Agradar, comprazer, aprazer, ser de gosto. "mais *que perseverassem em toda cas/tidade e limpeza, em guisa que eles podessem a deus plazer.*"(149rº l 27.; 150rº l. 70.)
- PRIVADO s.m. Favorito, favorecido do soberano, ocupante de um cargo honroso junto ao rei ou soberano. "E era dos grandes e dos *privados em casa do enperador.*" (149rº l. 5.)
- PÚRPURA s.f. Tecido nobre, rico. "e hũa cinta *com que se cingia envolta / em hũü sudairo de pano de purpura mui branco.*" (149vº l. 45.)
- SIRGO s.m. seda. "E este *tiinha tres mil moços vistidos / todos de vistiduras de sirgo*" (149rº l. 6.)
- SOBEJAR v. Sobrar, ser de mais do necessário. "E o mais *que lhe sobejava, dava polo amor de deus.*"(150rº l. 59.)
- STAR v. Por estar. Persistir, aguardar. "E cada hũü dia *stavam e perseveravam em rogos e em orações, pidindo a deus que lhe prouvesse de lhes dar algũü filho*" (149rº l. 16.)
- STRAR v. por estirar estender. "Des *aquel dia que se Alexo partyu, sua madre strou hũü pao de burel, em o chãão da sua camara,*"(150rº l. 73.)
- SUDAIRO s.m. Por sudário. O pano de limpar o suor. "hũa cinta *com que se cingia envolta / em hũü sudairo de pano de purpura mui branco.*"(149vº l. 45.).
- VODA s.f. O mesmo que boda; noivado; festim que se faz por ocasião do noivado. "E assy em *aquele dia com grande alegria lhes fezerom suas vodas*"(149vº l. 39.)

## **Peccador ou Vae victis?: proposta de edição crítica de um soneto de Arthur de Salles**

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz

Universidade do Estado da Bahia-UNEB

### **Resumo**

Neste trabalho propõe-se a edição crítica de um soneto de Arthur de Salles, que se apresenta em duas versões com títulos diferentes.

### **1 Introdução**

Estou preparando, sob a orientação do Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama, a edição crítica dos **SONETOS** de Arthur de Salles que integram a sua *Obra Dispersa*<sup>1</sup>: publicações pré-textuais (jornais e revistas), publicações póstumas (editadas em livro)<sup>2</sup> e os textos inéditos, ou seja, aqueles que até a presente data não se conhece publicação.

Durante a *Recensio*<sup>3</sup>, chegou-se aos seguintes resultados: 73 **SONETOS** foram localizados e assim classificados — 24 estão publicados em *Poesias*<sup>4</sup>; 01 faz parte da coletânea *Versos ao Dous de Julho*, editado criticamente<sup>5</sup>; 01 faz parte da coletânea *Poemas do Mar*<sup>6</sup>; 47 sonetos compõem, destarte, a *Obra Dispersa*.

No entanto, 1 soneto que se acreditava pertencer à *Obra Dispersa - Peccador*, publicado na revista *Nova Cruzada*<sup>7</sup>, foi editado, com título diferente, no livro *Poesias*.<sup>8</sup>

- 1 Dissertação de Mestrado, intitulada *SONETOS de Arthur de Salles: tentativa de edição crítica*, que será apresentada à UFBA em setembro próximo como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Letras (Estudos Lingüísticos).
- 2 Cf. Secretaria da Educação e Cultura da BAHIA. *Obra poética de Artur de Sales*. Salvador: Mensageiro da Fé, 1973. 464 p. il. Apresentação de Remy de Souza. Breves notas introdutórias de Hélio Simões. Errata de Raul da Costa Sá.
- 3 Etapa da edição crítica que consiste no levantamento de todos os dados e versões existentes sobre os textos a serem trabalhados.
- 4 Cf. Arthur de SALLES. *Poesias: 1901-1915*. Bahia: [s.n.], 1920. 252 + iv p. il.
- 5 Cf. Nilton Vasco da GAMA et al. *Arthur de Salles e o Dous de Julho*. Salvador: UFBA/ALBA, 1993. 101 p.
- 6 A edição crítica da coletânea *Poemas do Mar* está sendo preparada pela prof<sup>ª</sup> e mestranda Rosa Borges Santos Carvalho, sob a orientação do prof. Dr. Nilton Vasco da Gama.
- 7 Cf. Arthur de SALLES. *Peccador*. *Nova Cruzada*, Salvador, n. 1, p. 14, jul. 1903.
- 8 Cf. op. cit. à n. 4, p. 9-10.

O presente trabalho é uma proposta de edição crítica para o soneto cujas versões têm como título *Peccador* e *Vae Victis*.

## 2 Proposta de edição crítica

O soneto que ora se edita criticamente possui duas versões, ambas impressas. A primeira publicação, cujo título é *Peccador*, encontra-se na revista *Nova Cruzada*, de julho de 1903, pertencente ao CEDICBA<sup>9</sup> da Fundação Clemente Mariani; a segunda, cujo título é *Vae Victis*, encontra-se no livro *Poesias*.<sup>10</sup>

A versão publicada em *Poesias* foi também reeditada, postumamente, em 1959 e 1973.<sup>11</sup>

### 2.1 Descrição das versões

#### 2.1.1 Versão *Peccador*

SALLES, Arthur de. *Peccador*. *Nova Cruzada*, Salvador, n.1, p.14, jul. 1903.

Publicado juntamente com outros dois sonetos: *Nihil* e *Ad Palestinam*, ambos de Fernando Caldas. Os sonetos acham-se separados por traço filigranado. 17 linhas: L.1, *PECCADOR*; L.2-15, versos; L.16, *Arthur de Salles*; L.17, (*Das Purpuras*).

#### 2.1.2 Versão *Vae Victis*

SALLES, Arthur de. *Vae Victis*. In: *Poesias:1901-1915*. Bahia: [s.n.], 1920. p.9-10.

Publicado em duas páginas: 1<sup>a</sup>, 9 linhas: L.1, *VAE VICTIS*; 2<sup>a</sup>, 6 linhas; V.1, primeira letra em tipo maior e em negrito. Ao lado da numeração das páginas, dois traços paralelos, em sentido horizontal.

### 2.2 Classificação estemática

A versão publicada em *Poesias* é, indubitavelmente, a que representa a redação definitiva, haja vista que o poeta faz modificações da primeira versão para a segunda. Esta versão também é a que o poeta entrega para a publicação do seu primeiro livro. Destarte, a versão de *Poesias* é a que servirá como texto de base para a edição crítica.

9 Centro de Informação e Documentação da Cultura Baiana da Fundação Clemente Mariani, onde pude consultar a revista. Agradeço o atendimento prestado pela bibliotecária Maria das Graças Cantalino no tocante à obtenção da cópia do referido soneto.

10 O acervo do Setor de Filologia Românica da UFBA possui um exemplar, o qual consultei.

11 Cf. Fernando GÓES. *Panorama da poesia brasileira: Simbolismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. p. 278 e op. cit. à n. 2, p. 19, respectivamente.

Sendo assim, apresentar-se-á o seguinte estema:<sup>12</sup>

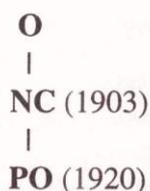


Fig. 1: Estema das versões

Como a versão de *Poesias* é a que serviu como texto de base, o estema para a edição crítica deste soneto é o seguinte:

**O** \_\_\_ **PO** \_\_\_ edição crítica

Fig. 2: Estema da edição crítica

### 2.3 Critérios adotados na edição

A determinação dos critérios para a edição deste soneto obedeceu as normas adotadas pelo Grupo de Edição Crítica de Textos da Universidade Federal da Bahia na edição crítica de *Sangue mau* e *Arthur de Salles e o Dous de Julho*, como também da Obra Dispersa, que por sua vez, seguem a mesma linha do que vem sendo preconizado para as edições de textos modernos tanto no Brasil, como em Portugal.<sup>13</sup>

#### 2.3.1 Normas adotadas

1Atualizou-se a ortografia em harmonia com a norma vigente no Brasil.

2Simplificou-se a grafia das consoantes.

3Usaram-se maiúsculas e minúsculas segundo o texto de base.

4Restaurou-se a acentuação.

5Numeraram-se os versos de cinco em cinco.

12 O = original não encontrado; NC = *Nova Cruzada*; PO = *Poesias*.

13 Cf. Arthur de SALLES. *Sangue mau*. Salvador: UFBA, 1981. p. 91-100 e op. cit. à n. 5, p. 39-41.

## 2.4 Texto crítico

### Vae Victis

*No volutabro das paixões violentas  
Eu resvalei, gemendo e soluçando.  
E desse abismo denso e formidando,  
Vinham sombras letais e truculentas...*

- 5 *Era das dores o nefasto bando  
Que, em convulsões terríveis e sangrentas,  
Se enroscavam, quais serpes virulentas,  
Cravando os dentes no meu seio brando.  
Chamei-te embalde; em vão clamei teu nome;*
- 10 *E na amargura que ainda me consome,  
Busquei mirar-te a luminosa face...  
E não me ouviste. — Dor que não se exprime!  
Talvez teu pranto me lavasse o crime!  
Talvez teu beijo me purificasse!*

#### 2.4.1 Aparato crítico

L.1 NC *Peccador*

V.1 NC *Paixões*

V.2 NC *resvalei* (sem vírgula), *soluçando* (reticências)

V.3 NC, PO *abysmo*; NC *formidando* (sem vírgula)

V.4 NC *sombras feraes e lutulentas...*; PO *sombras lethaes*

V.5 NC *Era dos crimes*; PO *Era das dôres*; NC *bando* (sem vírgula)

V.6 NC *Que em convulsões* (sem vírgula); NC, PO *terríveis*

V.7 NC, PO *quaes*; NC *virulentas* (sem vírgula)

V.8 NC *brando* (reticências)

V.9 NC *Embalde te chamei, clamei teu nome,*

V.10 NC *amargura atróz que me carcome,*

V.11 NC *Busquei fitar-te, face* (exclamação)

V.12 NC *ouviste, oh! dôr*; PO *Dôr*; NC *exprime* (exclamação e reticências)

V.13 NC *crime* (reticências)

V.14 NC *purificasse* (exclamação e reticências)

### 3 Algumas considerações sobre as versões

Arthur de Salles, que, no início de sua produção poética, filia-se à corrente simbolista, vai, em sua evolução literária, retomar o parnasianismo.

Segundo Cláudio Veiga, sua poesia aproxima-se de um misto de parnasianismo e naturalismo.<sup>14</sup>

A preocupação com a feitura dos seus textos era muito grande, tanto que o poeta procurava sempre a perfeição destes para que a publicação estivesse de acordo com o que desejava. Pode-se citar como exemplo a publicação do soneto *Clamor...* na **Nova Revista**, em 1903. A primeira versão, que saiu no n.9, em fevereiro do referido ano, não era a desejada pelo poeta, que faz sair outra publicação, com alterações, no n.10, no mês posterior, com a seguinte observação: "*Publicado novamente por engano de original*". Outro exemplo são os versos do soneto **Purpuras: Na purpura do Verso o ouro do Sonho ardente, / Fio a fio, teci.**<sup>15</sup>

Observando-se o exposto em 2.4, pode-se ver como o poeta trabalhou as versões do soneto aqui editado criticamente. Nota-se que a pontuação foi melhorada na segunda versão, i.e., a de 1920. A escolha das palavras também mostra a preferência de Arthur de Salles por um vocabulário mais erudito: o título, que, na primeira versão, é *Peccador*, é substituído pela expressão latina *Vae Victis*; no verso 4, *ferais e lutulentas* foram trocadas por *letais e truculentas*, mais fortes; no verso 5, tem-se a mudança de *crimes* para *dores*; no verso 7, comprovando a preferência de Arthur de Salles pelas palavras incomuns, tem-se a palavra *serpes*, que se encontra nas duas versões; no verso 10, *E na amargura atroz que me carcome*, da versão da revista *Nova Cruzada*, tem-se o adjetivo *atroz* qualificando *amargura*, que *carcome* o poeta; na versão de *Poesias*, Arthur de Salles retira o adjetivo, substituindo-o por um advérbio, *ainda*, mudando também *carcome* para *consome*, mais suave, porém, mais forte do ponto de vista da ação da *amargura*; no verso 11, há a substituição de *fitar-te* por *mirar-te*, mais poético.

Contudo, as modificações efetuadas por Arthur de Salles não vão afetar a estrutura formal do soneto. Esta apresenta um sistema métrico em dez sílabas poéticas, ou seja, versos decassílabos. As rimas também são mantidas, obedecendo ao seguinte esquema: ABBA / BAAB / CCD / EED.

#### 4 Glossário

Visando facilitar a compreensão semântica de algumas lexias, presentes no texto de base, características do movimento literário ao qual estava filiado Arthur de Salles, preparou-se este pequeno glossário.

---

14 Cf. Cláudio VEIGA. *Sete tons de uma poesia maior: uma leitura de Arthur de Salles*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 10.

15 Cf. op. cit. à n. 4, p. 1.

- [Consumir] - V. t. d. Mortificar. "E na amargura que ainda me *conso-me*," (V.10).
- Embalde - Adv. Em vão; inutilmente. "Chamei-te *embalde*; em vão clamei teu nome;" (V.9).
- Formidando - Adj. Pavoroso, terrível. "E desse abismo denso e *formidando*, / Vinham sombras letais e truculentas..." (V.3).
- Letal - Adj. Mortal. "Vinham sombras *letais* e truculentas..." (V.4).
- Nefasto - Adj. Que causa desgraça. De mau agouro. "Era das dores o *nefasto* bando" (V.5).
- [Resvalar] - V.t.i. Cair, incorrer; resvalar em erro. "No volutabro das paixões violentas / Eu *resvalei*, gemendo e soluçando." (V.2).
- Serpe - S.f. Serpente. "Se enroscavam, quais *serpes* virulentas," (V.7).
- Truculento - Adj. Cruel. "Vinham sombras letais e *truculentas*..."
- VaeVictis - Expressão latina. 'Ai dos vencidos' (título).
- Virulento - Adj. Venenoso. "Se enroscavam, quais *serpes* *virulentas*," (V.7).
- Volutabro - S. m. Lodaçal. "No *volutabro* das paixões violentas / eu *resvalei*, gemendo e soluçando."

## 5 Consideração final

A edição crítica proposta neste trabalho poderá sofrer alterações, caso sejam encontradas outras versões, contendo novas interferências do autor, principalmente se pertencerem ao período que se estende a partir de 1920 até junho de 1952, data de falecimento do poeta.

## Résumé

Ce travail se propose l'édition critique d'un sonnet d'Arthur de Salles, qui se présente en deux versions et avec deux titres différents.

## 6 Referências bibliográficas

- AZEVEDO FILHO, Leodegário A. de. *Iniciação em crítica textual*. Rio de Janeiro: Presença, 1987. p. 26-61. (Atualidade Crítica, 12)
- CARVALHO, Rosa Borges Santos. O poema "Anchieta" de Arthur de Salles: tentativa de edição. *Hyperion Letras*. Salvador: UFBA, n.4, p. 53-66, jul.1992.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 38. ed. São Paulo: Globo, 1991. 606 p.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum., 3. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. xxiii + 1838 p.

- GAMA, Albertina Ribeiro da, TELLES, Célia Marques. Critérios para a edição da obra dispersa de Arthur de Salles. In: III ENCONTRO de Ecdótica e Crítica Genética; Anais. João Pessoa: UFPB/APML/ FECP/ FCJA, 1993. p. 353-358.
- GRUPO DE EDIÇÃO CRÍTICA DE TEXTOS. Os originais de Arthur de Salles e a edição crítica de sua obra. *Estudos: lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, n. 12, p. 59-68, dez. 1991.
- LAUFER, Roger. *Introdução à textologia: verificação, estabelecimento, edição de textos*. Trad. de Leda Tenório da Motta. São Paulo: Perspectiva, 1980. xiv + 142 p.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à edótica: crítica textual*. São Paulo: Cultrix, 1977. p. 59-147.
- TAVARES, Célia Goulart de Freitas et al. Edição crítica de um poema de Arthur de Salles: *Sub umbra*. *Estudos: lingüísticos e literários*. Salvador: UFBA, n.3, p. 57-68, jul. 1985.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino português*. 4. ed. Porto: Gráficos Reunidos, 1987. 947 p.
- VIEIRA, Dr. Fr. Domingos. *Grande dicionário portuguez ou thesouro da lingua portuguesa*. Porto: E. Chadron e B.H. de Moraes, 1873. 5 v.



## **Estruturas relativas na *Carta de Pero Vaz de Caminha***

**Therezinha Maria Mello Barreto**

UFBa

### **Resumo**

O estudo de uma língua através do tempo fornece dados importantes da reestruturação verificada nos seus vários aspectos: fonético-fonológico, morfossintático ou lexical. Tentando verificar possíveis modificações na forma ou no funcionamento das estruturas relativas, partiu-se para a análise das mesmas em um texto datado de 1500, a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, em confronto com um texto do séc. XIII, em versão do séc. XV, a *Demanda do Santo Graal*. Levaram-se ainda em consideração informações fornecidas por lingüistas especialistas no estudo do português arcaico, e, evidentemente, a norma-padrão do português contemporâneo. Confrontadas as três sincronias, foram ressaltados aspectos importantes sobre o emprego dos relativos ou sobre a constituição das estruturas relativas.

O presente trabalho tem por objetivo a análise de estruturas relativas na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, documento datado de 1500. Visando verificar se as estruturas relativas utilizadas em 1500 apresentam características semelhantes às utilizadas em textos do período arcaico da língua ou se já apresentam traços característicos do português moderno, foram analisadas também estruturas do mesmo tipo, em 80 capítulos da *Demanda do Santo Graal*, texto do séc. XIII, traduzido do francês, cuja versão conhecida data do século XV, e feitas considerações sobre estruturas relativas do português brasileiro contemporâneo em confronto com os dados obtidos na análise dos textos estudados.

### **1 Carta de Caminha**

#### **1.1 Relativos**

Na *Carta de Pero Vaz de Caminha*, ocorrem os relativos: 1. *que*; 2. *quem*; 3. *o qual, a qual, os quaes, as quaes*; 4. *onde ~ omde*; 5. *cujo*; 6. *quejando*.

1.1.1 O pronome *que* refere-se a antecedentes [+ humanos] ou [- humanos] e é empregado, mais freqüentemente, com as funções de sujeito (131 ocorrências) e de objeto direto (57 ocorrências), aparecendo ainda como

objeto indireto (5 ocorrências), oblíquo (1 ocorrência), adjunto adverbial (5 ocorrências) e complemento nominal (3 ocorrências).

Como objeto indireto, adjunto adverbial ou complemento nominal, o relativo *que* aparece sempre precedido da preposição requerida pelo verbo ou nome da sentença:

... *era ja a conuersaçam deles com nosco tanta que casy nos tornauam ao que* aviamos defazer (fol. 9v, l. 24-5) - (objeto indireto).

... *e de steo aesteo hũa rrede atada pelos cabos e cada esteo altas em que* dormjam ... (fol. 9, l. 14-6) - (adjunto adverbial).

*Esta trra S<sup>or</sup> me parece que dapomta q̄ mais cont<sup>a</sup> osul vemos ataa out<sup>a</sup> pomta que cont<sup>a</sup> onorte vem de que* nos deste porto ouvemos vista (fol. 13v, l. 01-3) - (complemento nominal).

O *que* também é empregado, no documento em estudo, tendo como antecedente o pronome demonstrativo *o*:

... *os outros dous queo capitã teve nas naaos aque deu oque* ja dito he ... (fol. 8, l. 09-12).

É empregado ainda, introduzindo orações relativas apositivas, ligadas ao nóculo S., isto é, à sentença:

... *a ela peço que por me fazer simgular merçee mãe vijr dajlha de sam thomee jorge dosoiro meu jenro o que dela rreceberey em mujta mercee* (fol. 14, l. 08-10).

1.1.2 A forma *quem* refere-se sempre a antecedentes [+ humanos]. Ocorre uma única vez, introduzindo uma sentença completiva, em interrogação indireta:

*Ebem creio que se vosa alteza aquy mandar quem* mais antreles de vagar ande ... (fol. 13, l. 08-9).

Como pronome relativo, ocorre três vezes, sempre precedido da preposição *a*:

... *nem esperava huĩ por outro se nõ aquem* mais coreria e pasará huĩ rrio que perhy core dagoa doce de mujta agoa que lhes dava pela braga ... (fol. 3v, l. 28-31).

É, por vezes, quando precedido de preposição, substituído pelo pronome *que*:

... *ao velho cõ que* ocapitam falou deu huũa carapuça vermelha e com toda a fala que cõ ele pasou e com acarapuça que lhe deu... (fol. 8, l. 04-5).

... diego diiz e a° rribeiro odegradado **a que** ocapitã omtem mandou que em toda maneira la dormisem... (fol. 10, l. 23-5).

... e mandou cõ eles pera ficar la huĩ mancebo degradado criado de dom joham teelo **aq̃** chamã a° rribeiro... (fol. 3v, l. 28-31).

Em uma sentença apenas, o *quem* aparece sem o antecedente expresso, significando 'alguém que' ou 'aquele que'; é o que Said Ali (1964:109-10) denomina de relativo indefinido:

... ora veja vosa alteza **quem** em tal jnocemçea vjue, ensinamdolhes o que perasua salvacam perteeçe... (fol.13, l. 17-9)

O pronome *quem* exerce sempre, no texto, as funções de sujeito ou de objeto indireto.

1.1.3 As formas *o qual*, *a qual*, *os quaes*, e as *quaes* ocorrem como pronomes relativos tendo, por antecedentes, itens lexicais portadores dos traços [+ humano] ou [- humano]; são empregados referindo-se a um termo imediatamente anterior:

... e huĩa daquelas moças era toda timta defumdo acjma daquela timtura **aqual** certo era tã bem feita... (fol. 4v, l.15-7).

... pero tome vossa alteza minha jnoramcia per boa vomtade **aqual** bem certo crea ç̃... (fol.1, l. 09-10)

ou, mais comumente, referindo-se a termos mais afastados, em períodos em que, em sentenças anteriores, aparece o relativo *que*:

... e com ele vieram os outros **que** nos leuamos **os quaaes** vijnhem ja nuus e sem carapuças (fol. 3v, l. 36-8).

... e alguũs deles se metiam em almaadias duas ou tres **que** hy tijnhem **as quaaes** nõ sam feitas como as que eu ja vy soom<sup>1o</sup> sam tres traues jumtas e aly se metiam iijj ou b ou eses que queriam... (fol. 5, l. 31-4).

As formas *o qual*, *a qual*, *os quaes*, e as *quaes* são ainda empregadas como pronomes adjetivos, especificadores do núcleo do sintagma nominal, equivalendo a um demonstrativo:

... e oficiada cõ aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram. / **aqual** misa seg° meu parecer foy ouujda per todos cõ muijto prazer e devaçom ... (fol. 5, l. 06-12).

... e ouuerã por bem que lancasem acada huĩ sua ao pesçoço. / pola **qual** cousa se asentou opadre frey anrique ao pee da cruz... (fol.12v. 21-3).

1 A abreviatura ç̃, encontrada no texto em estudo, foi sempre interpretada como *que* uma vez que aparece também na palavra *aq̃les* = *aqueles*. Por esta razão considerou-se *aq̃* equivalente a *a.que*.

... e doutras serras mais baixas ao sul dele e de trra chaã com grandes aruoredos. **ao qual** monte alto ocapitam pos nome omonte pascoal ... (fol. 1v, l. 04-6).

... por que ja emtã teerã mais conhecimêto de nossa fe pelos dous degradados que aquy âtreles ficam **os quaes** ambos oje tam bem comungaram (fol. 13, l. 12-4).

Estruturas dessa natureza, em que os pronomes *o qual*, *a qual*, *os quais*, e *as quais* equivalem a demonstrativos foram detectadas por Lucchesi (1991) em um manuscrito do séc. XV, intitulado *Fabulário Português*.

Ocorrem sempre, no texto em estudo, as formas *o qual*, *a qual*, *os quaaes* e *as quaaes*, mas nunca as formas *qual* e *quaes*, empregadas como pronomes e encontradas por Mattos e Silva (1989: 754) nos *Diálogos de S. Gregório*:

E começou a dizer con grandes braados **quaaes** os ela ja podia dar (4.14.10)<sup>2</sup>.

1.1.4 O pronome *omde* refere-se a antecedentes [+ humanos] ou [- humanos]. É empregado como relativo, significando:

'em que':

... com os batees e esquifes amarados perpopa contra onorte peraveer se achauamos alguũa abrigada e boo pouso **omde** jouuessemos pera tomar agoa (fol. 2, l. 14-7).

... emtã tornouse oocapitã perabaixo peraaboca do rrio **onde** desenbarcamos ... (fol. 7v, l. 5-6).

'por quem':

... trouueos logo ja de noute ao capitam **omde** foram rrecebidos com muito prazer e festa (fol. 2v, l. 02-4).

'pelo que' (precedido da preposição *per*)

... e seg<sup>o</sup> oque amỹ e atodos pareço esta jemte nõ lhes faleçe out<sup>a</sup> cousa peraseer toda xpaã ca entende rénos. / por que asy tomauam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos. **per onde** pareço atodos que nhuũa idolatria nẽ adoraçom teem (fol. 13, l. 02-7).

Com as acepções acima, o pronome *onde* exerce as funções de adjunto adverbial ou agente da passiva.

2 Conservamos a indicação original utilizada por Mattos e Silva, para os *Diálogos de S. Gregório*, a qual inclui três números separados por pontos: o primeiro, correspondendo ao livro dos *Diálogos*, o segundo à história do livro e o terceiro, ao período em que se encontra o item em estudo.

Havia, no português arcaico, os relativos *huũ* e *onde*. *Hu*, do latim *ubi*, significava 'onde', expressando 'o ponto em que' ou 'o ponto a que'; associado à preposição *per* indicava o ponto através de *que*. *Onde*, do latim *unde*, significava 'de onde', 'aonde', 'em que', 'de que' referindo-se 'ao ponto de que', conforme atestam os exemplos abaixo, retirados dos *Diálogos de S. Gregório*, texto do séc. XIV (Mattos e Silva, 1989: 247):

... e non queiras tomar trabalho en ir a Roma **hu** el he (*hu* 'onde')

- Tornade este homem a seu logar **onde** o tirastes ... (1.28.4 - onde 'de onde')

Estando os homens bõos da cidade **onde** el era bispo fez chanto sobre ele (3.9.4 - onde 'de que')

E era gram maravilha ca **onde** huum avia mal, ende os outros todos aviam peor (3.5.11 - onde 'a partir do momento em que').

Na *Carta de Caminha*, já não ocorre o relativo *hu*: o *onde* apresenta-se equivalendo a 'em que' (significado etimológico do *hu*) aos relativos 'que' ou 'quem' precedidos de uma preposição. O que ocorreu é que, tendo em vista o desaparecimento do *hu*, o *onde* assumiu a sua significação.

1.1.5 O relativo *cujo* ocorre, em apenas duas sentenças, referindo-se a itens lexicais portadores dos traços [+ humano] ou [- humano]

... e aly nos preegou do avanjelho e dos apostolos **cujo** dia oje he ... (fol. 12, l. 11-2)

... conformandose cõ o sinal da cruz so **cuja** obediencia vijmos aqual veo mujto apreposito e fez mujta devaçom (fol. 5, l. 19-22).

A forma *cujo* e sua variante feminina ocorrem como pronomes adjetivos. Não foi registrado, no texto em estudo, o emprego desse pronome como pronome substantivo com valor semântico de posse, como ocorre nos *Diálogos de S. Gregório*. (Mattos e Silva, 1989: 756) ou no *Fabulário Português* (Lucchesi, 1991: 183):

E o nobre Venancio **cuja** era a vila (*Diálogos de São Gregório*)

E d'hi a huũ certo tempo tornou a cadella **cuja** era a casa (*Fabulário Português*).

1.1.6 Aparece no texto, uma única vez, significando 'de que maneira', a forma *quejando* considerada por Huber (1986: 198) e Nunes (1975: 258) como pronome interrogativo, mas classificadas por Pereira, no *Vocabulário da Carta de Caminha*, como pronome relativo.

... easy por mijhor parecer atodos ficou detremjnado. acabado jsto. dise ocapitam que foemos nos batees em trra e veersia bem o rrio **quejando** era (fol.6/6v, l. 35-02).

O fato de, no exemplo acima, a forma *quejando* encontrar-se precedida de um nome ao qual se refere, leva-nos também a optar pela sua classificação como pronome relativo.

Nos *Diálogos de S. Gregório* (Mattos e Silva, 1989: 773) essa forma aparece sem antecedente:

Ouvi e aprende **quegendo** foi per vertude de Deus dentro en sa alma (3.37.29)

ou como pronome adjetivo:

Queres, Pedro, que ti contes **quegendos** foram alguũs que moravam en terra de Toscana e quam chegados foram a Deus? (1.16.38).

Em ambos os casos *quegendo* e *quegendos*, variantes de *quejando*, iniciam sentenças que completam o sentido das formas verbais *ouvi*, *aprende* e *contes*, o que confirma a sua característica de pronome interrogativo.

Também no exemplo citado por Huber (1986: 198), a variante feminina *quejandas*, é empregada como pronome interrogativo adjetivo, iniciando sentença completiva:

Cedo mi per fez saber, **quejandas** noites faz aver amor a quem el preso ten.

## 1.2 Estruturas Relativas

1.2.1 As sentenças adjetivas, iniciadas pelo relativo *que*, apresentam, na *Carta de Caminha*, de modo geral, a seguinte ordem dos termos:

antecedente + relativo + verbo

... huũ ramal grande de **comtinhas brancas meudas que queria parecer** ... (fol. 2, l. 03-4)

... topamos **aves aque chamã fura buchos** ... (fol.1v, l. 1).

1.2.2 Caso exista, na sentença adjetiva, um clítico, este se posiciona logo após o relativo, antes do verbo:

... sem nhuuũ a **cousa que lhes cobrisse** suas vergonhas (fol.1v, l. 28-9)

... e todolos deram por carapuças e por **quallqr cousa que lhes dauam**. (fol.10v, l. 30-1).

1.2.3 Quando o sujeito da oração adjetiva apresenta-se lexicalizado e representado por um nome ou pronome pessoal, estes também se posicionam logo após o relativo:

... **huūas continhas amarelas que ele leuaua** ... (fol. 8, l. 30-1).

... e leuaram daly **huū tubaram que bertolameu diiz matou** ... (fol. 7v, l. 31-2).

1.2.4 Havendo, na sentença adjetiva, adjuntos adverbiais, estes, preferencialmente, ocupam a terceira e/ou quarta posições, isto é, imediatamente após o relativo:

... e **nos outros que aquy na naao cō ele himos** asentados no chaão ... (fol. 2v, l. 35-6).

... **ajente que aly era** nō serja mais caaquela que soya ... (fol. 6v, l. 24-5)

... e seg<sup>o</sup> **diziam eses que la foram** folgauam com eles. / (fol. 8v, l. 16-7).

1.2.5 Existindo clítico e adjuntos adverbiais, o clítico ocupa a terceira posição (antecedente + relativo + clítico) e os adjuntos adverbiais, as posições subseqüentes:

...**huūa grande fruz dhuū pano que se ontem pera yssso cortou.** / (fol. 9v, l. 12-4).

...e **ele que nos per aquy trouue** creo que nom foy sem causa... (fol. 11v, l. 02-3).

... **desta vossa terra noua que se ora neesta navegaçam** achou. (fol. 1, l. 03-4).

A mesma ordem parece ser observada quando são empregados os relativos *quem*, *o qual*, *onde* e *quejando* (cf. exemplos citados anteriormente). No que se refere ao relativo *cujo*, por ele ser sempre um pronome adjetivo, a segunda posição é sempre ocupada pelo núcleo do sintagma nominal a que pertence:

... *cujo dia hoje he* ...

... *cuja obediência vijmos* ...

## 2 Demanda do Santo Graal

### 2.1 Relativos

No segmento estudado da *Demanda do Santo Graal* (80 capítulos) ocorrem os relativos: 1. *que*; 2. *quem*; 3. *huū*; 4. *onde* ~ *omde*; 5. *cujo*; 6. *quanto*.

2.1.1 O relativo *que*, empregado em orações restritivas e apositivas, ocorre mais freqüentemente, com as funções de: sujeito (142 vezes) e de objeto direto (57 vezes), mas aparece também com as funções de objeto indireto (3 vezes), oblíquo (2 vezes) e adjunto adverbial (7 vezes).

Em algumas sentenças, o *que*, objeto direto, aparece reforçado por um pronome pessoal oblíquo, de idêntica função sintática:

*... eu te conheço por tam santo homem e por tam leal sergente de nosso Senhor **que** se tu o rogares que elle te descobrirá o em que pensa Lançarot ... (Cap. CCVI, l. 33-02)*

*Entam leeo as letras **que** anbos as ouvirom ... (Cap. CCVIII, l. 29)*

*Senhor, disse [Lançarot, pesa-me ende tanto] que bem queria de nom aver de prender armas por preito **que** feito o nom ouvesse ... (Cap. CCVIII, l. 05-7).*

Como objeto indireto ou adjunto adverbial o *que* ocorre precedido ou não da preposição requerida:

. Precedido de preposição

*Ora sede leda, ca bem vos aveo, ca o bõo cavaleiro **de que** vos o irmitam falou aqui é ... (Cap. CCCVII, l. 08-10)*

*... ca ora sabemos nos bem que seremos livres da gram coita e de gram lazeira **em que** eramos ... (Cap. DX, l. 26-7)*

. Não precedido de preposição

*Aquel dia meesmo **que** esto foi aveo que rei Boorz chegou ... (Cap. DCCIX, l.28).*

Em alguns casos, a preposição que antecede o relativo difere da que é pedida, no português contemporâneo, pelo mesmo verbo:

*... se é cousa **em que** te possa conselhar, conselhar-t'-ei (Cap. CCCII, l. 21)*

Precedido do pronome demonstrativo *o*, o *que* ocorre exercendo função de sujeito ou de objeto direto:

*Ora catade o **que** ha em ella e dizede-me o que i jaz... (SU) (Cap. CCVII, l. 04-5)*

*... ca muitos homees bõos lhe disserom em confissam o **que** ende sem falha cuidava... (OD) (Cap. CCVI, l. 32-3)*

Aparece também, em uma oração, com o antecedente, pronome demonstrativo *o*, elíptico:

*E o arcebispo lhi contou a vida de Lançarot **que** sempre fez des que se partiu da batalha de Ginzestre ... (Cap. DCCIX, l. 10-1).*

O *que* ocorre, em apenas uma sentença do *corpus*, deslocado por extraposição, isto é, separado do seu antecedente por uma forma verbal:

*"Si", disse Asgart, "mas bem cuidaria agorecer, se em lugar fosse **que** me catassem as feridas" (Cap. CVI, l. 06-7).*

2.1.2 O pronome *quem* ocorre quase exclusivamente como interrogativo, empregado em interrogações indiretas e iniciando sentenças completivas:

*... i porem quis saber quem era ante que mais fizesse... (Cap. CCCVII, l. 21-2)*

*Dona, por Deos, sabedes vos quem é o que me ha de matar? (Cap. CCCIV, l. 17).*

Há apenas uma ocorrência do *quem* como pronome relativo, empregado sem antecedente:

*Mas ela fazia uĩ doo tam grande e dava uñas vozes tam grandes e tam doridas que bem semelhava a quem na ouvisse que pro todo o mundo era ouvida. (Cap. CCI, l. 10-2).*

Como relativo, no lugar do *quem* são empregados os pronomes:

*que*, precedido da preposição pedida pelo verbo da sentença:

*Galvam o dia dante aquel veera aquel posto, tanto que viu a donzella que devia aver en galardom daquel dia aquel a que Deus deve a onra daquele posto ... (Cap. CCCX, l. 24-07)*

*onde*, não precedido de preposição, significando 'de quem':

*E sabede que en mentre aquele conto durou sempre Lançarot e Estor chorarom com prazer e com ledice das novas de Galaaz e de Boorz onde nunca novas cuidarom ouvir (Cap. DCIII, l. 02-4)*

*Mas dom Lançarot onde me parti agora me achagou tam mal que se me ora matardes nom seerá gram maravilha (DCIV, l.07-8).*

O *quem* não foi detectado em relativas com antecedente, nem nos *Diálogos de S. Gregório* (Mattos e Silva, 1986), nem no *Fabulário Português* (Lucchesi, 1991). Lucchesi explica que a substituição do *quem* pelo *que* ocorre em relativas com antecedente, uma vez que o relativo *quem* não admitia antecedentes, naquela fase da língua. A *Carta de Caminha* parece, pois, representar uma fase intermediária em que o *quem* já aparece empregado com antecedente e, ao mesmo tempo, substituído pelo *que* em estruturas de idêntico teor.

2.1.3 O pronome *u* ocorre, como relativo, referindo-se a pessoas ou coisas e significando 'ocasião em que':

*Como, leixar-nos queredes a atal festa, u cavalleiros de todo o mundo veem aa corte e mui mais ainda por vos veerem ca por al... (Cap. II, l. 22-3).*

2.1.4 O pronome *onde~omde* ocorre significando:

'do qual':

*Este fogo é encantamento onde tu es assi cercada (Cap. CCVI, l. 25-6).*

... em al ca outro cavalleiro **onde** homem peça ha ouvi assi falar ... (Cap. CCVI, l. 22-3)

En tal guisa como vos eu conto conheço Lançarot o seu pecado e o da [rainha] pelas grandes maravilhas que lhe veeram **onde** ouve gram pavor. (Cap. CCIX, l. 10-2).

'para onde'

Amigo, bem assi esta rei Pelinor vosso padre em ãa insua **onde** eu fui ãa vez ja gram tempo ha (Cap. CCX, l. 15-7).

'de quem':

Mas dom Lançarot **onde** me parti agora me achagou tam mal que se me ora matardes nos seerá gram maravilha (Cap. DCIV, l. 07-8).

'lugar de que':

... e sabede que Deserta é ãa cidade do regno de Logres **onde** som naturaes (Cap. CCCCII, l. 23-4).

Ocorre ainda, com o mesmo significado, como advérbio interrogativo:

Esta carta me foi dada esta noite e nom sei **onde** veio, mas eu r[e]cebi aquella ora que Lançarot começou a braadar. (Cap. CCVII, l. 04-6).

Como se pode observar, na *Demanda do Santo Graal*, ocorrem os dois relativos *hu* e *onde*. *Hu* com a acepção de 'ocasião em que' e *onde* sempre com as acepções de: 'do qual', 'para onde', 'de quem'.

2.1.5 O pronome *cujo*, nos oitenta capítulos da *Demanda do Santo Graal* que constituíram o *corpus* de confronto para este trabalho, é empregado apenas duas vezes:

Sabede que se nos servido avemos en esta demanda a sa vontade aquel **por cujo** amor i entramos. (Cap. DVI, l. 10-11)

Quando aqui vier, roga lhe no nome de aquel **cujo** sergente elle é que te de a vestir ... (Cap. CCCCVI, l. 27-8)

No exemplo acima, *cujo* é especificador do núcleo do predicativo que aparece anteposto ao verbo cópula.

2.1.6 Ocorre ainda, no texto, o relativo *quanto*, com elipse do antecedente:

Pois que Lançarot ouve feito **quanto** a cavalleiro convinha disse ... (Cap. VII, l. 13).

2.1.7 A forma *qual* aparece apenas uma vez, como pronome interrogativo:

Entom lhe devisou **qual** fora o sonho (Cap. CCCIII, l. 08).

## 2.2 Estruturas relativas

A mesma ordem dos termos encontrada nas estruturas relativas da *Carta de Caminha* é observada na *Demanda do Santo Graal*:

### 2.2.1 antecedente + relativo + verbo

... **ante ũu castelo que estava** em ũa veiga (CCCIX, l.13)

... e tanto **que viu a donzela que devia aver** en galardom daquel dia ... (CCCX, l. 24-5).

### 2.2.2 antecedente + relativo + clítico + verbo

... **polas grandes maravilhas que lhe vieram** onde ouve gram pavor (CCIX, l. 10-2).

### 2.2.3 antecedente + relativo + nome ou pronome pessoal sujeito + verbo

**Este departamento que eu faço** de ti me mata ... (DC, l.24-5)

Ora sei eu verdadeira mente **que aquela gram festa que os angios faziam** que era con na alma deste (DCCVIII, l. 15-7).

### 2.2.4 antecedente + relativo + adjunto adverbial + verbo

... **ca eu nom quero que estes cavaleiros que aqui som** o saibam (CCCCVIII, l. 07-8)

... e **os cavaleiros que i entravam** morriam todos ... (DIII, l. 20)

Asi diziam **as leteras daquele padrom que asi eram feitas** para enganar os cavaleiros e **as donzelas que por i passassem**. (DIII, l.20-1)

E era asi **que daquele gram mal que daquele castelo via** nom no sabiam no reino de Logres (DIII. l.27-9).

### 2.2.5 antecedente + relativo + clítico + adjunto adverbial + verbo

**E elles que se nom guardavam** da traiçom entraram ... (DV, l. 32-01).

Essa ordem, entretanto, embora preferencial, não é rígida, como se pode observar no exemplo abaixo, em que ocorre o clítico após o adjunto adverbial:

... eu são **aquel que en logar dele vos teerei companha** mentre viver (DCCX, l. 15).

### 3 Observações sobre os relativos no português contemporâneo e confronto com os dados obtidos na *Carta de Caminha* e na *Demanda do Santo Graal*.

É interessante ressaltar, na *Demanda do Santo Graal*, as estruturas relativas em que o relativo *que*, exercendo a função de objeto direto, aparece reforçado por um pronome pessoal oblíquo, de idêntica função sintática. Trata-se de uma estrutura semelhante à que é atualmente utilizada na língua falada, e que é denominada por Tarallo (1985), como estruturas com pronome lembrete ou cópia, do tipo:

*Tenho uma amiga que ela é ótima.*

Enquanto na língua falada o pronome lembrete ocorre, mais comumente, quando o pronome relativo *que* exerce a função de sujeito, na *Demanda do Santo Graal* ele aparece quando o relativo exerce a função de objeto direto.

*Entam leeo as letras que ambos as ouvirom ... (Cap. CCVIII, l. 29)*

*... eu te conheço por tam santo homem e por tam leal sergente de nosso Senhor que se tu o rogares ... (Cap. CCVI, l. 33)*

Também as estruturas relativas denominadas por Tarallo de *relativas cortadoras*, em que o pronome relativo é empregado sem a preposição exigida pela função que exerce, do tipo:

*Tenho uma amiga que ele gosta muito.*

em lugar de:

*Tenho uma amiga de que ele gosta muito.*

são encontradas na *Demanda do Santo Graal*:

*Aquel dia meesmo que esto foi aveo que rei Boorz chegou ... (Cap. DCCIX, l. 29)*

em lugar de:

*aquele dia meesmo (em) que esto foi ...*

Essas construções, entretanto, não são encontradas na *Carta de Caminha*, apesar da afirmativa de Cortesão (1967: 59-60) de que a escrita de Caminha não estava longe da forma como "praticava" (isto é, falava) a sua língua. Será necessário, entretanto, um estudo específico da regência verbal no português arcaico, para que, realmente, se possa afirmar tratar-se de relativas cortadoras e não de construções normais do português da época.

As sentenças relativas, quer na *Carta de Caminha*, quer nos 80 capítu-

los da *Demanda do Santo Graal* que serviram de *corpus* de confronto para esse trabalho, seguem sempre o antecedente do pronome relativo, podendo ser encaixadas ou não.

Na *Carta de Caminha*:

... *mostrarãlhes huĩ papagayo pardo que aqy ocapitam traz.* / (fol. 3, l. 08-9)

... e segº *deziã eses que la foram folgauã com eles.* / (fol. 8v, l. 17-8).

Na *Demanda do Santo Graal*:

... e *pensãde em este milagre que nosso Senhor nos mostrou.* (Cap. CCVI, l. 12-3)

*E Lançarot, que tam muito se maravilha do que via, nom si podia teer que nom disse (se) a Iseu ...* (Cap. CCVI, l. 24-5).

Confrontando-se os dados obtidos com o que se verifica no português brasileiro contemporâneo, pode-se afirmar que:

3.1 O relativo *que*, assim como ocorre na *Carta de Caminha* e na *Demanda do Santo Graal*, continua sendo o mais usado, quer na língua falada quer na língua escrita, exercendo as funções de sujeito ou de objeto direto.

3.2 Ocorrem, na língua falada, pronomes lembretes, especialmente quando o *que* exerce a função de sujeito:

*Tive um amigo já falecido que ele era dono ...* (Inf. 256).

3.3 Ocorrem também, na língua falada, relativas cortadoras em que o relativo *que* aparece sem a preposição pedida pelo verbo ou nome a que serve de complemento:

... *assisto entre meio-dia e uma hora que é uma hora que eu sempre estou em casa ...* (Inf. 357).

Como um reflexo da modalidade oral, esse tipo de construção vem aparecendo na modalidade escrita:

*O centro histórico de Salvador que pretendemos excursionar possui uma riqueza artística notável.* (frase retirada de exercício feito por estudantes).

3.4 O pronome *quem* é hoje empregado apenas com antecedente [+ humano], enquanto o *que* é empregado com antecedente [+ humano] ou [- humano]. Tanto na *Carta de Caminha* quanto na *Demanda do Santo Graal*, o *quem* alterna com o *que*, quando precedido de preposição, referindo-se a seres humanos ou não.

O uso do pronome *quem* em relativas com antecedente não foi detectado por Mattos e Silva, nos *Diálogos de S. Gregório*, códice do séc. XIV.

Também não foi encontrado no *Fabulário Português*, documento estudado por Lucchesi, o que o leva a supor que o uso do *quem* em relativas com antecedente é posterior ao séc. XV. Na *Carta de Caminha* o *quem* aparece empregado com antecedente.

3.5 O pronome *onde* que, nos dois textos, é plurissignificativo, é empregado ainda hoje, na língua falada, para substituir os pronomes *que* ou o *qual*, emprego que se reflete na modalidade escrita, como demonstra o exemplo abaixo, obtido em exercício de alunos.

*Visitamos a Igreja de S. Francisco onde é um modelo de arte barroca.*

ou ainda, como mero conectivo, desprovido de qualquer sentido:

*Conhecemos inúmeros museus onde as obras destes museus refletem vários estilos de época.*

Em estudo baseado em redações e exercícios de estudantes universitários, Andrade (1975) chama atenção para o emprego do *onde*, "em situações diversas das preconizadas pela tradição gramatical". A autora se refere a documentos arcaicos e referências ao dialeto do Minho e nordeste brasileiro, feitas por Moraes e Aulete, s.v. *onde*, que assinalam usos do *onde* com matizes diversos:

- . equivalendo a *quando*, no dialeto do Minho e em *O Castelo Perigoso*, texto do séc. XIV;
- . equivalendo a *com o que* no *Orto do Esposo* (séc. XIV) e nos *Lusíadas* (séc. XVI);

o que a leva a concluir que o caráter plurissignificativo que o *onde* apresenta reflete uma possibilidade de uso mais geral e que, possivelmente, nada tem de peculiar aos estudantes baianos.

3.6 O pronome *cujos*, pouco empregado nos documentos consultados, é hoje também pouco utilizado na língua falada, aparecendo quase que exclusivamente, em elocuições formais.

3.7 A forma *quejando* já não existe quer como pronome relativo, quer como pronome interrogativo.

#### **4 Em relação à Carta de Caminha o português contemporâneo apresenta, pois, no que se refere às estruturas relativas, as seguintes inovações:**

- 1 não-existência da forma *quejando*;
- 2 não-utilização dos pronomes *o qual*; *a qual*; *os quais*; *as quais* como demonstrativos.

No tocante à ordem dos termos, dois tipos de estruturas apresentam variação:

- 1) os adjuntos adverbiais, em estruturas relativas, na modalidade escrita ou oral do português brasileiro contemporâneo, posicionam-se, preferencialmente, após o verbo:

*As pessoas que estavam ali ...*

*Ele que veio aqui, ontem ...*

- 2) Havendo clítico e adjuntos adverbiais, o clítico se posiciona imediatamente após o relativo, enquanto o adjunto adverbial ocupa a posição pós-verbal:

*... uma grande cruz de um pano **que** se cortou ontem para isso.*

A observação dos relativos na *Carta* e na amostra a *Demanda* em confronto com o português brasileiro contemporâneo parece mostrar que as estruturas relativas, na diacronia do português, merecem um estudo mais profundo e de maior abrangência.

### Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Nadja (1988). Onde observado na modalidade escrita de um dialeto brasileiro. In: *Diversidade do português do Brasil: estudos de dialectologia rural e outros*. Centro Editorial e Didático da UFBA.
- AULETE, C. (1985). *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro. Delta.
- BARRETO, Therezinha (1986). *Para onde vão os relativos*. In: *Atas do Simpósio de Diversidade Lingüística no Brasil*. UFBA, 1986.
- CÂMARA, Jr., J. Mattoso (1985). *História e estrutura da língua portuguesa*. 4 ed. Rio de Janeiro. Padrão.
- CORTESÃO, Jaime (1967). *A Carta de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Portugal. (Obras Completas de Jaime Cortesão, v. 2, XIII)
- DIAS, Augusto Epiphanyo da Silva (1954). *Syntaxe histórica portuguesa*. 3 ed. Lisboa. Livraria Clássica.
- HUBER, Joseph (1986). *Gramática do português antigo*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- LUCCHESI, Dante (1991). *Considerações sobre a análise das relativas no português contemporâneo e algumas incursões na história dessas estruturas*. In: *Actas do 6 Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística*, Porto.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (1954). *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto.
- (1989). *Estruturas Trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa IN/CM.
- MIRA MATEUS, Maria Helena et alii (1983). *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- MORAIS, A de Silva (1949-58). *Grande dicionário da língua portuguesa*. Lisboa. Confluência.
- NUNES, José Joaquim (1956). *Compêndio de gramática portuguesa*. 5 ed. Lisboa: Livraria Clássica.
- PEREIRA, Sílvio Batista (1964). *Vocabulário da Carta de Caminha*. Brasília: MEC. Instituto Nacional do Livro. Dicionário da língua portuguesa: Textos e vocábulos n 3 (a G Cunha, org.)
- SILVEIRA, Souza da (1952). *Lições de português*. 5 ed. aum. Rio de Janeiro. Livros de Portugal.



**ESTUDOS LEXICAIS**

REVISED EDITION

## Sincronia e diacronia no dicionário de Littré

Celina Scheinowitz

UFBa

### Resumo

Buscamos inserir o *Dictionnaire de la langue française* de Émile Littré, publicado entre 1863-1872 (Suplemento de 1877), na linhagem da lexicografia francesa, dando destaque para suas inovações, notadamente as decorrentes de suas intenções históricas que o filiam à corrente historicista e comparativa da lingüística de sua época. Ao abordar suas hipóteses sobre a etimologia dos vocábulos, salientamos tê-las encontrado fundamentalmente em F. Diez, o fundador da Filologia Românica, o que justifica a escolha de nosso tema para homenagear o mestre Nilton Vasco da Gama. Propomo-nos ainda investigar as imbricações das noções de sincronia e diacronia, presentes *avant la lettre* nas escolhas metodológicas do dicionarista francês.

O título deste trabalho traz deliberadamente uma nota anacrônica. Um marco na história da lexicografia francesa, o *Dictionnaire de la langue française*<sup>1</sup>, em 5 vols., foi publicado entre 1863-1872, seu Suplemento datando de 1877, ao passo que as noções de sincronia e diacronia só se definem cerca de quatro décadas depois, nos ensinamentos e no livro póstumo de Ferdinand de Saussure. Isto não impede que elas estejam presentes, *avant la lettre*, na obra do dicionarista francês. Propomo-nos, neste texto, mostrar as imbricações das duas perspectivas — a sincrônica e a diacrônica — nesse dicionário, situando-o no contexto da época.

Nascido em 1801, ao desaparecer em 1881, Emile Littré legou para a posteridade uma obra lexicográfica ímpar, concebida dentro do espírito de seu tempo. O dicionário de Littré, juntamente com os dicionários de P. Larousse, cuja série se inaugurou também em meados deste século, — o monumental *Grand dictionnaire universel du XIXe siècle*, em 17 vols., traz as datas de 1865-72 —, vão disputar a preferência do grande público durante longos anos, pelo menos até o final da 2a. guerra mundial, quando novas formas da lexicografia aparecem, como os dicionários Robert, o Bordas, o *Trésor de la langue française*, ao lado de novas feições dadas pela Larousse

---

1 Nossas remissões neste trabalho se referem à seguinte edição: LITTRÉ, Emile. *Dictionnaire de la langue française*. Paris: Gallimard/Hachette, 1975.

aos seus dicionários, na segunda metade do século XX — o *Dictionnaire du français contemporain*, o *Lexis* e o *Grand Larousse de la langue française*. Cumpre mencionar outro concorrente do *Dictionnaire de la langue française* de Littré, queremos falar do *Dictionnaire général de la langue française* de Hatzfeld, Darmesteter e Thomas, publicado no final do século (1890-1900) e cuja concepção o aproxima do primeiro, haja vista as intenções históricas de ambos. Posterior ao Littré, esta obra pôde usufruir das lições apresentadas neste, atualizando-as de maneira a transformá-las em um instrumento de trabalho excepcional para a época, no que concerne à documentação histórica da língua.

Insera-se o *Dictionnaire de la langue française* na abundante seara da lexicografia francesa, iniciada no século XVI, quando consta pela primeira vez a palavra **dicionário** no título de uma obra bilíngüe (cf. o *Dictionnaire françois-latin contenant les motz et manieres de parler françois tournez en latin*, de Robert Estienne, 1539), enquanto o termo de **thesaurus** se aplicava a obras monolíngües, inicialmente o grego e o latim (R. Estienne, 1532 e de H. Estienne, 1572); já os **trésors** do início do século XVII (cf. *Thresor de la langue françoise*, de J. Nicot, 1606), só se tornarão unilíngües em seus continuadores do final deste século.

Sabemos que nenhuma obra lexicográfica se desenvolve *ex nihilo*; ao contrário, há em todo dicionário um aproveitamento da prática anterior e Littré vai assim se beneficiar da herança de seus antecessores. No rol destes, destacam-se sobretudo três dicionaristas, do final do século XVII, cujas obras se constituem em modelos referenciais fundamentais na elaboração dos dicionários que, durante dois séculos, vão surgir na França. Trata-se do Richelet (*Dictionnaire françois contenant les mots et les choses*, 1680), do Furetière (*Dictionnaire universel contenant généralement tous les mots françois tant vieux que modernes et les termes des Sciences et les Arts*, 1690) e do *Dictionnaire de l'Académie françoise* (1694). Lembramos que Littré inicia o Prefácio ao primeiro tomo de seu dicionário, com uma citação extraída do prefácio ao dicionário de Furetière, publicado cento e setenta anos antes, segundo ele próprio enfatiza. Tal remissão aparece como sintomática da opinião que Littré teria desta obra. Quanto ao Dicionário da Academia, seu papel é fundamental na elaboração do *Dictionnaire de la langue française*. Referindo-se àquele, diz Littré ainda no seu Prefácio ao primeiro tomo: “*ce corps de langue a été rigoureusement conservé dans mon dictionnaire*” (p. 124). Com efeito, Littré retoma integralmente a nomenclatura do Dicionário da Academia, baseando-se na 6a. edição, de 1835. Essa nomenclatura, de tipo seletivo e restrita à linguagem das “*honnêtes gens*” convinha a Littré, que lhe acrescenta, todavia, termos clássicos não admitidos pela Academia,

pertencentes à literatura dos séculos XVII e XVIII, bem como termos técnicos das profissões, artes e ciências.

Em uma revisão histórica, embora sucinta, dos dicionários franceses que precederam o Littré, tem-se ainda de registrar, no século XVIII, o trabalho lexicográfico realizado pelos jesuítas de Trévoux, inspirado, em sua primeira publicação, de 1704, na orientação semi-enciclopédica de Furetière, obra que foi desenvolvida, posteriormente, sob a denominação de *Dictionnaire universel de Trévoux*, em edições sucessivas, com destaque para a 5a., de 1743 e a 7a. e última, de 1771, conhecida por seus contemporâneos, como a *Bibliothèque de la Nation*. Na virada do século e no início do século XIX, outros dicionários universais na linha dos de Trévoux vieram a lume na França, confirmando a tendência extensiva dessas obras marcadas pela ambição de recolher o maior número possível de vocábulos na sua nomenclatura (o *Dictionnaire universel de la langue française*, de C. Boiste, 1800 e o *Dictionnaire universel de la langue française*, de C. M. Gattel, 1813), além do *Nouveau dictionnaire de la langue française*, de Ch. Laveaux (1820), do *Dictionnaire national ou Grand dictionnaire critique de la langue française embrassant avec l'universalité des mots français l'universalité des connaissances humaines*, de L. N. Bescherelle (1843) e do *Dictionnaire de la langue française*, de P. Poitevin (1851). Quanto ao *Nouveau dictionnaire de la langue française*, de L. Dochez, publicado em 1860, portanto, pouco antes do *Dictionnaire de la langue française* de Littré, embora suas qualidades tenham sido devidamente enaltecidas no prefácio por Paulin Paris, não mereceu nenhuma reedição, ofuscado pelo sucesso estrondoso e imediato do Littré que lhe seguiu.

A intenção de Littré, no *Dictionnaire de la langue française*, foi a de fazer uma descrição sincrônica do léxico de sua época. Deveria ela servir como um instrumento de consulta à disposição de seus contemporâneos para esclarecer uma informação lexical desconhecida. Seu propósito em descrever o “uso contemporâneo” da língua francesa assim se afirma no Prefácio ao primeiro tomo:

*L'usage contemporain est le premier et principal objet d'un dictionnaire. C'est en effet pour apprendre comment aujourd'hui l'on parle et l'on écrit, qu'un dictionnaire est consulté par chacun. (Op. cit., p. 118)*

Trata-se, portanto, de uma sincronia, a faixa lexical que lhe serve de *corpus* para descrição lexicográfica. Entretanto, Littré esclarece adiante — e isso parece-nos estranho, a nós seus leitores, pósteros de mais de um século — que o termo “uso contemporâneo” é tomado em um sentido largo, estendendo-se da época clássica — cujo marco inicial ele coloca em Malherbe —

até os seus dias. Uma faixa sincrônica cuja duração abrange mais de duzentos anos, portanto, a qual abarca ainda arcaísmos e neologismos:

*Chez nous, l'usage contemporain, pris dans un sens étendu, enferme le temps qui s'est écoulé depuis l'origine de la période classique jusqu'à nos jours; c'est-à-dire que, commençant à Malherbe, il compte aujourd'hui plus de deux cents ans de durée. [...] Cela forme un vaste ensemble dans lequel les plus anciens touchent à l'archaïsme et les plus récents au néologisme. Dans le plan que je me suis fait d'un dictionnaire, les uns et les autres ne peuvent manquer d'entrer en ligne de compte et d'occuper une place très-importante. (Op. cit., p. 119)*

À p. 138 do Prefácio, deparamo-nos com uma nova posição do autor que, para nós, soa desconcertante, a propósito das citações de escritores dos séculos XVII, XVIII e XIX que abonam o “uso contemporâneo” da língua francesa, nas quais os exemplos mais antigos são preferidos aos novos:

*Pour citations, les plus anciens exemples doivent être préférés aux nouveaux. En effet l'objet de ces citations est de compléter l'ensemble de la langue et la connaissance des significations, connaissance qui n'est donnée que par ses origines. Plus on remonte haut, plus on a chance de trouver le sens premier, et, par lui, l'enchaînement des significations. (Op. cit. p.138)*

Para tentar compreender essas, para nós, incongruências, julgamos necessário situar Littré no contexto de sua época e procurar penetrar no seu “plano”, citado acima, ou seja, no projeto que ele traçou e que o guiou na elaboração de seu dicionário.

Littré é um homem de seu tempo. Profundamente ligado à filosofia e aos pensadores da época, engajou-se no Positivismo de Auguste Comte. Na lei dos três estados, segundo a qual o desenrolar da história se procede através das idades teológica, metafísica e positiva, Littré se enraizava na última. Nela, as leis naturais substituem as causas imaginárias e as razões sobrenaturais, o conhecimento firmando-se em bases da experiência e desenvolvendo-se pela indução e dedução. Por outro lado, com formação médica, seu percurso de vida levou-o a abandonar sua função de interno nos hospitais de Paris para dedicar-se à filologia e à lexicografia. Não lhe foi difícil aderir à corrente historicista e comparativa da lingüística da época, bastando-lhe transpor os conceitos fundamentais da ciência da vida para a ciência da linguagem. Além disso, a história sempre o apaixonou, foi o interesse constante e o fio comum de seus estudos dispersos ao longo da vida, em medicina, gramática e filologia, literaturas, ciências.

Para Littré, a língua é um organismo vivo. Na sua *Histoire de la langue française* (1862) vê nesse organismo uma organização interna e uma existência independente. Está sujeita, nos períodos de crise primária, a grandes mutações (como a passagem do latim às línguas românicas) e, nas crises secundárias, a pequenas mutações (como a passagem do francês arcaico para a língua do século XVI ou desta para o estado que lhe sucedeu). É a sociedade que se encontra na origem das mudanças em cadeia que para Littré constituem a história e que se submetem ao jogo dialético entre fatores internos e fatores externos, dentro da visão positivista, cujo modelo de oposições binárias se originam nas noções de ordem e progresso.

Como elemento de um organismo vivo, o léxico de uma língua é dotado de uma dinâmica que Littré procura explicar pela díade *arcaísmo/neologismo*, novamente inspirado pelos princípios positivistas da binaridade. Depois de ter afirmado, no Prefácio ao primeiro tomo, que seu “plano” vai abarcar tanto uns como os outros, justifica esta inclusão:

*Leur présence, à l'aide d'exemples empruntés [...], constate les emplois, autorise les locutions, agrandit les significations, et est l'appui le plus sûr de celui qui prétend associer la lexicographie et la critique.*  
(Op. cit., p. 119)

Logo adiante, nova justificativa para a ampliação da faixa sincrônica cujos limites estabeleceu para descrever, a saber, o passado esclarece o presente:

*Ainsi, selon la manière de voir qui m'a guidé, un dictionnaire doit être, ou, si l'on veut, ce dictionnaire est un enregistrement très-étendu des usages de la langue, enregistrement qui, avec le présent, embrasse le passé, partout où le passé jette quelque lumière sur le présent quant aux mots, à leurs significations, à leur emploi.* (Op. cit., p. 119)

Anteriormente, logo no início do Prefácio ao primeiro tomo, Littré já houvera justificado seu plano dicionarístico de alargamento do uso presente pela necessidade de conferir-lhe plenitude e segurança, alicerçando-o no uso passado:

*Avant tout, et pour ramener à une idée mère ce qui va être expliqué dans la Préface, je dirai, définissant ce dictionnaire, qu'il embrasse et combine l'usage présent de la langue et son usage passé, afin de donner à l'usage présent toute la plénitude et la sûreté qu'il comporte.* (Op. cit., p. 116)

E confessa também terem sido seus contatos com a língua francesa arcaica que lhe fizeram vislumbrar um elo entre o francês moderno e a antiga

língua e o conduziram a essa necessidade de buscar esclarecer o presente pelo passado:

*La conception m'en fut suggérée par mes études sur la vieille langue française ou langue d'oïl. Je fus si frappé des liens qui unissent le français moderne au français ancien, j'aperçus tant de cas où les sens et les locutions du jour ne s'expliquent que par les sens et les locutions d'autrefois, tant d'exemples où la forme des mots n'est pas intelligible sans les formes qui ont précédé, qu'il me sembla que la doctrine et même l'usage de la langue restent mal assis s'ils ne reposent sur leur base antique. (Op. cit., p. 116)*

Portanto, Littré pretende, no *Dictionnaire de la langue française*, apresentar uma descrição da língua de seu tempo. Para abonar esse “uso contemporâneo” serve-se de citações de autores a partir de Malherbe até os seus dias, o que lhe dá um espaço de uma contemporaneidade superior a dois séculos. Nessas citações, reconhece que os exemplos mais antigos serão preferidos aos mais novos, pois quanto mais recua no tempo tanto maiores serão as chances de se chegar ao primeiro sentido e, através deste, ao encadeamento das significações. Não estará Littré mais interessado na história, na diacronia do léxico francês do que na sua contemporaneidade? Não esqueçamos que, tendo iniciado a trabalhar no seu dicionário em 1846, pensou inicialmente em dar-lhe o título de *Dictionnaire étymologique, historique et grammatical de la langue française*. Era a época do florescimento da lingüística histórica e comparativa, à qual Littré se filiava e de cujas influências não podia escapar. Seu dicionário é um fruto dessa conjuntura e isso se patenteia de forma indiscutível no desenvolvimento dos verbetes, inteiramente influenciado pelas correntes do momento, o que passaremos a examinar, a seguir.

Os verbetes se organizam em três partes, marcadas por três parágrafos independentes. A primeira parte, a mais importante, contém o nome da entrada, a que se seguem a pronúncia dos vocábulos, sobre a qual o dicionarista assume, às vezes, uma posição purista (**our** em lugar de **ours**, por exemplo, para o nome do animal) e a conjugação dos verbos, no caso destes apresentarem alguma irregularidade. A definição e os diversos sentidos são arrolados, a seguir. Divergindo do Dicionário da Academia, que indicava inicialmente as significações mais usadas, Littré prefere ordená-las segundo critérios lógicos e históricos, partindo do sentido primitivo para os que lhe são derivados. Ilustrando esses sentidos, vêm exemplos tirados de autores dos séculos XVII, XVIII e XIX, representativos do “uso contemporâneo”, segundo vimos. Ainda no primeiro bloco, podem constar ocasionalmente observações sobre a ortografia e a construção gramatical. A segunda

parte do verbete corresponde ao **Histórico** referente à palavra chave: aqui são listados exemplos desde a época mais recuada do francês arcaico até a língua do século XVI, organizados não mais segundo os sentidos, como na primeira parte, mas de acordo com a ordem cronológica. Enfim, na terceira parte, a **Etimologia**, Littré aproxima a entrada de outras formas dialetais galorromânicas e também neolatinas (sobretudo o espanhol e o italiano). Ao apresentar aqui suas hipóteses sobre a etimologia dos vocábulos, Littré vai buscá-las, fundamentalmente, em Friedrich Diez, o fundador da Filologia Românica, o que justifica a escolha de nosso tema para homenagear o mestre Nilton Vasco da Gama.

A organização do *Dictionnaire de la langue française* reflete o entendimento que seu autor tinha acerca da língua. Para ele, esta é o “tesouro hereditário” de um povo (cf. “*ce trésor héréditaire*”, op. cit., p. 118), pois “*Le fonds du langage que nous parlons présentement appartient aux âges les plus reculés de notre existence nationale*” (cf. op. cit., p. 118). Ao fazer o recenseamento do léxico francês, Littré apoia o presente no passado, o passado penetrando no presente, daí a representatividade dos autores da literatura clássica - Fénelon, Bossuet, La Bruyère, Pascal, Molière - se fazer em detrimento dos autores que lhe eram mais próximos, do século XVIII e sobretudo do século XIX, estes pouco presentes nas citações do *Dictionnaire*. Para retratar fielmente a língua de seu tempo, fazendo-lhe como um estudo anatômico, Littré considera necessário completar essas informações “contemporâneas” com notícias históricas e etimológicas, segundo vimos, que mostram as metamorfoses do léxico francês e esclarecem suas origens.

No Colóquio Littré, realizado em Paris de 7 a 9 de outubro de 1981, os lingüistas participantes insistiram, ao abordar as inovações do Littré, em relativizar o seu alcance hoje em dia. Cabe aqui, concluindo nosso trabalho, relembrar como se manifestou nessa ocasião André Goosse:

*[...] Littré. Son dictionnaire est un monument de science et de conscience, je le répète après d'autres. Mais - comme tous les monuments d'ailleurs - c'est un monument daté, et l'on trompe les gens d'aujourd'hui en leur faisant croire que nous sommes en 1860, ou pis encore, en rajeunissant superficiellement le Dictionnaire. Admirer Littré, c'est l'admirer tel qu'il est; c'est souhaiter qu'on fasse, avec d'autres moyens et d'autres buts, des oeuvres ayant les mêmes qualités.<sup>2</sup>*

---

2 GOOSSE, André. Le choix des mots et des exemples dans le dictionnaire de Littré. *Actes du Colloque Emile Littré*, Paris, 7-9 octobre 1981. Paris: Editions Albin Michel, 1983. pp. 357-366. Cf. citação p.336.

Partindo desse redimensionamento de Littré pelo colaborador de Grevisse, que aponta ainda para o futuro, não poderíamos deixar de constatar que seus votos valem também e sobretudo dentro do contexto de nosso país. Se nosso Moraes Silva, que precedeu o Littré de mais de meio século, constitui também um monumento da lexicografia do português, suas lições, entretanto, estão a merecer uma maior atenção dos continuadores, apesar dos esforços imensos que têm sido envidados nesse campo.

# **O Amor nas Cantigas de Escarnho: Uma Tentativa de Descrição Estrutural do Vocabulário de Duas Cantigas de Trovadores Galego-Portugueses**

**Elisabeth Baldwin**

*Ufba*

## **Resumo**

O presente estudo constitui uma tentativa de descrição estrutural do vocabulário de dois *escarnhos* galego-portugueses com base no *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* de R. Hallig e W.v. Wartburg, objetivando apontar alguns usos lingüísticos medievais sob a égide do tom impessoal, indireto e velado das cantigas de escárnio. É uma incursão na poesia satírica dos cancioneiros medievais galego-portugueses que, pela riqueza vocabular e pela originalidade semântica conferida por uma nova co-textualidade de conceitos básicos da lírica trovadoresca, permite-nos observar uma emergente visão de mundo e de amor. Descreve o vocabulário de dois *escarnhos* - setenta palavras e/ou expressões organizadas em torno dos conceitos "Homem" (ser físico, psíquico e social) e "Homem e Universo" (espaço, tempo etc.). Levanta hipótese, muito frágil ainda, sobre o linguajar amoroso do medievo galego-português.

## **Introdução**

O presente estudo constitui uma tentativa de descrição estrutural do vocabulário de dois *escarnhos* galego-portugueses baseada no Sistema Racional de Conceitos ou *Begriffssystem als Grundlage für die Lexikographie* de Rudolf Hallig e Walther Von Wartburg.

Objetiva apontar alguns usos lingüísticos medievais referentes às relações amorosas entre o homem e a mulher de uma parcela significativa da sociedade medieval, afetividade que transgride a norma vigente e documenta o lado "avesso" dessa sociedade.

Centra-se nos *escarnhos*, gênero que, mesmo sob tom impessoal, indireto e velado, impregnado de conteúdo lírico, inaugura, pelo olhar mordaz e satírico dos trovadores uma nova co-textualidade dos conceitos da lírica trovadoresca e revela, conseqüentemente, essa nova contextualidade que o movimento trovadoresco parece vir ratificar.

A escolha do gênero traz o aval de Giuseppe Tavani e Julia Lanciani

que, em seu Dicionário de Literatura Medieval Galego e Portuguesa, edição de 1993, afirmam que o gênero satírico, dentre os gêneros da poesia trovadoresca:

*constitui um repertório preciso (e ainda não inteiramente decifrado) dos usos lingüísticos medievais e que, sob o ponto de vista lingüístico, este gênero é caracterizado, de um lado pela inversão semântica provocada pela nova co-textualidade de conceitos básicos da lírica trovadoresca e expostos às conseqüentes distorções da valência de origem (como por exemplo o sintagma branqu' e vermelha que na Cantiga de Amor designa a cara do "senhor", ao passo que, na Cantiga de Mal dizer de Pero d'Armea-Donzela, quem quer entenderia (RM, 121,8) designa o traseiro do poeta devidamente tratado com cosméticos, resultaria não menos atrativo; e de outro lado, por uma maior variedade lexical e por uma riqueza (desconhecida da poesia de amor) de termos relativos ao corpo humano e ao vestuário, à paisagem (essencialmente urbana) e aos alimentos, aos animais e às atividades humanas, e, além disso, por uma adjetivação variegada e policroma.<sup>1</sup>*

Faz parte do trabalho final elaborado para o Prof. Dr. Nilton Vasco da Gama na disciplina Estudo Comparativo de Aspectos Léxico-Semânticos na língua dos trovadores desenvolvida no Mestrado em Letras da Universidade Federal da Bahia durante o Segundo Semestre de 1994.

Constitui uma homenagem ao mestre de Filologia Românica, que, incentivando a pesquisa de uma temática tão polêmica, revela o espírito do acadêmico experiente e criativo, entre professor e pesquisador, e o tratamento pioneiro que dá tanto ao fato científico como ao fato pedagógico.

Desenvolve-se em três partes, a saber: primeiramente, discorre brevemente sobre o tempo, o espaço e a cultura medieval portuguesa; na segunda parte, apresenta o movimento trovadoresco produzido nesse tempo, nesse lugar e nessa cultura; na terceira parte, descreve o *corpus* analisado, os dois *escarnhos* galego-portugueses; na quarta e última parte, propõe uma tentativa de descrição estrutural (classificação por conceitos) do vocabulário desses *escarnhos* com base no Begriffssystem - Sistema Racional de Conceitos de Hallig e Wartburg e ensaia algumas hipóteses.

## **1 O Tempo, o espaço e a cultura do medievo português**

Quando Portugal separou-se da Galiza, no Século XII, era o Galego-

---

1 Cf. TAVANI, F. e Lanciani J. *Dicionário medieval galego e português*. Caminho, 1993.

português o idioma falado em toda região de Galiza e da nascente nação portuguesa e, por três séculos, ainda foi o veículo da produção poética trovadoresca em toda Península Ibérica.

Durante cento e cinquenta anos (1200 a 1350 mais ou menos), porém, foi a língua poética, fortemente unitária e quase inalterada, dos trovadores, galego-portugueses. Nela cento e cinquenta e três poetas (salvo os autores de textos apógrafos do final do Século XIV e do Século XV) criaram um mil seiscentos e setenta e nove poesias divididas entre Cantigas d'amor, Cantigas d'amigo, Cantigas d'escarnho e *mal dizer* e outros gêneros com menor representação, mais sessenta e quatro textos, ao que parece, com autoria duvidosa ou anônima.

Dentre os aspectos culturais do medieval português, salientar-se-á a instrução, as crenças, as distrações e, finalmente, os afetos, aspecto de fundamental importância para o desenrolar do presente estudo.

A instrução não era dever da Coroa nem de ninguém, salvo os mistérios da fé, orações mais importantes e forma de assistir aos ofícios. Assim, a instrução de uma criança dependia, em geral, da sua condição na sociedade, dos seus meios de fortuna e da localização geográfica, se longe ou perto das escolas (Braga, Lisboa, Porto). O analfabetismo era generalizado. Somente escapava dessa realidade os protegidos por eclesiásticos ou os destinados pelos pais para a vida religiosa.

Até o final da Idade Média não se ensinou Português, embora tenha se transformado em língua oficial no reinado de D. Dinis. A língua escrita era muito próxima da língua falada.

O papel que a religião desempenhava na maneira de viver do homem medieval era relevante. Toda a vida quotidiana, do nascimento à morte, desenrolava-se sob o seu signo. A religiosidade do português medieval, mais do que na recepção dos sacramentos, refletia-se na assistência às missas e a outras cerimônias da Igreja, nos jejuns e abstinências e nas peregrinações e romarias. Apesar de profundamente cristã, a Idade Média não representou o fim do paganismo na religião cotidiana. Toda a espécie de práticas ligadas aos antigos deuses persistiu teimosamente nos costumes dos povos, em especial, nos das classes inferiores.

O tipo de divertimentos, na sua intensidade e freqüência estava fortemente condicionado pelo nível social e pelas possibilidades materiais. Própria da nobreza mostrava-se a grande maioria das distrações tipicamente medievais, como os torneios ou os saraus onde se trovava e cantava. O povo possuía também formas de folgança e de esquecimento da labuta da diária, mas eram em menor número e menos requintados.

Entretanto, nos saraus, reuniam-se pessoas de várias classes sociais para ouvir cantos e trovas. Sobre essa forma de divertimento, assim se expressa Antônio José Saraiva e Oscar Lopes em *História de Literatura Portuguesa*:

*Nesses momentos de diversão, jograis da corte, soldadeiras, fidalguia boêmia, clero, celebravam em conjunto o exercício da vida folgazã e mundana, experimentando os prazeres da música, da poesia, da dança e da mesa, ocasião em que rolavam, além das cantigas de amor, reverências às donas, as cantigas de amigo e, também, os escarnhos e os mal dizeres, que revelavam o lado avesso do mundo constituído e regrado<sup>2</sup>*

A. H. de Oliveira Marques, em sua obra *A Sociedade Medieval Portuguesa*, afirma que são poucas e tímidas as informações veiculadas por historiadores e estudiosos dos costumes sobre os afetos na sociedade do medievo português. Talvez por desconhecimento sobre o seu valor como documento de uma época tão severa em relação a princípios constituídos ou por constrangimento, fatos há que registram outros prazeres do mundo medieval e omitem os prazeres do amor. E assim se expressa a respeito:

*Registra a história o que se veste, onde se vive, às vezes o que se come, mas dificilmente narra como se ama. A intensidade e a forma do afeto só aqui e além, a muito custo, se vislumbram, num levantar fortuito da cortina do pudor ou da muralha do natural<sup>3</sup>*

Numa sociedade marcadamente patriarcal, qual era a da Idade Média, o respeito, obediência, veneração e uma espécie de submissão feudal construíam-se como pano de fundo de todos os afetos “instituídos”: entre pais e filhos, entre irmãos, entre cônjuges.

Por outro lado, contrariamente, desenvolvia-se um sentimento contrário e avesso à lei vigente, uma afetividade que transgredia a norma. Não houve possivelmente, na história, época mais fértil em ligações incestuosas, práticas de prostituição, de barregania, de matrimônios clandestinos, de amores pré e extraconjugais, de relações homossexuais, fatos que vêm revelar uma sociedade condescendente em relação à expressão de afetividade dessa natureza.

O amor entre o homem e a mulher, mais especificamente — um dentre os afetos acima referidos, também apresentava dois lados: o verso, uma

2 Cf. SARAIVA, J., LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa*, 1975. p. 65-66.

3 Cf. MARQUES, A. H. de Oliveira. *A Sociedade medieval portuguesa*. Aspectos da vida cotidiana, 4ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1981. p. 117.

forma ideal, herdeira do convencionalismo aristocrático e do requinte platônico, tida como objetivo supremo do afeto e defendida por poetas e filósofos; o *reverso*, o desejo ardente de qualquer coisa mais do que a simples contemplação, em outras palavras, a realização física do amor. Os dois sentimentos coexistiam e esse singular dualismo é, de fato, um dos caracteres mais significativos do homem medieval.

A instituição casamento, por sua vez, constituindo um contrato arranjado por terceiros (tem um caráter forçado, de dever, de obrigação, de interesse material, de ausência de liberdade e, sem perspectivas de transformar-se em fonte de perfeição moral nem tornar-se via de realização da paixão física) não propicia o desenrolar de qualquer sentimento amoroso.

Assim, o casamento como instituição é incompatível com o amor, o que explica, de certa forma, as numerosas relações extra-conjugais e, por outra, a motivação de então, com base em tese tão polêmica.

Os trovadores, dessa forma, denunciam através de suas canções essa incompatibilidade (amor e casamento), pondo em equação, pela primeira vez, um grave problema social de seu tempo e revelando os caminhos, considerados escusos e proibitivos, pelos quais, homens e mulheres, de todas as classes sociais, realizavam seus afetos fora do matrimônio.

## 2 O Trovadorismo

### 2.1 O movimento trovadoresco

O movimento trovadoresco foi responsável, em linhas gerais, no mundo ocidental, pela consolidação das línguas regionais e pelo surgimento da poesia de caráter popular.

A cultura trovadoresca, por uma lado, inaugurou tentativas de conciliação dos ditames da razão escolástica com os ímpetus de sensibilidade mais freemente e com o fino tom de idealização pinçados do misticismo cristão; por outro lado, ratificou a existência de uma cultura burguesa, de um espírito civilista e de uma disposição ímpar para observar e ironizar os costumes da época.

### 2.2 Uma temática trovadoresca: o amor

O amor trovadoresco, nascido em Provença, mais um produto da inteligência e da imaginação do que da sensibilidade, *amour de tête*, conforme os franceses, constituía, na verdade, um fingimento de amor necessário para o desenvolvimento do ofício de trovar bem como para a constituição da própria natureza do “ser trovador”.

Esse fazer trovadoresco, denominado literatura do amor cortês, era endereçado a mulheres casadas que, de um lado, pela sua significância social e jurídica, poderiam prover a penúria econômica de seus autores e, de outro, por uma certa madureza psíquica, moral e física, poderiam oportunizar-lhes a vivência do verdadeiro amor — esse estímulo permanente de perfeição do espírito.

Assim como o sistema feudal implicava vários graus de vassalagem, também o amor, que se revela na poesia provençal, prevê um longo e paciente aprendizado. Para se alcançar o fervor supremo da dona, era necessário percorrer quatro estágios: o do aspirante, que se consome em suspiros (fenhedor), o do suplicante, que ousa já pedir (precador), o do namorado (entendedor) e o do amante (*drut*). Este último termo indicava que a dona aceitava e correspondia às homenagens do trovador, constituía-o seu vassalo, recebia o seu juramento de fidelidade e, como graça, concedia-lhe um beijo, um anel ou outro objeto qualquer, como penhor de aliança - verdadeira imagem do que sucedia na simbólica feudal.

O amor dos trovadores portugueses é bem mais simples. Troca a sutileza e a imaginação pela emoção e a sinceridade. Da hierarquia amorosa dos provençais só são conhecidos, entre os portugueses, os dois últimos graus. E o último, o *drut* que ficou em português *drudo*, só se encontra nas canções satíricas.

### 2.3 Um gênero trovadoresco: a sátira

Ao lado do lirismo, a sátira ocupou lugar de fundamental importância dentro da literatura trovadoresca.

Parafraseando Rodrigues Lapa em *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos Cancioneiros medievais galego-portugueses*<sup>4</sup> o humor constitui uma disposição perante a vida e a ironia um dos processos de conceituar esteticamente esse humor, assim pode-se dizer que tanto a disposição escarninha como a expressão da palavra irônica constituíram a genuína graça galego-portuguesa.

Sabemos que o humorista não pretende emendar o mundo como o moralista. Prefere, e por isso, se debruça sobre o real e o palpável para vê-lo com todas as suas fraquezas e vícios, para poder sorrir dele.

Assim, são as cantigas de *escarnho* e *mal dizer*, repertório precioso e

---

4 Cf. LAPA, M. Rodrigues. *Cantigas d'Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros medievais Galego-portugueses*. Coimbra: Galíxia, 1965. Ed. Crítica, Introdução. P. X.

ainda não decifrado de todo, peças da poesia trovadoresca que, a par da intenção de troçar, constituem testemunho, às vezes voluntário, às vezes involuntário, da vida folgazã de uma parcela significativa da sociedade medieval portuguesa (jograis da Corte, soldadeiras e fidalguia boêmia) que, nos seus momentos de divertimento e confraternização, participavam dos mesmos mexericos e usavam a mesma linguagem por vezes chã e obscena.

De gênero narrativo documental, as cantigas de escárnio e de maldizer, menos poéticas mas de largo significado histórico-social, representam a outra face do homem medieval, liberado aos instintos, por vezes brutais e rasteiros, outras vezes pornográficos. Retrata o caráter violento e extremista do homem medievo que chamava as coisas pelo nome. Estilo rude e obsceno, mas grande preciosidade lingüística pela variedade de nomenclatura, dureza e brutalidade de vocabulário.

Havia, na época, diferentes tipos de sátira. Em primeiro lugar, estabelece-se a diferença teórica entre a cantiga d' *escarnho* e a de *mal dizer*. Na primeira o trovador escarneia de alguém "por palavras cubertas que ajan dous entendimentos". Na segunda categoria — a de *mal dizer* — o trovador atacava diretamente, a descoberto. É o caso da grande maioria dos serventeses galego-portugueses.

Os trovadores encarregavam-se de fazer a reportagem dos acontecimentos mais ou menos escandalosos da época. É precisamente este critério, dum lado o fato político, literário ou social, de outro lado, a crítica mordaz incidindo sobre ele, que vai servir de norma para uma sistematização do *escarnho* do Século XIII. Assim, os fatos que levantaram entre os trovadores maior celeuma e que constituem o interesse capital das cantigas d' *escarnho* e *mal dizer* são os seguintes, conforme classificação de Rodrigues Lapa em *Lições de Literatura Portuguesa - Época Medieval*:<sup>5</sup> 1) deserção dos cavaleiros na Guerra de Granada; 2) traição dos alcaides de D. Sancho II; 3) chacotas a Maria Balteira; 4) o escândalo das amas e tecedeiras; 5) as imperfeições do jogral Lourenço; 6) a decadência dos infanções, fenômeno social e econômico que os cantares de maldizer perfeitamente documentam.

No entanto, esses núcleos não são os únicos, pois está ainda por fazer um balanço rigoroso dos temas escarninhos da poesia medieval. Conforme Lapa,<sup>6</sup> pode-se somar ainda a esse rol outras séries mais ou menos consideráveis: as facécias que visam Joan Fernandes, "o mouro baptizado"; a viagem de Pero d'Ambroa ao Ultramar; o pederasta Fernan Dias, alvo de

5 Cf. LAPA, M. Rodrigues. *Lições de Literatura Portuguesa*; época medieval. 3ªed. Coimbra: Coimbra Edit, 1952. P. 210.

6 Id. ibidem.

ironias e jogos verbais interessantes; o pitacego D. Estêvan Anes; o trovador avilenado Sueir' Eanes; enfim, um número razoável de jograis e soldadeiras e outras mulheres que, por seus ridículos ou excentricidades, despertavam a vis cômica dos seus contemporâneos.

Acrescente-se a tais temas, aquele que, agora, nos interessa mais de perto: os *escarnhos* de amor, degeneração das cantigas de amor, que cantavam velhas presumidas e feias, raparigas pintadas, mulheres que traíam os maridos, intimidades de alcova. Já as sátiras de costumes, desdenhavam de personagens da corte, representantes de determinadas classes sociais ou de inteiras categorias sociais e profissionais (hebreus, médicos, soldadeiras, jograis, mas também escudeiros, ricos-homens, infanções).

### 3 Descrição do corpus

Os *escarnhos*, aquelas composições pelas quais os trovadores dizem mal de alguém por palavras encobertas, são composições que, ao contrário das cantigas de maldizer, revelam ainda traços de um tom lírico, ou seja, registram manifestações do modo de ser sentimental do povo galego-português. O seu vocabulário é menos duro, embora também bastante rico. O seu tom é mais velado e a composição faz uso de trocadilhos e de outros jogos verbais.

A imposição da cortesia e da vida social, somada ao pendor para mitigar a rudeza da expressão ou da alusão, este último enraizado no espírito de compreensão e tolerância do povo peninsular, fizeram do *escárneo* também uma composição de grande valor poético, ao lado do valor lingüístico conferido pela riqueza de vocabulário e pelo valor documental.

As composições analisadas — *Ua dona, non dig'eu qual*, do burguês Joan Airas de Santiago e *Dade m' alvissara, Pedr' Agudo* de Pero da Ponte — constituem dois finos *escarnhos*. O primeiro escarnece da *dona*, a senhora casada, outrora, objeto do amor dos trovadores das cantigas de amor que, por crer na superstição dos agouros e querer amar o *corvo carnaçal* - homem que se pôs em seu caminho, falta aos seus deveres religiosos. A segunda escarnece do burgalês Pedro Agudo, trovador, incitando-o ironicamente a considerar-se um felizardo, uma vez que sua mulher tinha um amante viril, cobridor ideal para mulheres maduras e se compraz em descrevê-lo como *boroncinho mui velido e bom drudo*. Ambas comprovam o deslocamento dos eixos da doutrina do amor cortês - o objeto (tipo de *dona*), o sentimento (tipo de *amor*). Não constituem mais objetivos do trovar a mulher idealizada nem o amor inatingível e sua coita. E como afirma Mário Martins em *A Sátira na Literatura Medieval Portuguesa* (Séculos XIII e XIV):

... é precisamente esse amor cortês e os seus opostos que vão servir de eixo parodístico em várias cantigas de escárnio e maldizer.<sup>7</sup>

A repetição constitui o elemento flagrante das composições, genuínas cantigas de refrão, que expressam a estética circular e repetitiva das bailias ou bailadas, em refrões (ver os dois últimos versos de cada estrofe) e paralelismos (ver os dois primeiros versos de cada estrofe), cujo objetivo, na sátira, parece ser o de acentuar fortemente a ironia do contexto.

Optando pelo talhe da quadra (mais refrão), estruturada em redondilhos heptassílabos (metro genuinamente popular), com rimas alternadas e/ou consecutivas, combinando o acento rítmico, na terceira e na sexta sílabas (C-353) e na quarta e sétima sílabas (C-184), com o acento musical próprio da bailada, as cantigas, especialmente, a cantiga 184 constitui um modelo de perfeição, harmonia entre forma e conteúdo.

Com relação ao vocabulário ressalte-se, na Cantiga 184, o jogo das preposições “*acaron* e *sobre*”, o duplo sentido do verbo *ouvir* (*audit* e *habuit*), a metáfora do corvo, a onomatopéia “*qua [a]cá*” que significa o homem chamando a dona (vem cá! Vem cá!), todos eles, trocadilhos de grande valor filológico, demonstram o tipo de relação amorosa que se desenvolve entre a *dona* (antes protagonista de uma relação amorosa idealizada) e um *corvo carnaçal* (homem feroso, sedento de ligação carnal), uma relação de amor físico, último degrau na escala amorosa da doutrina do amor cortês.

Já o vocabulário da cantiga 353, por sua vez, através das expressões *bon drudo* (drudo termo de origem provençal, amante em último grau na escala amorosa), *boroncinho* (varão novo cheio de vida), *fode já em seu cabo* (fode com muita virilidade), vem reforçar o tipo de amor - carnal - existente entre a mulher e o seu amante.

## **4 Uma tentativa de descrição estrutural (classificação por conceitos) do vocabulário e algumas considerações**

### **4.1 O sistema**

Hallig e Wartburg, em 1952, Berlin, através da publicação do *Begriffssystem* — Sistema Racional de Conceitos — demonstram a possibilidade de dividir conceitualmente o mundo, criando um sistema de classificação supranacional e supratemporal, ou seja, universalmente válido para qualquer espaço geográfico e/ou para qualquer tempo histórico.

<sup>7</sup> Cf. MARTINS, Mário. *A Sátira na Literatura Medieval Portuguesa (Séculos XIII e XIV)*, 2ª ed. Lisboa: Ministério da Educação, 1986. P. 51.

Na sua opinião, um sistema conceitual que dependesse de uma língua dada ou de um momento temporal estabelecido, seria, no mínimo, tautológico. O fato de que várias línguas não tenham palavras que realizem o sistema, não o anula.

Hallig e Wartburg propõem-se a classificar conceitos, não palavras, ou por outra, classificam palavras que são pensadas como objetos mentais (conceitos), já que só com a ajuda das palavras podem se realizar os conceitos. Por extensão, constitui uma classificação do léxico de uma língua; mas, com base na concepção popular (já que se trata de uma divisão lingüística do conhecimento popular do mundo e não do conhecimento científico). Portanto, o sistema lingüístico de um grupo social pode ser conhecido através da realização lingüística do objeto mental, dos conceitos que esse grupo possui.

Os autores propuseram, então, uma divisão conceitual do mundo em três grandes conjuntos e diversas categorias e subcategorias que a eles se agregam.

A) **O Universo** ( espaço celeste, terra, as plantas, animais, geologia, mineralogia); B) **O Homem** ( O homem, ser físico – o homem, ser psíquico – o homem, ser social); C) **O Homem E O Universo**, onde estão as categorias de tempo, espaço, lugar, relação entre pessoas e objetos, existência, qualidades e estados, números e quantidades.

O sistema sofreu algumas críticas, e foi revisto por alguns estudiosos. Importante foi a contribuição de Kurt Baldinger, discípulo de Wartburg, com sua Teoria Semântica da qual utilizamos algumas propostas como a da análise onomasiológica, do campo onomasiológico, das macro e micro-estruturas onomasiológicas. Sabemos, hoje, que ele não deve ser tomado como camisa de força, flexibilizando-o diante de cada situação analisada.

Para classificar o vocabulário de uma determinada língua pelo Sistema Racional de Conceitos, deve-se colocar sob o ponto de vista do falante (característica de análise onomasiológica) e, por associação, ir agrupando as designações da língua estudada em torno das categorias e/ou subcategorias propostas ou, quando for o caso, dentro de novas categorias — espaços abertos na classificação pela própria situação analisada.

Com base numa proposta, agruparam-se as sessenta e nove (69) palavras e/ou expressões das duas cantigas de *escarnho*, proposta dentro das categorias do sistema. Em alguns casos, criaram-se subcategorias e/ou categorias.

## 4.2 A descrição e algumas hipóteses

Das sessenta e nove palavras, nenhuma foi classificada como desig-

nação para a Categoria **Universo**, quarenta e oito foram classificadas na Categoria **Homem** (nove na subcategoria **homem, ser físico**, vinte e duas na subcategoria **homem, ser psíquico** e dezessete na subcategoria **homem, ser social**). Vinte e uma palavras foram classificadas como designativas para a categoria **O Homem E O Universo**. Classificamos todas as palavras, até as palavras gramaticais, conferindo-lhes designações de relação entre O homem e seu universo e inserindo-as no terceiro macroconjunto.

Esse quadro, pode demonstrar, numa primeira perspectiva de análise o seguinte:

1) **O Homem**, em sendo a categoria com maior número de ocorrências designativas (quarenta e oito em sessenta e nove), vai se constituindo o conceito mais importante do contexto analisado. O homem, não Deus, passa a ser a categoria mais importante no vocabulário dos trovadores galego-portugueses em suas expressões satíricas. Um homem - *o drudo, o corvo carnaçal, a dona, a mulher, o boroncinho que via, ou ouvia, fodía, faltava aos compromissos religiosos mui velido, ende gabo, podendo ser amaldiçoado*, mantivera amores proibidos;

2) O campo de designações de **O Homem, ser físico** está concentrado nos sentidos (*ver e ouvir*) e no sexo (*foder, ouvir sig, ouvir sobre si, acarón, en seu cabo, carnaçal*.) Já o campo de designações de **O homem, ser psíquico** está agrupado em torno de aptidão (*bon drudo*) esperteza (*mui velido*), dos sentimentos e/ou estados de alma – troça e escárnio – e da ênfase maior na dúvida, na hesitação do que na decisão, na ação resolvida, haja vista, principalmente, a força das locuções verbais - *ir por oír* (ir para ouvir), *querer sair de (casa), querer provar de s'ir*. E, por último, o campo de designações de **O homem, ser social**, está concentrado em torno do objeto mental “acasalamento” (*o drudo, o corvo*), em primeiro lugar, e depois, em torno da força das superstições e dos agouros, representação da desordem pagã que subjaz e se impõe, neste caso, à ordem cristã.

3) A relação de **O Homem** com o **Universo**, terceira macrocategoria conceitual, norteia-se pela circunstância de tempo e pela relação de reiteração. A circunstância de tempo realizada pelos vocábulos – *já, enton, ogano, polas oitavas de natal, des aquel dia, aquest'ano* – parecem querer demonstrar a idéia de momento, ou seja a emergência de uma mentalidade mais dinâmica do que a instaurada e/ou estudada até agora na Idade Média, ou ainda, o lado dinâmico dessa Idade Média conservadora. A relação de reiteração está marcada pela repetição da conjunção copulativa (que além de recurso expressivo desse tipo de composição) parece demonstrar a constância e a obviedade das ações (da *dona* e do *corvo carnaçal*) e da *mulher* e do seu *drudo*.

Assim, pode-se dizer, à guisa de conclusão que, em ambas as composições, o vocabulário devidamente classificado e analisado, sob a perspectiva do Sistema Racional de Conceitos, demonstra a inversão (subversão) dos conceitos tradicionais - "objeto do amor" (não mais a dona inatingível da doutrina do amor cortês) e "amor" (não mais o amor platônico, espiritual e idealizado). Instaure-se uma nova contextualidade e uma nova contextualidade a representa. Altera-se a valência de origem dos fenômenos.

### **Conclusão**

Espera-se, com este trabalho, ter registrado o estudo que se vem realizando nesta linha de pesquisa, bem como ter apontado, de forma um tanto quanto frágil ainda, um caminho para estudos posteriores na área.

## O campo lexical da traição, na versão em língua portuguesa do *Macbeth*, realizada por Arthur de Salles

Hilda Ferreira de Carvalho Amitay

UFBA

### Resumo

Observações lexicográficas sobre as correspondências inglês-português na tradução do mundo shakespeariano em *Macbeth* no trabalho de Arthur de Salles. Com a tradução literária e um estudo comparativo de lexicas na perspectiva de Eugenio Coseriu, procurou-se verificar se a tradução de *Macbeth* de Arthur de Salles corresponde à cosmovisão shakespeariana, isto é, se é uma adoção ou uma adaptação ao português do mundo shakespeariano. Como elementos de comparação usou-se o texto do Ato IV, cenas I e II, que pareceu o melhor para mostrar o campo lexical da traição. Chegou-se à conclusão de que o trabalho do poeta baiano Arthur de Salles é uma recriação literária do *Macbeth* de William Shakespeare.

Conta-se que o poeta Arthur de Salles, numa fase de profunda tristeza com a morte de um dos seus filhos, dedicou-se completamente à leitura da obra shakespeariana. Tal atitude, a princípio tomada como lenitivo para a dor da perda, foi pouco a pouco se transformando num deslumbramento crescente por aquele a quem chamavam de “O Rei dos Poetas”.

Foi nesta circunstância de sua vida que Arthur de Salles iniciou a tradução de *Macbeth*, trabalho que se prolongou por muitos anos. Por ser ele extremamente cuidadoso, sempre julgava insatisfatória a sua obra. Nessa época, vale ressaltar, ele morava na Vila de São Francisco, e, por vezes, pernoitava no Convento de Brotas, onde era professor de aprendizado agrícola. A sua profunda tristeza, que o fez isolar-se numa cela, deve ter influenciado bastante na retração da atmosfera dramática do autor inglês.

A qualidade de todos os seus trabalhos sempre foi motivo de suas preocupações. Nessa obra, o seu valor como tradutor é inevitavelmente enriquecido pela veia poética.

Neste trabalho, procuramos determinar as estruturas paradigmáticas primárias — do campo lexical da traição — nas cenas I e II do Ato IV da tradução do drama shakespeariano *Macbeth* por Arthur de Salles, para o que fizemos um levantamento de formas nominais e verbais das lexicas simples, compostas e complexas.<sup>1</sup>

Para E. Coseriu, a estrutura léxica é a configuração semântica do léxi-

---

1 Cf. Tabela 2

co, ou seja, das palavras lexemáticas. Considera ele as relações lexicais bastante complicadas e as estruturas imprecisas devido à subjetividade sempre presente na formação do léxico do indivíduo de uma mesma comunidade lingüística.<sup>2</sup>

Ao analisarmos as estruturas lexemáticas, nos deteremos nas chamadas estruturas paradigmáticas do léxico, ou seja, os campos lexicais ( a estrutura paradigmática por excelência).<sup>3</sup> Estes, segundo E. Coseriu, constam de um conjunto de lexemas unidos por um valor léxico comum (valor do campo) que esses lexemas subdividem em valores mais determinados, opondo-se entre si, por diferenças mínimas de conteúdo léxico (“traços distintivos lexemáticos” ou semas). Esses campos lexicais apresentam caracteres gerais, tais como: o fato de não se encontrarem necessariamente organizados “sem resíduos” nas suas subdivisões; a ocorrência freqüente de interferências entre os campos léxicos, uma vez que eles não representam uma só classe homogênea; o fato de os campos lexicais não serem campos de objetos, de não coincidirem com os campos conceituais, nem serem campos associativos. Assim, um campo lexical é definido por E. Coseriu, como: “um paradigma lexical que resulta da repartição de um conteúdo léxico contínuo entre diferentes unidades dadas na língua como palavras e que se opõem de maneira imediata umas às outras, por meio de traços distintivos mínimos”.<sup>4</sup>

Assinala ainda E. Coseriu que não se deve confundir as classes com os campos léxicos. Enquanto estes são um conteúdo léxico contínuo, esta condição não é obrigatória para aquelas. Um campo léxico pode pertencer em seu conjunto a uma classe e conter, deste modo, o classema correspondente (ou seja, um tipo de sema ou traço distintivo de ordem muito geral que funciona em uma série de campos). Este, por sua vez, também pode “atravessar” vários campos léxicos. Portanto, palavras de classes diferentes podem pertencer ao mesmo campo léxico e vice-versa, e, em contra-partida, os campos léxicos podem, como classes, manifestar-se por suas combinações léxicas; porém, no caso das classes, estas combinações podem também ser gramaticais.<sup>5</sup>

Verificamos, nesta tradução que ora examinamos, a presença de dois grandes campos lexicais, o da TRAIÇÃO e o do COMPORTAMENTO dela resultante. Desse modo, do campo lexical da TRAIÇÃO constam dois campos menores, o da TRAIÇÃO, propriamente dita e o do AGOURO. No primei-

2 Cf. COSERIU, Eugenio. *Princípios de semântica estrutural*. p. 90.

3 Cf. PEREIRA, Teresa Leal Gonçalves, TELLES, Célia Marques et alli. *O léxico da cultura popular em Sanguê-Mau: um poema regional de Arthur de Salles*. p. 3-4.

4 Cf. COSERIU, Eugenio. op.cit. p.136

5 Ib. ibid. p.147

ro, estão situadas lexias como *traidor*, *cair* (*caissem*), *desabar* (*desabassem*), *ruir* (*ruíssem*), *tombar* (*tombassem*), *mortal veneno* etc., enquanto o segundo consta de lexias como *três vezes o gato malhado miou*, *bruxas*, *maldito* etc.

Por sua vez, o campo lexical do COMPORTAMENTO humano, decorrente da TRAIÇÃO engloba campos menores ligados ao COMPORTAMENTO e aos SENTIMENTOS, aos quais, pertencem lexias como *ri do humano poder*, *fugir* (*foge*), *fuga*, *não quero ver mais*, *combater*, *poder desconhecido*, *poder ignoto*, *temor* etc.

Para melhor estruturarmos nosso trabalho, consideramos os campos lexicais em três níveis de extensão, indicados **a**, **b**, a partir daquele de maior amplitude.

Assim, do campo maior da TRAIÇÃO, constam a TRAIÇÃO e o AGOURO com os seguintes subcampos: TRAIÇÃO, DESTRUIÇÃO, HUMILHAÇÃO, PUNIÇÃO e VENENO do primeiro; e do segundo, AGOURO, BRUXARIA, MALDIÇÃO e PROFECIA.

Do outro campo maior, o do COMPORTAMENTO, fazem parte o COMPORTAMENTO e a VONTADE, SENTIMENTOS e SENSACIONES com os subcampos da CONTRADIÇÃO, SARCASMO, MENTIRA e FUGA e, ORDEM, VONTADE, PODER, VIOLÊNCIA, CRUELDADE, MEDO e PAVOR, respectivamente.

Para facilitar a comparação entre os lexemas do inglês e a respectiva forma de tradução portuguesa, elaboramos um quadro<sup>6</sup> onde eles serão arrolados na seguinte ordem: cena, o tipo de lexia e o verso onde está localizada em William Shakespeare e Arthur de Salles. No local da lexia, usamos a abreviatura, e, quando existe mais de uma indicação de versos, é porque a lexia aparece em igual número. Foram escolhidas lexias que estão dentro do campo lexical da traição e todos os sentimentos e maldades que a envolvem.

Foram examinadas 78 (setenta e oito) lexias do original inglês de William Shakespeare, ao lado da tradução de Arthur de Salles.

Para maior facilidade no cotejo, colocamo-las em paralelo. Observamos que nem sempre a lexia é simples, composta ou complexa no inglês e na referida tradução. Há maior coincidência nas lexias complexas. Vale ressaltar que a tradução de Arthur de Salles apresenta um número maior de lexias complexas, até em casos de lexias simples do original<sup>7</sup>. Reflete, pois, uma cuidadosa fidelidade ao vernáculo, possui uma bela sonorização vocabular, além de ser rica em versos alexandrinos.

---

6 Cf. tabela 1.

7 Cf. tabela 1.

A tradução do poeta baiano Arthur de Salles centralizará nosso interesse nesta análise. Das 78 (setenta e oito) lexias arroladas, encontramos 10 (12%) simples, 11 (14%) compostas e 57 (73%) complexas. A maior frequência de lexias complexas e compostas evidencia uma grande riqueza lexical na versão do citado poeta.

O estudo comparativo das lexias do campo lexical da TRAIÇÃO, nas cenas I e II do Ato IV entre *o Macbeth* shakespeariano e a tradução de Arthur de Salles evidenciou a complexidade dos problemas que envolve, especialmente o vocabulário e nos faz sobretudo sentir a enorme carência de aprofundamento nesta arte tão bela e necessária quanto perigosa.

Considerando como uma criação toda expressão do pensamento humano, sobretudo em termos estéticos que melhor se evidenciam no plano poético, além da riqueza lexical, laboriosidade vocabular e beleza sonora das palavras usadas na sua tradução, concluímos que Arthur de Salles realizou magistralmente uma recriação da obra em apreço.

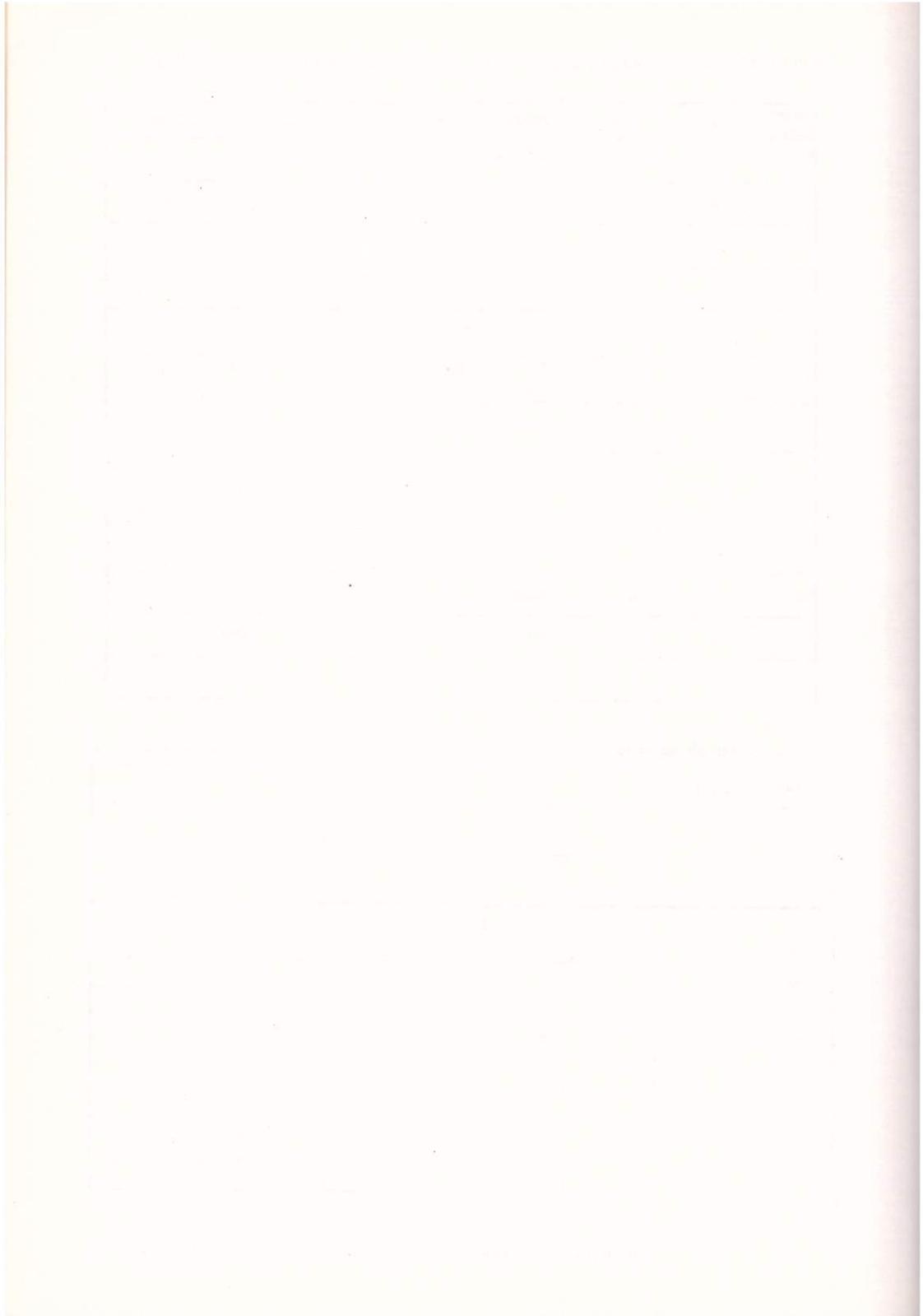
Não se pode, pois, falar apenas do tradutor Arthur de Salles, mas, com inegável justiça se deve exaltar o poeta e o escritor, cuja sensibilidade o faz exprimir, na mais completa genialidade, o universo sentimental do homem, na história do seu momento, que se estende até os nossos, e dos que hão-de- vir, fazendo-o portanto um dos mais valiosos clássicos da literatura contemporânea.

Tabela 1: Estudo comparativo das lexias entre o original inglês e a tradução portuguesa

Número de lexia	Ato	Cena	William Shakespeare	Tipo	Verso	Arthur de Salles
13	IV	I	murderer	s	66	assassino
14	IV	I	unknown power	cp	69	poder desconhecido
					64	poder ignoto
15	IV	I	fear	s	74	temor
51	IV	II	All is the fear and nothing is love	cx	11-12	O medo é tudo e nada é o amor
01	IV	I	Thrice the brinded cat mewed	cx	01	Três vezes o gato malhado miou.
03	IV	I	swelte'd venon	cp	08	mortal veneno
04	IV	I	Double, double tail and trouble Fire, burn, and cauldron, bubble	cx	10-11 19-20 35-36	Dobra trabalho, do bra canseira. Fogo flameja. Ferve caldeira
08	IV	I	blown down	s	55	caíssem
09	IV	I	topple	s	56	rúissem
10	IV	I	do slope	cp	57	tombassem
11	IV	I	Their heads to	cp	58	desabassem

Tabela 2: Exemplo de estruturação de campos lexicais com utilização de apenas algumas lexias

CAMPOS LEXICAIS		CLASSES LEXICAIS			
a	b	LEXIAS	SIMPLES	LEXIAS COMPOSTAS	LEXIAS COMPLEXAS
		formas nominais	formas verbais		
Comportamento/contradição e vontade	fuga	fugir (foge)	combater	poder desconhecido poder ignoto	Ri do humano poder Não quer ver mais
Sentimentos e sensações	temor				O medo é tudo e nada o amor
Traição Destruição, humilhação, punição e veneno	traidor	cair	desabar ruir tombar	mortal veneno	
Agouro Bruxaria, maldição e profecia	bruxas maldeto				Seja maldita sempre esta hora Três vezes o gato malhado miou. Ninguém nascido de mulher nenhum mal te fará



## Linguagem e travessia cultural: de Albion ao Lácio e vice-versa<sup>1</sup>

Luiz Angélico da Costa

UFBa

### Resumo

Esta comunicação não pretende (e nem poderia) ser mais do que uma introdução informal e tentativa ao estudo das transformações por que passaram e passam determinadas palavras da língua inglesa ao sofrer a influência de outras culturas de dentro e de fora do universo anglo-saxão, no tempo e/ou no espaço - particularmente aquelas de procedência do mundo românico. De passagem, haverá também referência a esse tipo de transformação quando o sentido é inverso. Em síntese, oferecemos tão somente um apanhado da trajetória divertida de alguns vocábulos muito usuais em sua passagem pela ponte cultural existente entre idiomas e/ou dialetos. Diríamos, enfim, que este artiguete mais não será do que uma homenagem despreziosa, ainda que extremamente cordial, ao Mestre dos estudos de Filologia Românica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Professor *Nilton Vasco da Gama* - em tão significativa data.

Preciso e devo começar em estilo *soft /softi/*, com pronúncia brasileira, semelhante à pronúncia do vocábulo no *Middle English*, que o recebeu do *Old English* ainda com duas sílabas, como tantos outros vocábulos da língua inglesa hoje são monossílabos — antes da queda do som vocálico final, como uma transformação sistemática no *Modern English*, por ocasião do fenômeno lingüístico conhecido como “The great vowel shift”. De passagem, recordamos também que os três grandes períodos de formação, transformação e consolidação da língua inglesa ocorrem, segundo Albert Baugh<sup>1</sup>, aproximadamente entre os anos da Era Cristã 450-1150 (*Old English*), 1150-1500 (*Middle English*) e 1500 até os dias de hoje (*Modern English*). Além das grandes mudanças fonológicas e ortográficas, é através desses períodos que ocorre também a redução e finalmente quase que a queda total das flexões gramaticais da língua inglesa — fato que tão bem caracteriza este idioma. A redução já começa a realizar-se no próprio *Old English*, por volta do século X, intensificando-se no *Middle English*, concretizando-se a perda definitiva no *Modern English*.

Antes de prosseguir com o sucinto relato de alguns pontos de história

---

1 BAUGH, Albert. *A History of the English Language*. New York: Appleton-century Crofts, Inc., 2nd edition, 1957.

da língua inglesa, sinto-me na obrigação de explicar, se não justificar, o título desta comunicação, o modo como me expressei no resumo da mesma e a minha própria presença entre os comunicadores de um Seminário de Filologia e Lingüística Românicas, sendo eu, como todos sabem, professor (e sempre estudante) de uma língua germânica. Portanto e para tanto, *data venia*, explico-me por partes.

Meu título — “Linguagem e travessia cultural: da ALBION ao LÁCIO e Vice-versa” — melhor dizendo, a segunda parte do meu título, a rigor, devia estar expressa de modo inverso: *do Lácio à Albion e vice-versa*, por razões evidentemente históricas. Coloquei-a, entretanto, da forma como o fiz, porque esta, na sua integração com a primeira parte — *Linguagem e travessia cultural* — é a que realmente pode traduzir a efetivamente modesta contribuição que pretendo trazer ao estudo do assunto com a presente comunicação. Em poucas e objetivas palavras: o que lhes vou dizer sobre a ação da latinidade na formação da língua-cultura britânica é mera repetição do que pesquisaram e registraram os doutos estudiosos da História da Língua Inglesa. A minha contribuição pessoal, em verdade, é tão somente (no presente estágio, pelo menos) um levantamento — antes impressionista do embasado em rigor metodológico de natureza deveras científica — das influências (e até ganhos) por que vem passando a língua portuguesa de expressão brasileira em seu relacionamento (às vezes inter-relacionamento) com a língua-cultura dos povos de língua inglesa — em especial, a dos Estados Unidos da América do Norte e a das chamadas Ilhas Britânicas. Como disse no resumo desta comunicação, ela “não pretende (e nem poderia) ser mais do que uma introdução informal e *tentativa* ao estudo das transformações por que passaram e passam determinadas palavras da língua inglesa ao sofrer a influência de outras culturas de dentro e de fora do universo anglo-saxão, no tempo e/ou no espaço — particularmente aquelas de procedência do mundo românico”. E acrescentei, então, que atenção semelhante seria dada a palavras que, procedentes da cultura anglo-saxônica, penetraram na cultura românica, sofrendo em conseqüência, o ônus e os ganhos da travessia cultural, sendo esta, repito, a contribuição mais pessoal que espero poder dar ao assunto.

No que tange ao modo como me expressei no resumo, faço duas observações: uma com referência ao vocábulo *tentativa*, usado como adjetivo, feminino, singular, na frase “uma introdução informal e tentativa”, a outra com referência ao termo “artiguete” — que confirmo haver usado em relação ao meu próprio trabalho não por falsa modéstia, mas pela consciência que tenho de tratar-se de uma primeira tomada do assunto, carente de uma maior necessária metodização. Ao falar de uma introdução “tentativa”,

evitei deliberadamente a expressão *experimental* e busquei propositadamente usar um termo que, em língua portuguesa, embora dicionarizado também como adjetivo, é mais freqüentemente usado como substantivo. Além disto, em ambas as categorias gramaticais, ainda que oriundas da mesma raiz latina, o *tentative* do inglês (adjetivo e substantivo) e o *tentativa* do português (substantivo), assim como suas flexões na categoria de adjetivo por certo não caminham *pari passu*, nem seguem as mesmas rotas: *tentative*, como adjetivo, é palavra do dia-a-dia no inglês, não se podendo dizer o mesmo do seu emprego como substantivo; em português inverte-se a situação. E assim continuam, em rotas diferentes. Não é o caso, entretanto, do verbo *to gratify* e sua forma *ing* com função adjetiva *gratifying* as quais recentemente invadiram o português nas formas *gratificar* e *gratificante*, no sentido de *to give pleasure or satisfaction*, a partir da forma latina *gratificare*, *gratificari*, através do francês *gratifier*. Curiosamente, entretanto, a forma *gratificante*, hoje em amplo uso em nossa língua, parece apontar mais na direção de *recompensador*, isto é, 'aquilo que recompensa', sentido em que o verbo *to gratify*, como sinônimo de *to reward* (recompensar/gratificar) é hoje arcaico.

Concluindo estas justificativas preliminares, reafirmo, como o fiz no resumo, "que este artiguete mais não será do que uma homenagem despreziosa, ainda que extremamente cordial, ao Mestre dos estudos de Filologia Românica do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Professor Dr. Nilton Vasco da Gama" — por ocasião da passagem dos seus jubilosos e elusivos setenta anos. Explico que o adjetivo *elusivos* é de minha exclusiva responsabilidade e que o fui buscar no *elusive* do inglês, derivado do verbo *to elude*, significando no caso, "to escape the notice or understanding of"<sup>2</sup>. Explico também, citando uma autoridade de plantão, que Aurélio registra *eludir*, definido como 'evitar com destreza' — numa evidente tradução literal da primeira *entrada* (*entry* no inglês) do meu prestimoso Funk & Wagnalls *Standard Dictionary*, que assim registra o nº 1 do verbete em questão: "to avoid or escape from by dexterity or artifice"<sup>3</sup>.

Assim sendo, como devem notar, retomo o fio desta *arenga*, que em português significa discurso fastidioso, enquanto no inglês *harangue* é "a vehement appeal to passion", segundo Funk Wagnalls<sup>4</sup>, *a long, blustering, noisy, or "a scolding speech"*, segundo Webster<sup>5</sup>; em uma: um discurso

2 FUNK & WAGNALLS. *Standard Dictionary of the English Language*, International Edition, v. 1. New York: Funk & Wagnalls, 1970.

3 Loc. cit.

4 Op. cit.

5 WEBSTER'S. *New World Dictionary of American English*. Third College Edition. New York: Simon & Schuster, 1988.

inflamado, que acima de tudo procura vencer as resistências da platéia, procura convencer a todo custo (segundo nossa interpretação). E como já devem ter notado também, tento retomar o estilo *soft* anunciado de início — usando *soft* aqui sem as conotações e segundas intenções de conhecida figura da cena política brasileira nestes últimos seis anos. E assim retomo aqueles pontos de história da língua inglesa indispensáveis à colocação do meu tema.

Sabe-se que, cerca de mil anos antes do nascimento de Cristo, os ancestrais lingüísticos do idioma inglês não passavam de selvagens, errantes pelas florestas setentrionais da Europa, falando uma língua que era parte do ramo germânico da família de línguas indo-européias, melhor dizendo, um dialeto do *Low German* (baixo alemão), ou, na realidade, diversos e diferentes dialetos, conforme suas diferentes tribos: anglos, saxões e jutas, que terminaram por ser denominados de anglos-saxões. Não se pode esquecer, todavia, que o celta foi a primeira língua indo-européia a ser falada na Inglaterra, sendo falada até hoje (obviamente de forma bastante diversificada) por um considerável número de pessoas. Os anglo-saxões, entretanto, que, em sentido literal e em sentido figurado, viviam à margem do Império Romano, começaram a tomar seus primeiros empréstimos lingüísticos ao Latim, na forma de palavras de uso cotidiano, como *kettle*, *wine*, *cheese*, *butter*, *cheap*, *gem*, *bishop*, *church*, com as quais começavam a provar o gosto da civilização.

Os romanos começaram o seu domínio na Bretanha no ano 43 da Era Cristã, após haverem subjugado os celtas que então lá viviam. A influência romana nesse período, nada obstante, não chegou a ultrapassar concretamente a periferia das Ilhas Britânicas. Na Escócia, no País de Gales e na Irlanda, os celtas permaneciam livres e selvagens e ocasionalmente faziam incursões contra os romanos na Inglaterra. Do período da ocupação romana diz-se não haver ficado mais do que cinco a quinze palavras na língua inglesa, segundo diferentes autores, sendo *port* (*porto*, em português) de feição claramente latina, e *street*, também proveniente do latim *strata*, via, via, dois sugestivos exemplos. Outras palavras, entre aquelas quinze, seriam antes empréstimos tomados diretamente a dialetos então falados no continente europeu. O sufixo *ester*, todavia, que aparece em nomes geográficos como *Manchester*, refere-se de fato a locais de acampamentos romanos. Pode-se afirmar, portanto, que a maior influência da língua latina sobre o *Old English* decorre da chegada do Cristianismo à Bretanha no ano 597. Deste período, palavras como *altar*, *angel*, *chalice*, *disciple*, *epistle*, *hymn*, *martyr*, *psalm*, *temple* e outras encontram um caminho natural de entrada no inglês, o mesmo ocorrendo com palavras ligadas à educação e altos estudos, tais como *school*, *master*, *verse*, *meter* e *grammar*, esta última já no período do *Middle*

*English*, vinda do latim *grammatica*, por sua vez proveniente do grego, através do francês antigo *gramaire* (com apenas um *m*), com o significado inicial de *arte*, e, precisamente no período medieval, a idéia de todo conhecimento conforme registrado no latim<sup>6</sup>. Como se pode depreender da maioria dos exemplos citados, aquelas palavras, em quase sua totalidade, são consequência da institucionalização da Igreja de Cristo. Haja vista, a esse respeito, o aparecimento de outras palavras, como *creed*, *sabbath*, *demon* e *antichrist*. A palavra *Easter*, todavia, é uma palavra teutônica, tirada de um festival pagão, em honra de *Eos* /i:as/*Eostr*a, no inglês, correspondente à deusa da madrugada, na mitologia grega, que era filha de Hyperion e se identifica com a deusa romana *Aurora*.

Voltando à Roma Imperial, lembremos que o ano 410 da Era Cristã marca o fim do domínio romano na Inglaterra, ficando os celtas de posse da Bretanha, embora indefesos contra o sempre iminente ataque dos anglo-saxões. Por volta do ano 550, estes estabelecem em definitivo nas Ilhas Britânicas. No ano 886, são os nórdicos que desembarcam um exército na costa oriental da Inglaterra. Precisamente dois séculos mais tarde, no histórico e decisivo ano de 1066, ocorre a Invasão Normanda, liderada pelo Duke William, famoso entre nós como Guilherme o Conquistador, que então, durante longo tempo, a Inglaterra é governada por reis cuja primeira língua era o francês. O inglês, entretanto, permanece como língua do povo inculto, enquanto o francês era falado na corte, e o latim, pelo clero. A língua do povo passa então a sofrer profundas transformações, principalmente no vocabulário, que permanece inglês. As palavras de alta frequência, como pronomes, preposições, conjunções, verbos auxiliares, continuam sendo palavras nativas do inglês. O *Middle English* é ainda uma língua germânica, mas já difere substancialmente do *Old English*.

Entre 1400 (*Middle English*) e 1600 (já no período inicial do *Modern English*), ocorrem transformações fonológicas que tornam o inglês de Shakespeare (1564-1616) marcadamente diferente do inglês de Chaucer (1345, provavelmente -1440). Uma palavra muito usual, como **name**, por exemplo, que era dissilábica no inglês de Chaucer, passa a ser monossilábica no inglês de Shakespeare, além de ter o som vocálico original (semelhante ao da vogal que se encontra na palavra *father*) mudado para o ditongo /ei/, que persiste até hoje. Mudanças também ocorrem entre o período inicial do inglês moderno e o inglês atual. Do ponto de vista fonológico, por exemplo, consideremos que os atores shak-espearianos de hoje provavelmente não

---

6 *The Shorter Oxford English Dictionary on Historical Principles*, 2 v., 3. ed. v. 1 London: Oxford University Press, 1964.

seriam facilmente entendidos no tempo de Shakespeare, sendo a recíproca verdadeira. Do ponto de vista semântico, um exemplo eloqüente dessas transformações mais recentes está na história da palavra **sport**, que o inglês tomou de empréstimo do francês *disport*, cujo significado original indica **uma mudança voluntária de direção dos afazeres habituais de alguém**. Por aférese, (*disport* em português, *desporto*) torna-se o inglês *sport* (em português, *esporte*), palavra de grande variação semântica no inglês, a qual, no sentido do exercício de atividades lúdicas e competitivas, foi retomada de empréstimo pelo próprio francês e difundiu-se pela maioria das línguas europeias. Para exemplificar a riqueza de variações semânticas supramencionada, lembro o emprego do termo com intenção afetiva e como vocativo no inglês (*hi, sport!*) e sua função na expressão portuguesa “espírito esportivo”.

A partir do século XV, os empréstimos tomados pela língua inglesa, já muito próximo do seu período moderno, são antes de natureza literária e direcionados em grande parte para a linguagem escrita: *harangue, prestige, trait. Ballet, brunette, canteen, champagne* têm também grande trânsito na linguagem oral, todos geralmente com uma pequena adaptação ao sistema fônico do inglês. Do século XIX aportaram no inglês palavras como *chauffeur* (hoje praticamente descartada da linguagem cotidiana, do mesmo modo que a forma portuguesa *chofer*), *chaperone, rouge, automobile* (também um tanto esquecida, como *automóvel*, em português). Ainda do francês, persistem algumas expressões, impressas em itálico, usadas com pronúncia supostamente francesa, como: *par excellence, belles-lettres, comme il faut* e o *il va sans dire*, muitas vezes substituído pelo descolorido e desajeitado *it goes without saying*. Mas é sem dúvida no campo da culinária que o idioma inglês mais claro demonstra sua dependência da cultura gaulesa. A esse respeito, os franceses continuam reinando supremos e insubstituíveis desde sua chegada à Bretanha inculta do século XI. O chamado “Old French” trouxe para o *Old English*, em sua passagem para o *Middle English*, palavras que ainda hoje são indeslocáveis da língua mais falada do mundo: *dinner, supper, oyster, venison, beef, veal, mutton, pork, gravy, biscuit, cream, salad, pastry, jelly, roast, boil, stew, fruit, cherry, grape* etc.

Por outro lado, em outras manifestações culturais, palavras de origem anglo-saxônica resistiram à substituição por palavras de origem românica, permanecendo ombro a ombro com estas, se bem que geralmente com denotações e conotações diversas. É o caso de *doom* e *judgment, hearty* e *cordial, smell* e *odour, wish* e *desire, freedom* e *liberty*.

Um caso compreensível mas curioso de predominância da cultura germânica está nos nomes dos dias da semana no inglês, todos construídos com palavras nativas do *Old English*, embora sejam todos traduções literais

de expressões românicas correspondentes na mitologia românica. Esta e outras razões levaram o antigo e renomado professor de Filologia Românica da Universidade de Colúmbia, Mário Pei, autor de duas obras fundamentais, *The Story of Language* e *The Story of English*, a considerar o inglês uma língua "meio-românica". São suas palavras exatas no segundo dos livros supramencionados:

*Structurally, English is Germanic, but when it comes to vocabulary, English, thanks to its disguised and naturalized French words, may be half-Romance.*<sup>7</sup>

Os empréstimos tomados das línguas clássicas (latim e grego constituem provavelmente a maioria absoluta de todas as palavras da língua inglesa, ainda que, dessa maioria, um número bem menor seja de palavras de uso diário; as outras fazem parte de um jargão profissional, conforme se pode dizer de palavras como *alibi, bonus, exit, extra, item, omni(bus), propaganda, agenda, deficits, quorum, veto*.

Nos dias contemporâneos, o inglês, principalmente o falado nos Estados Unidos, segue tomando e fazendo empréstimos, inclusive de natureza intralingual. Uma palavra como o substantivo e verbo *curse* (maldição, amaldiçoar) oriundo do *Old English*, que a tomou do *Old Irish* (atestando assim a permanência céltica na cultura do mundo anglo-saxão) transforma-se na linguagem coloquial em *cuss*, na expressão denotativa *cuss words*, que equivale em nossa língua a *xingamentos, palavras pornográficas*.

Como afirmei acima, a travessia continua nos dois sentidos, entre o inglês e diversas línguas do mundo, nelas incluída a nossa, mormente como falada no Brasil.

Nos últimos tempos, palavras e expressões como *blitz* (do alemão *Blitzkrieg*, na Segunda Grande Guerra), *Fifth Column* (aplicada aos simpatizantes de Franco na Guerra Civil Espanhola, 1936), *blackout* (que herdamos da guerra de 1938-1945), *LYNCH law* (por causa do capt. W. Lynch, membro de um comitê de vigilância adepto de execução sumária) e outras expressões que tais saíram do inglês para outros idiomas contemporâneos.

No caso da nossa *língua brasileira*, como já querem alguns, temos recebido inúmeros empréstimos ao longo do século: de vocábulos que nos lembram o indesejável, como *gangster*, até outros vários que nos trazem lembranças e aproximações culturais agradáveis e úteis como: *cocktail*, (não

---

7 PEI, Mario. *The Story of English*. Philadelphia and New York: J.B. Lippincott Company, 1952.

se podendo dizer o mesmo de *Molotov cocktail*, *show*, *showbiz* (de *show business*), *long-playing*, *CD* (de *compact disk*), *tape-recording*, *baby-sitter*, *vip* (de *very important people*) *convenience store* (que nos legou a incrível “loja de conveniências”) *cheese salad*, *hotdog* e muitos outros — do já velhinho mas sempre resistente *hotdog* (quer em sua forma original, com sotaque à brasileira, quer no delicioso vernáculo *cachorro-quente*) até o ainda novato *cheese salad* (equivocadamente grafado à brasileira *X-Salad* ou *Xis-salad* com a indefectível pronúncia de uma vogal neutra após a consoante final). Por outro lado, já exportamos *jaguar*, *petunia*, *tapioca* e até não só o famoso termo, mas também o artefato cultural conhecido como *jeitinho brasileiro* — embora certas expressões sejam de trânsito limitado, especialmente num país continental semelhante ao nosso como são os Estados Unidos.

Para concluir, reafirmo o meu posicionamento inicial, constatando e confessando, inclusive, que aqui devia iniciar-se o meu trabalho propriamente dito. Até esse ponto, fiz tão somente um preâmbulo (ainda que inegavelmente indispensável) para o devido tratamento do assunto. E como já atingi o tempo de que posso dispor para esta comunicação, despeço-me agradecido por me haverem proporcionado a oportunidade de dar início a este trabalho, e o faço, com um dos termos de maior fortuna semântica da língua inglesa — o adjetivo *nice*, também entrado no inglês pela porta do francês antigo antigo, significando ‘estúpido’, por causa do latim *nescius*, de *ne* (não) + *scire* (saber), significando ‘aquele que ignora’. E afinal, já que esta palavra *nice* do inglês já passou por inúmeros e insuspeitáveis significados através dos séculos, creio ter dos senhores a devida permissão para despedir-me, como dizem por aí, numa *naice* (i.e., *numa boa*), já pensando na *big* (leia-se *bigue*) feijoada ou no *big* sarapatel deste *weekend*. Desculpem o estilo *soft* e muito obrigado.

# O vocábulo “azulejo”: sua origem e evolução em algumas línguas neolatinas

Samantha de Moura Maranhão

UFBa

## Resumo

O presente trabalho objetiva explicar o porquê de *azulejo* ter recebido esta denominação - mais precisamente, se realmente a deve à *cor azul*, em que é muito freqüentemente confeccionado na história da azulejaria. Para que isso fosse possível, fez-se necessária uma investigação sobre a própria origem da palavra *azul*: a sua chegada à Europa, a(s) via(s) por que o fez e como se deu a sua evolução e propagação nas línguas neolatinas. A este estudo seguiram-se, enfim, a investigação — origem, evolução fonética e semântica do vocábulo *azulejo*. Acompanhar o trajeto dos vocábulos *azul* e *azulejo* ilustra a contribuição árabe na formação do léxico das línguas neolatinas, além de chamar a nossa atenção para a evolução do significado dos vocábulos no decorrer do tempo, que, na maioria das vezes, passa despercebida e cuja (re)descoberta pode ser-nos tão prazerosa quanto instrutiva.

## 1 Introdução

O presente trabalho objetiva explicar o porquê de *azulejo* ter recebido esta denominação — mais precisamente se realmente a deve à cor azul, em que é muito freqüentemente confeccionado na história da azulejaria.

Para que isto fosse possível, fez-se necessária uma investigação sobre a própria origem da palavra *azul*, a sua chegada à Europa, a(s) via(s) por que o fez e como se deu a sua evolução e propagação nas línguas neolatinas.

A este estudo seguiram-se, enfim, a investigação — origem, evolução fonética e semântica — do vocábulo *azulejo*.

Acompanhar o trajeto dos vocábulos *azul* e *azulejo* ilustra a contribuição árabe na formação do léxico das línguas neolatinas, além de chamar a nossa atenção para a evolução do significado dos vocábulos no decorrer do tempo - que, na maioria das vezes, passa despercebida e cuja (re)descoberta pode ser-nos tão prazerosa quanto instrutiva.

## 2 Azul, o vocábulo

A palavra *azul*, que tem a sua origem no vocábulo persa que chegou à Europa por intermédio dos árabes, se originou do nome de umas minas do Turquestão ricas em lápis-lazúli (< do latim *lapis*, -*idis* ‘pedra’ e do persa *lazward* ‘azul’), pedra de azul muito intenso com manchas de ouro cuja cor

se deve à presença de enxofre e cujos melhores exemplares são encontrados na Ásia Central, sobretudo no Afeganistão. Assim foi descrita no século XIV (?): “*Todo o campo era cuberto per cima de hũu muy rico pano de sirgo, de hũa collar de muy fino azur, cõ estrellas de ouro...*” (*Corte Imperial*, p. 05, ed. 1910 apud Machado).

Como o latim vulgar não possuísse um vocábulo específico para definir a cor azul<sup>1</sup>, as línguas neolatinas se viram obrigadas a importar um, que se relacionou primeiramente à tintura e ao comércio de tecidos. Daí termos: português *azul*, espanhol *azul*, catalão *atzur*, occitano *azur*, francês *azur* e italiano *azzurro* (REW 4959).

Os vocábulos neolatinos vêm do árabe vulgar \**lazûrd*, variante do árabe *lazawárd*, que significava *lâpis-lazúli* e que, por sua vez, tem sua origem no persa *lazward*.

Em espanhol, o termo *azul* e a variante *azur* aparecem em textos como nome de substância colorante já no século XIII e só aparecem como adjetivo de cor dois séculos depois (i.e., no século XV). No século XIV, encontram-se registrados, com o mesmo valor de adjetivo e caráter popular que tem em espanhol, a forma portuguesa *azul* e a italiana *azzurro*. Já o vocábulo francês *azur* (séc. XII), o occitano *azur* (meados do séc. XII) e o catalão *atzur* (séc. XIV) se vêem preteridos pela forma correspondente de origem germânica (do frâncico *blaw*) e o seu uso restringe-se à heráldica e à designação de um matiz azulado (REW 1153).

Nesta evolução específica do árabe vulgar para as línguas neolatinas, ocorreu uma exceção, pois, via de regra, os arabismos da Península Ibérica mantêm a sílaba *al-* que inicia a maioria dos substantivos de origem árabe — a qual nada mais é do que a aglutinação do artigo definido e que pode reduzir-se a *a-* pela assimilação do *-l* à consoante dental seguinte — ao passo que os arabismos italianos e franceses não conservam o artigo (e.g.: português *açúcar*, espanhol *azúcar*, mas italiano *zucchero* e francês *sucre*; português e espanhol *arroz*, mas italiano *riso* e francês *riz*). No caso de *azul* todas as línguas mantêm o artigo determinado.

O fato de *-u-* ter-se assim mantido — e não ter evoluído para *-o-*, como deveria acontecer, dada a sua posição átona — se justifica pela época arcaica da sua introdução ou pela sua pronúncia culta ao transmitir-se primeiro como nome de um mineral.

O fato das formas ibéricas e da italiana serem mais populares e das

1 Embora existissem vocábulos para as cores azul e verde, fazia-se uso muito maior de *glaucus*, *-a*, *-um*, adjetivo de cor que se refere simultaneamente a ‘esverdeado’, ‘verde desmaiado’ ou ‘cor verde-mar’ e a ‘azul desmaiado’ ou a ‘acinzentado’.

demais restringirem o seu emprego nos leva a crer que a Península Ibérica tenha sido a via de entrada do vocábulo árabe na Europa - ao mesmo tempo ou não que a Itália Meridional (cf. Corominas). Entretanto, há uma opinião contrária, a qual credita ao francês e ao latim medieval a sua propagação pelas regiões continentais de língua neolatina (cf. Neuvonen, Castro e Sainéan em Sources indig. II, 408). Há ainda quem dê o percurso persa-árabe-italiano-provençal-português para justificar a presença deste vocábulo na língua portuguesa (cf. Machado).

Das três hipóteses, a primeira nos parece a mais viável, uma vez que os árabes estiveram em maior número e por mais tempo na Península Ibérica, misturando-se de tal forma à população nativa que efetivamente formaram-se grupos lingüísticos distintos, resultantes da fusão dos dois idiomas — o árabe e o latim hispânico — isto é, a *aljamia*, falada pelos árabes, e o *moçárabe*, falado pelos nativos.

### 3 Azulejo: o vocábulo

#### 3.1 Evolução fonética

O vocábulo *azulejo*, que designa um ladrilho fino e colorido, é comum ao espanhol e ao português, tendo ainda cognatos no hispano-árabe (*zulláig*) e nos dialetos magrebes<sup>2</sup>.

Na Península Ibérica, aparecem registradas em textos, já no século XIII, a forma magrebe *zuláig* (ou *zulláig*) e uma sua derivada *zulaigî*. Em português antigo encontram-se as formas *azurecho* e *azorecho* (século XV) e, a posteriori, tem-se *azulejo*.

Ao contrário de *azul*, que ao menos foi lexicalizada (mesmo não sendo a forma popularmente preferida na maioria das línguas neolatinas — e isso em detrimento de outra forma de origem germânica — pois apenas o português e o espanhol mantiveram *azul*, em oposição ao francês *bleu*, ao occitano e ao catalão *blau* e ao italiano *blu*); a forma *azulejo* sequer penetrou nestes territórios: catalão *rajola*, francês *faïence*<sup>3</sup> (embora exista *azulejo* como empréstimo do espanhol) e italiano *piastrella*<sup>4</sup>.

2 Magrebe é o adjetivo que diz respeito ao Magreb, região do N.O. da África, a leste da Serra do Atlas. Vem da forma árabe "**Maghreb**" que significa "poente".

3 O termo francês para azulejo - *faïence* - vem de uma técnica de produção de azulejos desenvolvida na cidade italiana de Faenza e que resulta em objetos de barro poroso, vidrados ou decorados.

4 O vocábulo italiano *piastrella* é o diminutivo de *piástra*. *Piástra madreporica* é uma lâmina ou *chaca* calcárea perfurada por inúmeros canais que permitem a passagem da água do ambiente externo.

São múltiplas as opiniões sobre a etimologia de *azulejo*, vejamos algumas delas:

a) Diminutivo do castelhano *azul*:

O vocábulo, referindo-se à cor mais comum em que eram feitos os azulejos, teria nascido em *Castilla la Vieja* e dali se estendido em direção ao sul, onde, adaptando-se ao vocalismo *u - ai* do diminutivo árabe, seria assimilado pelo árabe do sul da Espanha e do Norte da África. Daí passaria ao português, explicando, assim, a existência do *-r*, inviável se fosse um empréstimo direto do castelhano.

Esta hipótese é corroborada pelo fato de o sufixo *-ejo* ser uma evolução (*-ejo < -iculum*) típica do castelhano e não do português nem do moçárabe.

b) Diminutivo do árabe *zúlug*:

Há a possibilidade de originar-se do árabe *zúlug*, que significa *pedras lisas* e cuja raiz *z-l-g* tem sentido de *deslizar, resvalar*.

Esta etimologia é bastante difundida e defendida por vários historiadores da arte, segundo os quais, mesmo sendo o azul a cor predominante na azulejaria, não o seria a tal ponto de motivar o signo *azulejo* para o referente ao qual corresponde.

c) Origem do vocábulo greco-latino *asaroticus*:

É muito pouco provável que seja este o seu étimo, dada a impossibilidade do seu desenvolvimento fonético chegar à forma em questão.

d) Origem no moçárabe:

Há ainda a possibilidade de *azulejo* vir do moçárabe, sendo a evolução *l > j* genuína em alguns dos seus dialetos e não havendo exemplos seguros da existência de *j* em castelhano antes do século XI (Alonso, RFH VIII e M.P., Oríg. ap. Corominas).

Esta hipótese também nos parece refutável, uma vez que pouca importância tem a existência ou não do *j* em castelhano antes do século XI, se considerarmos *azulejo* um vocábulo derivado de *azul* e este só aparecer registrado no século XIII. Isto é, quando surgisse *azulejo*, o fonema em questão já existiria também.

Corroborando a idéia de um étimo árabe, além do semantema *azul*, de origem já comprovada, há de se levar em conta o fato de os árabes serem exímios arquitetos e de suas construções serem conhecidas pelo seu esplendor, conforto e luxo - as quais contrastavam de maneira gritante com as habitações da Europa Ocidental do início da baixa Idade Média.

Com efeito, vários são os vocábulos referentes à arquitetura que os

árabes nos legaram, como, e.g., o próprio termo *arquitecto* (< *al- 'aríf*), *saguão* (< *satwân*), *alcova* (< *al;- qubba*) (cf. Entwistle) e objetos como *almofada* (< *al- muhadda*), *jarra* (< *g'arra*) e *taça* (< *tassa*) (cf. REW 5721,3944,8594, respectivamente).

Note-se ainda que o termo catalão para *azulejo* vem também ele do árabe: *rajola*.

### 3.2 Evolução semântica

Que os vocábulos podem ter o seu significado alterado no decorrer do tempo é um fato ao qual, apesar de inquestionável, não se costuma dar a merecida importância.

Levantar e enumerar as causas que levam à evolução do significado dos vocábulos não nos cabe aqui. Vamos, portanto, restringir-nos apenas a verificar algumas delas, na medida em que acompanhamos a trajetória do vocábulo persa para pedra *lâpis-lazúli*, que passou a designar a própria cor *azul* e de *azul* para, enfim, *azulejo*.

O vocábulo *lazurd*, que em árabe vulgar significava a 'cor azul', teve a sua origem, como já vimos, no vocábulo da língua árabe "clássica" referente à pedra *lâpis-lazúli*, cuja coloração é, efetivamente, azul: *lazawárd*. Assim sendo, temos a característica de um objeto ou, mais precisamente, o nome de uma característica sua (no caso, a cor), motivando, por associação lógica, a sua própria denominação — e mais — a expansão do seu nome a outros objetos que também a possuam como característica.

pedra  
lâpis-lazúli  
(do persa *lazward* = *azul*)  
característica:  
cor azul  
nome do objeto:  
(em árabe clássico)  
*lazawárd*  
(refere-se apenas ao mineral)  
nome da cor azul:  
(em árabe vulgar)  
*lazurd*  
(corruptela de *lazawárd*)  
(refere-se à cor, independente do objeto)

Devem ser observadas aí as causas lógica (denominação do objeto pela sua cor, por associação) e social (emprego inicialmente restrito a um pequeno número de pessoas cultas - geralmente alquimistas - posteriormente alargado para todos os falantes da língua árabe), fortes concorrentes para a evolução do significado dos vocábulos.

Vale ressaltar ainda que os dois étimos usualmente propostos para azulejo — seja o vocábulo árabe para a cor azul (i.e., *lazawárd*) ou para pedra lisa escorregadia (*zúlug*) — fazem referência em primeiro lugar à pedra semipreciosa *lápís-lazúli* para só posteriormente significar a sua cor. Apenas o vocábulo persa *lazward* se referia à cor, modificando o nome pedra para juntos formarem o sintagma que denominaria o objeto em questão: a pedra (*lapis, -idís*) azul (*lazward*).

Assim sendo, mesmo que o étimo para azulejo signifique 'pedra lisa, escorregadia' (porque a pedra é realmente lisa e escorregadia), ele teria, indiretamente, uma relação com a cor azul, pois, no início, ao nomear uma pedra cuja principal característica é, de fato, a sua cor, também a ela se referiu.

Os que crêem que azulejo esteja diretamente relacionado à cor azul partem do fato de que ela tenha predominado na azulejaria. Como os azulejos portugueses e, conseqüentemente, os que adornam nossos prédios (sobretudo os do período colonial), são - de fato - quase que exclusivamente em tons azuis, não se pode recriminá-los pela associação naturalmente feita. Os fatos justificariam, por si sós, o nome do objeto.

O esvaziamento do significado inicial das palavras geralmente ocorre quando a elas atribuímos uma nova significação. Ao enfatizar a textura da pedra (lisa e escorregadia), *zúlug* teria perdido a sua referência à cor azul.

É justamente aproveitando o esvaziamento do significado das palavras que se processam trocadilhos como aquele em que *azul* de *azulejo* se vê trocado pelo nome de várias outras cores: *amarelejo*, *verdelejo*, *marronejo* etc., troca feita para indicar, simplesmente, que uma determinada casa de materiais para construção possuía azulejos nas mais variadas cores — e não apenas em azul, como poderia sugerir a forma *azulejo*.

É, às vezes, apenas nestas horas que se observa a existência de uma significação prévia (ou secundária) dos vocábulos. Daí a surpresa, o prazer proporcionado pelo trocadilho - que faz com que a mensagem elaborada não seja apenas mais uma dentre as inúmeras que bombardeiam os falantes-ouvintes a todo momento e que o objetivo da propaganda seja atingido: a loja que vende *verdelejos* e todos os demais — *lejos* de que se possa precisar será, sem dúvida, esquecida com maior dificuldade do que as outras.

#### 4 Conclusão

Não nos restam dúvidas de que as palavras *azul* e *azulejo*, bem como a arte da azulejaria, nos tenham sido legadas pelos árabes, no período em que estiveram na Península Ibérica.

Embora ainda não se tenha precisado com segurança o significado do qual se deriva a atual forma *azulejo*, é o seu significado que oferece maiores dificuldades de elucidação. Há duas “versões” igualmente difundidas, segundo as quais o étimo de *azulejo* significa o diminutivo de *azul* ou *pedras lisas*.

Favorece a segunda versão o fato de o *azul* não ter sido a única cor empregada na confecção dos azulejos desde que estes surgiram. Até por-que era mais fácil a obtenção de tons terrosos através do emprego de terras coloridas ou de argilas de tonalidades distintas e o uso de metais, para a obtenção de outras cores (como o azul e o verde), só ter-se dado a *posteriori* (com os almorávidas que, já no século X, obtinham o roxo do mangans, o azul do cobalto e o verde do cobre).

Entretanto, mesmo que se tenha originado de *ziling* e que signifique ‘pedras lisas’, *azulejo* ainda assim teria uma origem remota no vocábulo — persa para *azul*, pois *ziling* se referiu primeiramente à pedra *lapis-lazuli* — cujo nome, motivado pela sua própria cor, passou a designar o *azul*. Assim, *azul* (ou, mais precisamente, a pedra *lisa* e *azul* denominada *lapis-lazuli*) seria uma origem indireta de *azulejo*.

A concomitância do aparecimento das formas *azul* e *azulejo* (século XIII na Espanha) não invalida a possibilidade desta forma efetivamente derivar daquela, uma vez que o registro escrito dos vocábulos se dá geralmente após longo período do seu emprego oral. Além disso, é natural que, surgida uma forma, derivadas dela imediatamente se produzam com a aplicação dos morfemas derivacionais e flexionais da língua em questão.

The first part of the paper discusses the importance of the study and the objectives of the research.

The second part of the paper describes the methodology used in the study and the data collection process.

The third part of the paper presents the results of the study and discusses the findings in detail.

The fourth part of the paper discusses the implications of the study and provides conclusions.

The fifth part of the paper provides a summary of the study and highlights the key points.

## O vocabulário de astronomia náutica em um Livro de Marinharia quinhentista

Teresa Leal Gonçalves Pereira

UFBa

### Resumo

Valores semânticos, morfológicos e fônicos característicos do vocabulário da técnica de navegar baseada em observações astronômicas (Astronomia de posição), no códice 44.340 (Ms. portugueses 40) da Bibliothèque Nationale de Paris.

Na época dos descobrimentos marítimos portugueses, a astronomia náutica prestou uma contribuição capital, para que os navegantes desempenhassem a sua tarefa com sucesso.

Ao se lançarem através do Oceano, e não mais percorrerem a costa, eles só podiam orientar-se através dos astros e com o auxílio de instrumentos que lhes fornecessem as coordenadas para a sua localização no mar e o rumo ou caminho que deviam seguir.

Foram os portugueses que primeiro descobriram as estrelas do Polo Antártico e que introduziram o cálculo das latitudes pela altura do sol.

As conquistas científicas e técnicas no campo da arte de navegar foram, em Portugal, superiores ao que estava sendo desenvolvido nesse âmbito pelos espanhóis.

Muito contribuíram para o seu sucesso o saber e a atividade laboriosa dos matemáticos e astrônomos árabes (que já praticavam essa arte desde o século XI) e judeus, dentre os quais Abraão Zacuto, professor em Salamanca, José Vizinho e o seu colaborador, mestre Moisés.

O *Tratado da Esfera* de Francisco Faleiro, piloto português, e o *Regimento do Astrolábio*, reproduzidos nos *Guias náuticos* e, mais tarde, nos *Livros de marinharia*, são o ponto de partida para uma série de publicações, tais como o *Esmeraldo de situ orbis*, e as obras de Pedro Nunes (*Tratado da esfera*, *Tratado em defensam da carta de marear*).

Procuraremos estudar alguns termos representativos da astronomia náutica documentados em um manuscrito (Fonds Portugais 40, atual 61) do Códice 44.340 da Bibliothèque Nationale de Paris que nos foi oferecido pelo professor Nilton Vasco da Gama.

Como esse códice tem um papel relevante para a história náutica portuguesa, o matemático e astrônomo Luís Mendonça de Albuquerque editou-o, em 1963, com o título de *Livro de marinharia de André Pires*, com o objetivo principal de tornar acessível o aspecto técnico da obra.

Vale ressaltar que não pretendemos fazer um levantamento exaustivo dos dados. Estabelecemos um pequeno corpus, selecionando alguns nomes (substantivos e adjetivos), verbos e locuções que apresentam, a nosso ver, certo interesse quanto à sua atestação.

O conteúdo do códice abrange dois pequenos roteiros e textos de astronomia náutica, técnica de navegar baseada em observações astronômicas, desenvolvida, em Portugal, e utilizada nas grandes viagens dos descobrimentos, a saber: tábuas solares e instruções para o seu uso; três regimentos do Sol; valor de um grau do meridiano terrestre, seguido de indicações sobre as unidades sexagesimais de arco; regimento da Estrela do Norte; dois regimentos das léguas; regimento para a determinação da meia-noite pela Estrela Polar; declaração do meridiano vero; tratado da agulha de marear; regimento do Cruzeiro do Sul; regimento da Estrela do Sul; indicações sobre o curso do Sol no Zodíaco; alturas em polegadas de vários lugares da Índia; comprimento do meridiano da terra; questionário sobre cosmografia e uma regra para calcular as diferentes fases da lua e as festas móveis. Os Livros de marinharia destinavam-se à divulgação, entre marinheiros, dessas noções, veiculadas, antes, nos Guias náuticos.

ÇEO - s.m. 'o firmamento',

[...] tamanho é o çircolo em sua estança como o do çeo. XLIII 8

No ms., o grafema final <-o> é característico das palavras em que o hiato decorre da síncope da consoante intervocálica. Lat. *Caelu>çeo* (Williams, §48, 2, A). Também em *grao* < GRADU.

SOL - s.m. 'Única estrela que tem luz própria, para os autores do século XVI; 'única fonte de luz celeste'(BLUTEAU s.v.) Camões o chama "o lucido planeta" (*Lus.* 1)

[...] sendo o Sol ao sul da linha equinonçial. X 12.

ESTRELA s. f. *Astr.* 'astro celeste'.

(Do lat. *stella -ae*). No tempo de Camões, a sua significação era mais ampla, porque abrangia também os planetas. (Cf. SILVA, L. P. da, p. 47). Podiam ser fixas, as que estão no firmamento, ou erráticas (planetas), situadas nas esferas planetárias.

[...] teres conhecimento de hũa estrela [...] XXXII 3

ESTRELA DO NORTE - Ursa Menor, chamada pelos italianos de Tramontana (PIMENTEL op. cit.).

[...] e a Estrela do Norte está acima do eixo 3 graus[...] XIV 16

ESTRELA - 'Estrela do Norte'

[...] pera por ele bornear a estrela, [...] XXX, 13

GUARDAS - ou Guardas do Norte. 'As três estrelas mais chegadas ao Polo Ártico'.

[...] quando quer que as goardas vão na linha abaixo do eixo d'aloeste. XIV 7.

GUARDA DIANTEIRA - 'Estrela Polar', a do meio, a mais clara das três da Ursa Menor.

[...] está a guarda dianteira cõ a Estrela do Norte norte e sul. XIV 15.

NORTE - Estrela do Norte

Esta anda junto com o Norte [...] XXXII 4

CRUZEIRO DO SUL - loc. nom. Astr. 'constelação austral constituída de quatro estrelas em forma de cruz (a, b, l e d Crucis) e de uma menos brilhante (e Crucis), próxima ao braço menor da cruz'.

[...] detreminei de fazer a decraração sobre o Cruzeiro do Sul, XXXIII 6

CRUZEIRO - s. m. 'Cruzeiro do Sul'

(Deriv. de Cruz, do lat. Crux, crucis).

E por este Cruzeiro ser mais manifesto sinal aos navegantes, [...] XXXIII 12

SINAIS - s. m. pl. 'Duas guardas do Cruzeiro'.

[...] bem viamos ambos os sinais em hũa linha com o polo do mundo. XXXIII 10

MOTO ORBICULAR - loc. nom. 'movimento circular das estrelas'

[...] sabendo tu o seu moto orbicular, [...] XXXV 6

DECLINAÇÃO - s.f. Astr.. 'afastamento do Sol ou de uma estrela, a partir da linha equinocial para qualquer dos polos (Ártico ou Antártico), sobre os dois trópicos de Câncer ou Capricórnio'.

(Do lat. declinatio,-onis).

Busca a declinação desse dia, [...] II 4-5

DECLINAR v. intr. Astr., 'afastar-se do Equador'.

(do lat. declinare, de clinare 'inclinare, pender').

E se caso for que o Cruzeiro declinar, [...] XXXIV 6

SINAL s. m. Astr. 'posição relativa de um astro utilizada para determinação da latitude.'

(Do lat. signalis)

Regimento da Estrela do Norte com os sinais das guardas. XIII 15

SINO s.m. Astr. 'qualquer uma das doze partes ou espaços iguais em que se divide o Zodíaco,'signo'.

(Do lat. signum-i)

*E querendo saber em que sino está o Sol, [...] II 19*

AUSTRINAL adj. 'que fica ao lado do austro ou sul'. 'Austral'.

(Do lat. australis, -e).

Cf. CUNHA, A. G. da. Dicionário s.v. austral, onde se registra a forma austrino, atribuindo-lhe a data de 1572. Cf. CAMÕES Lus. IX 16,4: *Apartadas assi da ardente costa, / as venturosas naos, leuando a proa / pera onde a natureza tinha posta / a Meta Austrina da esperança boa, [...]*

*E isto se entende do polo do mundo austrinal. XXXV 9*

EQUINONÇIAL s. f. Astr., Náut. Equinocial, 'linha do círculo máximo, com igual distância dos dois polos do mundo; aí se ajustam as longitudes do céu e da terra e daí começa-se a contar a declinação do Sol e das estrelas. Também chamada de linha equinocial e de Equador.

*[...] torna outra vez a cambar da parte do norte da equinonçial. V 6*

CANONÇIAL (variante de equinonçial.)

*E quando o Sol é na canonçial de clara ao polo artico em 23 gra(os) e 23 minut(os).XLIV 17.*

ESPERA s.f. arcaico; 'esfera', 'material que representa a esfera celeste'.

*[...] ha de ser hũa espera [...] XXX 14*

ESPERA DO CIRCOLO MAIOR. loc. 'perímetro do Equador'

*[...] na redondeza do mundo e na espera do circulo mayor. [...] são 360 graos [...] XLIII*

ZENIQUE s.m. Astr. 'intersecção da vertical superior do lugar com a esfera celeste; ponto que, no alto do céu, corresponde perpendicularmente à nossa cabeça, em qualquer lugar que estejamos.'

(Do ár. cénit)

*[...] sabe que o Sol é em çima de teu zenique. VIII 11*

LEVANTE s. m. 'orientes'.

(De *levantar*, do lat. \*levantare) usado originariamente como adjetivo na expressão "sol levante", e que se opõe a "sol poente".

*Estas çidades estão da banda de nosso levante. LV 9*

ALOESTE s.m. 'oeste'

*[...] per de leste nem per aloeste. [...] XXVI 17*

PONENTE s. m. 'poente.'

(Do lat. ponens,-entis). Latinismo.

*[...] o ponente da ilha do Fogo. LII 3*

SETENTRIONAL s.m. 'norte'  
(Do lat. *septentrio,-onis*)

[...] *pera saberes quanto é o que estás arredado da linha equinonçial pera a parte do setentrional que é o norte.* XIII 18

ORIENTE s. m. 'região onde nasce o sol', 'levante'.  
(Do lat. *oriens,-entis*).

[...] *se forem no meridiano v(er)dadeiro per o oriente.* [...] XXVIII 15

OURIENTE variante de *oriente*.

[...] o Norte decria ao ouriente [...] XXXI 20

REDONDEZA s. f. 'circunferência do globo terrestre'.  
(Deriv. de *redondo*, do lat. vulg. *retundus* (cláss. *rotundus*).

*Pera saberes quantas legoas ha na redondeza do mundo.* XLIII 1

CLIMA s.f. 'zona terrestre limitada por círculos paralelos ao Equador, em número de 7.'

(Termo cosmográfico de origem grega que significa pendor ou inclinação, porque os climas se fazem com uma inclinação da esfera). Do fr. *climat* deriv. do lat. *clima,-atis*, por sua vez, deriv. do gr. *klíma,-atos*.

[...] *que é o meyo do mundo, que é a clima mais alta.* XLIV 20

PARTES s.f. pl. 'regiões'. Do lat. *pars, partis*, latinismo.

[...] *e pera todas as partes que são descubertas.* XLVII 2

MAR OUÇIANO loc. nom. "mar exterior, em oposição ao Mar Mediterrâneo, chamado de "mar interior", mar Oceano, Oceano Atlântico.

[...] *foi espermentada per mim, Andre Pi(re)z, em o mar Ouçiano.* [...] XIII 3-4

A idéia que antigamente se tinha do Oceano Atlântico é muito diferente do que hoje temos conhecimento através de mapas modernos e de fotografias de satélite.

*Oceano* - vocábulo de origem incerta, provavelmente fenícia ocitense. Passou a designar o mar exterior a partir de uma denominação que se encontra em um mapa-mundi, representando o vasto *oceano*. Esse mapa foi encontrado na cidade de Mileto, na costa ocidental da Austrália, próxima à atual Söke, na Turquia.

(ÇESPEDES DEL CASTILHO. p. 14-15)

Foi chamado "Atlântico" por causa do monte Atlas, assim como tudo o que parecia inavegável recebeu esse nome. (Cf. BLUTEAU, s.v.)

MARINHARIA s.f. 'conhecimento náutico desenvolvido e sistematizado pelos navegantes portugueses desde o Infante D. Henrique até finais do século XVII, e destinados à manobra do navio'.

*Primeiramente a conta da marinharia. XIX 19*

NAVEGAÇÃO s.f. Mar. 'arte de navegar'.

(Do lat. *navigatio-onis*).

*Sabe que pera tua navegação ser justa e verdadeira [...] XII 13*

BALHISTINHA DO MOURO loc. nom. Náut. 'instrumento de navegação árabe, constituído de uma tábua retangular, em que um cordel com vários nós dispostos em distâncias determinadas era fixado no centro, a fim de que, prendendo-o aos dentes e estendendo a tábua de acordo com a altura do astro, o piloto pudesse visar o astro através de uma das bordas da tábua e o horizonte, através da outra borda.' Tavoleta da Índia, kamal.

(*Balestilha* do ant. cast. *balestilla* (mod. *balestilla*) dim. do lat. *ballista*).

Da sua figura antiga, semelhante a um arco e seta, tomou o nome de *Balestilha*, diminutivo de *Balista* que é uma máquina.

*Esta conta é p(ela) Balhistinha do mouro. XL 10.*

QUADRANTE s. m. Náut. 'instrumento ótico constituído de dois espelhos e uma luneta astronômica presos a um setor de um quarto de círculo (90°), servindo para medir a altura de um astro acima do horizonte'.

(Do lat. *quadrans-tis*).

*[...] per estrelabio ou quadrante. V 15*

ESTRELABIO s. m. Astr. 'instrumento que servia para tomar a altura de um astro acima do horizonte e daí determinar a latitude de um lugar'. Astrolábio. (Do lat. med. *astrolabium* deriv. do gr. *astrolábon*).

*[...] tomaras altura do Sol per estrelabio. V 15*

ESTERLABIO (variante de *estrelabio*)

*[...] faras por çima da declina do esterlabio, [...] X 9*

DECLINA s. f. Astr. 'espécie de régua móvel disposta na circunferência do astrolábio, com duas pínulas nas extremidade para indicar a altura de um astro'. *Declina*, *medeclina*, chamada pelos árabes *alidade* e pelos gregos *dioptrós*.

(Do lat. *medeclinium*. Na prática, a palavra tomou a forma feminina. Pedro Nunes no *Tratado da Sphera* (1537) chama à alidade de "medeclínio". SILVA, Luciano P. da, p. 163).

*Esta conta ao diante escrita faras por çima da declina do esterlabio, [...] X 8-9*

AGULHA s.f. Mar 'agulha magnética móvel em torno de um eixo que passa pelo seu centro de gravidade, montada, geralmente, em caixa com limbo graduado, e usada para orientação'.

(Do lat. \**acucula*, dim. de *acus*, -us).

[...] e pera saberes quanto te faz agulha de nordesteamento. XXVI 10-11.

AGULHA DE MAREAR loc. nom. Mar. 'bússola própria para navegação marítima, com uma agulha magnética; voltada para o sul ou para o norte, indica no círculo graduado o arco ou grau que fica entre o meridiano e o rumo que toma o navio e, assim, serve de guia para os pilotos'.

*Aqui se começa o tratado d'agulha de marear, [...] XXVIII 3*

POLO NÃO MOVIDO loc. nom. 'polo fixo, sem variação magnética'.

*Quando vieres navegando pela parte sul da linha equinonçial [...] ao polo não movido [...] XXVII 2*

POLO MOVIBLE loc. nom. 'polo móvel, com variação magnética'.

[...] ha do merediano a haste <do> polo movible 2000 l(ego)as, [...] XXVII 3

MEREDIANO VERO loc. nom. Mar. 'meridiano que corresponde à variação magnética nula'.

[...] saberas que desta çidade de Lixboa a 60 l(eg)oas e 1/2 está o merediano v(er)o. XXVII 14

FAZER AFASTAMENTO loc. verb. 'variar das agulhas'.

[...] has de saber que hūas fazem mayor afastamento q(ue) as outras [...] XXVIII 18

FAZER CONHEÇIMENTO loc. verbal 'variar magneticamente'.

[...] se forem no merediano v(er)dadeiro pera o oriente, faz conheçimento pera o nordeste, [...] XXVIII 15

NORDESTEAR - v. intr. movimentar-se (a agulha magnética) para o oriente.

[...] se forem no merediano verdadeiro para o oriente, faz conheçimento para o nordeste [...] e isto se diz nordestear [...] XXVIII 17

NOROESTEAR - v. intr. movimentar-se (a agulha magnética) para o ocidente.

[...] e sendo o merediano pera o oçidente, faz conheçimento pera o oçidente; e isto se diz [...] norouestear. XXVIII 17-18

TAVOA s.f. Astr. 'tábua solar quadrienal que indica as declinações do astro calculadas em graus.'

[...] a mão esquerda de cada tavoá [...] I 16

FROL DE LIS s. f. comp. 'ornamento heráldico em forma de lírio estilizado existente na bússola'. *Flor-de-lis*.

[...] andaram mudando os ferros das agulhas fora da frol de lis [...] XXIX 1-2

[...] fossem fixas as frol de lises no polo do mundo, [...] XXIX 3

VARIAR s. m. 'movimento da agulha magnética na bússola'. (Do lat. *variare*).

[...] quanto é afastado do meridiano pelo variar das agulhas. XXVII 10

BORNEAR v. tr. 'apontar', 'marcar ou fixar a posição da bússola pela passagem meridiana de um astro, com o fim de determinar uma latitude'. (Talvez deriv. do fr. *borne*).

Termo de artilharia, originariamente. *Bornear a peça* é fazer a pontaria.

[...] pera por ele bornear a estrela, em maneira de quadrante. XXX 13

TAVOADA s. f. 'tabua solar'

*Has de saber que aqui são postas quatro tavoadas [...] I 1*

AO SOM DAS SOMBRAS. loc. adv. Mar. 'ao sabor das sombras', 'de acordo com as sombras'

[...] *has de fazer a conta do Sol ao som das sôbras, [...] XII 14*

## Considerações finais

Do conjunto de palavras e expressões estudadas, chamam a nossa atenção certas especializações de sentido em campos conceituais bem definidos (*bornear*), o uso da metáfora lexicalizada (*ao som das sombras*), própria da criação de palavras; a metaforização, com o passar do tempo, perde, através da mecanização lingüística, a sua força motivadora na consciência dos falantes.

Formas arcaicas que hoje são totalmente desusadas (*ponente*) encontram-se ao lado de outras formas cujos significados já se tornaram obsoletos, devido às novas descobertas a partir da interpretação da realidade (*estrela=planeta*).

Outras palavras documentam a influência de povos que contribuíram, como os árabes e os gregos, para o desenvolvimento do conhecimento humano, especialmente na Astronomia. Do mesmo modo, formas de origem francesa, castelhana e italiana demonstram a variedade, nessa área, de empréstimos na constituição do léxico português.

O conhecimento do léxico em relação com o desenvolvimento da humanidade levanta questões muito complexas, tornando-nos cada vez mais conscientes de que, nesse campo, ainda há muito o que explorar. Esperamos que essa pequena amostra, mesmo com as suas limitações, contribua para despertar maior interesse pela pesquisa nessa área.

### Refêrências bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. *Os guias náuticos de Munique e Évora*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965.
- ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. ed. *O livro de marinharia de André Pires*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1963.
- ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. ed. *O livro de marinharia de Manoel Alvares*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1969.
- ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. ed. *O livro de marinharia de Pero Vaz Fragoso*. Coimbra: Junta de Investigação do Ultramar, 1977.
- BALDINGER, Kurt. *Vers une sémantique moderne*. 1. éd. fr. revue et mise à jour par l'auteur. Paris: Klincksieck, 1984.
- BARRETO, Luís Filipe. *Caminhos do saber no renascimento português*. Porto: Instituto Nacional - Casa da Moeda, 1986.
- BARRETO, Luís Filipe. *Descobrimientos e renascimento: formas de ser e pensar nos séculos XV e XVI*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983.
- BENSAÚDE, Joaquim. *L'astronomie nautique au Portugal à l'époque des grandes découvertes*. Berne: Max Drechsel, 1912.
- BOURDON, Léon, ALBUQUERQUE, Luís Mendonça de. eds. *Le "livro de marinharia" de Gaspar Moreira*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977.
- CÉSPEDES DEL CASTILLO. *La exploración del Atlántico*. Madrid: MAPFRE, 1991.
- CORRIENTE, Federico. *Árabe andalusi y lenguas romances*. Madrid: MAPFRE, 1992.
- CORTESÃO, Armando. ed. *Arte de navegar de Manuel Pimentel*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1969.
- COSTA, A. Fontoura da. ed. *Livro de marinharia de Bernardo Fernandes*. Lisboa: Agência Geral das Colonias, 1940.
- COSTA, A. Fontoura da. *A marinharia dos descobrimientos*. 3. ed. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1960.
- COSTA, A. Fontoura da. *Pedro Nunes (1502-1578)*. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1969.
- DIAS, João José Alves. ed. *Livro dos conselhos de el-rei D. Duarte*: (livro da cartuxa). Lisboa: Estampa, 1982.
- GARCÍA DE PALACIO, Diego. *Instruccion náutica para navegar*. Madrid: Cultura Hispánica, 1994.
- NUNEZ, Pero. *Tratado da sphaera*. Munich: J. B. Oebervetter, 1915.
- REBELLO, Jacinto Ignacio de Brito. ed. *Livro de marinharia, tratado da agulha de marear de João de Lisboa*. Lisboa: Libanio da Silva, 1903.
- SAMPAIO, Albino Forjaz. dir. *História da literatura portuguesa ilustrada*. Lisboa: Bertrand, 1932, v. 3.
- SILVA, Luciano Pereira da. *A astronomia de Os Lusíadas*. Nova ed. prep. para a Junta de Investigações do Ultramar no IV Centenário da 1. ed. de *Os Lusíadas*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972.
- VITERBO, Francisco de Souza. *Trabalhos náuticos dos portugueses*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1922.

## Dicionários - Vocabulários

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário portuguez e latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1827.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. dir. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e acresc. de um suplem. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Índice analítico do vocabulário de Os Lusíadas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1980.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1967.
- MEYER-LÜBKE, Wilhelm. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. 3. Vollständig neubearbeitete Auflage. Heidelberg: Carl Winters, 1935.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 1. e única ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932.
- SERRÃO, Joel. *Dicionário de história de Portugal*. s. l. p. Iniciativas Editoriais, 1979.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa. *Elucidario das palavras, termos e frases...* Ed. crítica por Mário Fiúza. Porto: Lisboa, 1966.